

JOÃO PIRES FIGUEIREDO

Estágio Profissional no Atelier PROAP

A Importância do Lugar e do Intérprete no Projeto de Arquitetura
Paisagista



Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências e Tecnologias

2023

JOÃO PIRES FIGUEIREDO

Estágio Profissional no Atelier PROAP

A Importância do Lugar e do Intérprete no Projeto de Arquitetura
Paisagista

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Dissertação para a obtenção do Grau Mestre em Arquitetura Paisagista

Trabalho efetuado sob a orientação:

ORIENTADOR: Prof.^a Arq. Paisagista Ana Paula Gomes da Silva



Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências e Tecnologias

2023

Estágio Profissional no Atelier PROAP

A Importância do Lugar e do Intérprete no Projeto de Arquitetura

Paisagista

“Declaração de autoria de trabalho”

“Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”

(João Pires Figueiredo)

"A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos"

Agradecimentos

Quero começar este agradecimento à minha família, por todo o amor e suporte incondicional, por me terem providenciado tudo até aqui. O esforço que me permite estar aqui é muito maior vosso do que propriamente meu. Portanto, devo-vos isto e muito mais, com todo o meu coração.

Ainda dentro do âmbito familiar agradecer ao meu irmão, cunhada e sobrinha por me darem o pilar e a estrutura familiar que precisei, numa nova cidade e perante tanta mudança na minha vida, em que me encontrei fora da minha zona de conforto, o amor e amizade indescritível, tornaram a minha vida mais leve.

Quero agradecer aos meus colegas universitários que se tornaram grandes amigos, por fazerem parte destes meus 5 anos de vida, sem vocês nada seria possível e espero que a nossa história não fique por aqui, seja na profissão ou no resto do que a vida tem.

Aos meus amigos e irmãos da terrinha por fazerem parte de mim, fazerem de mim a pessoa que sou hoje, e por me ajudarem a lembrar que a vida não é só estudo e trabalho.

Não podendo deixar de agradecer aos meus professores e todos os docentes da Universidade do Algarve, por me terem acolhido e me providenciarem as bases e ferramentas que preciso para desempenhar esta profissão pela qual desenvolvi imenso gosto. Esse gosto também devo parte a vocês.

Um muito obrigado à professora Ana Paula Gomes da Silva, pela orientação, pela ajuda e disponibilidade prestadas, pelas sugestões e críticas tecidas, que contribuíram juntamente para um trabalho melhor e mais coerente.

Um agradecimento especial à equipa PROAP por me terem aceite e acolhido no seio laboral, a todas as pessoas com quem tive oportunidade de partilhar esta experiência no atelier e no início de uma nova etapa da minha vida. Pelas horas partilhadas de trabalho intenso e pelos momentos de descontração que as intercalaram. Ao João Nunes e Iñaki Zoilo, por todo o conhecimento transmitido e coordenação prestada, pelo contributo para a minha formação e desenvolvimento profissional e pessoal.

A todos os que direta ou indiretamente fizeram parte deste meu percurso.

Muito obrigado.

Resumo

Este documento relata a experiência profissional obtida durante a realização do estágio profissional no Atelier de Arquitetura paisagista PROAP, sediado em Lisboa. Ao qual se fez associar uma investigação que se debruça sobre o projeto de arquitetura paisagista no que respeita a dois aspetos fundamentais: o local da intervenção e o responsável pela intervenção.

O estado da arte foi aprofundado segundo uma perspetiva integradora no que toca aos aspetos naturais e culturais característicos do Lugar, em que o arquiteto paisagista, e todos os restantes organizadores do espaço que operam lado a lado com ele. Estes são vistos, primeiramente como Intérpretes do espaço de intervenção, responsáveis pela sua compreensão e adequação de um método específico de projeto que garanta a conservação do seu carácter durante o processo da construção espacial. Foram também analisados e explanados os termos e conceitos essenciais no âmbito desta abordagem, bem como, estudados alguns métodos de análise e transformação do espaço. Com base nos conceitos e termos consolidados, estabeleceu-se como objetivo submeter ao trabalho da PROAP, valores e modo de operação, uma análise e avaliação, nos termos explorados. Uma vez integrado na equipa que constitui o atelier, o acesso a informação e a possibilidade de observação contribuíram para construir essa reflexão, com a mais-valia de poder aliar à análise de projetos já construídos, aqueles em que participei.

Inclui-se ainda a descrição do trabalho desenvolvido no decorrer do estágio profissional e a experiência adquirida. A experiência de estagiar na PROAP revelou-se bastante enriquecedora na consolidação de conhecimentos teóricos, técnicos e conceituais.

Conclui-se que o arquiteto paisagista tem um importante papel enquanto Intérprete e agente de transformações da paisagem, na criação de Lugares significativos que se possam tornar duradouros, atendendo às necessidades da sociedade e contribuindo para a preservação da Identidade dos Lugares.

Palavras-Chave:

Genius Loci, Lugar, Carácter do Lugar, Apego ao Lugar, Intérprete, Arquiteto Paisagista

Abstract

This document describes the professional experience gained during my internship at PROAP, a landscape architecture studio based in Lisbon. The internship was combined with research into landscape architecture designing in terms of two fundamental aspects: the site of the intervention and the person responsible for the intervention.

The state of the art was explored from an integrative perspective regarding the natural and cultural aspects characteristic of the Place, in which the landscape architects, and all the other organizers of the space who work alongside him. They are seen primarily as interpreters of the space of intervention, responsible for understanding it and adapting a specific design approach that guarantees the conservation of its character during the process of spatial construction. The essential terms and concepts within the scope of this approach were also analyzed and explained, as were some methods of analyzing and transforming the space. Based on the consolidated concepts and terms, the aim was to have PROAP's work, values and mode of operation analyzed and evaluated in the terms explored. Once I was part of the team at the studio, the access to information and the possibility of observation helped to build this reflection, with the additional value of being able to combine the analysis of projects that had already been built with those in which I had participated.

It also includes a description of the work developed during the internship and the experience gained. The internship experience at PROAP proved to be highly rewarding in terms of consolidating theoretical, technical, and conceptual knowledge.

In conclusion, landscape architects have an important role as interpreters and agents of landscape transformation, in the creation of meaningful places that can last, serving the needs of society and contributing to the preservation of the identity of places.

Keyword(s):

Genius Loci, Place, Character of Place, Place Attachment, Interpreter, Landscape Architect

Índice

Introdução.....	1
1. Delimitação do Tema de Investigação, Objetivos e Metodologia.....	4
1.1. Tema de Investigação	4
1.2. Objetivos.....	5
1.3. Metodologia.....	6
2. Definições e Conceitos Fundamentais.....	9
2.1. Paisagem	9
2.2. Lugar.....	10
2.3. Não-Lugar.....	15
2.4. O Intérprete.....	17
2.5. Lugar vs. Intérprete.....	26
3. Lugar pela PROAP.....	35
3.1. O Atelier como Intérprete.....	35
3.2. Da Análise ao Projeto.....	40
3.3. O Lugar no Projeto.....	46
3.4. Resultados e Discussão.....	88
4. Atelier PROAP.....	93
4.1. Princípios.....	93
4.2. História.....	94
4.3. Direção.....	97
5. Estágio na PROAP.....	98
5.1. Trabalhos Realizados.....	102
Reflexão Final.....	132
Bibliografia.....	135
Webgrafia.....	138

Índice de Figuras

Figura 2.1- A relação entre “hard values” e “soft values” (Fonte: Vecco, 2020).	13
Figura 2.2 - O movimento circular de manutenção e valorização do Espírito do Lugar (Fonte: Vecco, 2020).	24
Figura 2.3 - Projeto enquanto Nome, Projeto enquanto Verbo (Fonte: o autor).	34
Figura 3.1 – Dispositivo laser Leica BLK360 (Fonte: Leica Geosystems).....	39
Figura 3.2 – Levantamento executado na PROAP, com dispositivo Leica BLK360, para o projeto Lazareto de Lisboa (Fonte: PROAP Servidor).....	39
Figura 3.3 – Progresso desde o esquiço inicial ao Plano Geral do Projeto Quinta das Conchinhas, Lisboa (Portugal) (Fonte: PROAP Servidor).....	43
Figura 3.4 – O mesmo projeto, Frente Ribeirinha de Fano (Itália), trabalhado a escalas diferentes (Fonte: PROAP Servidor).....	44
Figura 3.5 – Maquete impressa em impressora 3D, para estudos de criação de ilhas artificiais no projeto Forte Village Resort, Cagliari (Itália) (Fonte: PROAP Servidor). 45	
Figura 3.6 - Entulhos Parque das Nações, Bruno Portela. 1994 (Fonte: Idealista News).....	47
Figura 3.7 – Refinaria de Cabo Ruivo, Bruno Portela. 1994 (Fonte: Mundo Português).....	47
Figura 3.8 - ETAR e Aterro Sanitário de Beirolas. 1995 (Fonte: Ortofotos 1 m - Portugal Continental – 1995. Direção Geral do Território. EPSG:3763).....	47
Figura 3.9 – Planta do Parque das Nações – Planos de Pormenor (Fonte: Portal das Nações).....	48
Figura 3.10 – Plano Geral: Parque Tejo e Trancão. 1999 (Fonte: Bienal Internacional de Paisatge Barcelona).	49
Figura 3.11 - Parque Tejo e Trancão, passadiço sobre o Tejo (Fonte: PROAP).....	50
Figura 3.12 – Parque Tejo e Trancão, topografia (Fonte: PROAP).	50
Figura 3.13 – Parque Tejo e Trancão. 2023 (Fonte: Google Earth).	50
Figura 3.14 – Caudal antes da construção da barragem. Anos 30 (Fonte: Página Facebook - Montalvam).	53
Figura 3.15 - Caudal depois da construção da barragem (Fonte: Página Facebook - Montalvam).	53
Figura 3.16 - Hotel INATEL Gavião, inserido na paisagem (Fonte: Habitar Portugal). 54	
Figura 3.17 - Hotel INATEL Gavião, fachada (Fonte: Habitar Portugal).....	54

Figura 3.18 - Plano Geral: Parque Fluvial da Quinta do Alamal (Fonte: PROAP).....	55
Figura 3.19 – Complexo Fluvial da Quinta do Alamal (Fonte: Câmara Municipal de Gavião).	56
Figura 3.20 – Socalcos destinados ao campismo (Fonte: Luiz Alexandre Google Maps).....	57
Figura 3.21 - Passadiços do Alamal (Fonte: Sapo Viagens).	57
Figura 3.22 - Reconstituição conjectural da Cava de Viriato na transição do primeiro para o segundo quartel do século X. Anyforms Design (Fonte: National Geographic Portugal).	59
Figura 3.23 – Imagem aérea da Cava do Viriato. 2021 (Fonte: Ortofotos 0,25 m - Portugal Continental – 2021. Direção Geral do Território. EPSG:3763).....	60
Figura 3.24 – Plano Geral: Envolvente da Cava do Viriato (Fonte: PROAP).	61
Figura 3.25 - Esquício de ideia de projeto, João Nunes (Fonte: PROAP).	62
Figura 3.26 – Linearidade no topo do talude (Fonte: PROAP).	63
Figura 3.27 - Destaque para o rigor dos ângulos (Fonte: PROAP).	63
Figura 3.28 – Ruínas do Castelo Mourisco – Lado do Nascente (Silves, anos 20) (Fonte: Jornal Terra Ruiva).	65
Figura 3.29 – Zona Especial de Proteção do Castelo de Silves (Fonte: Direção Geral do Património Cultural).....	66
Figura 3.30 - Plano Geral: Encosta do Castelo de Silves (Fonte: PROAP).	67
Figura 3.31 - Esquício de ideia de projeto, João Nunes (Fonte: PROAP).	68
Figura 3.32 – Patamares e ligações (Fonte: Divisare – Fernando Guerra).....	68
Figura 3.33 – Zona de entrada, junto do Edifício do Centro Tecnológico de Citricultura (Fonte: Divisare – Fernando Guerra).....	69
Figura 3.34 – O trajeto da encosta (Fonte: Divisare – Fernando Guerra).	69
Figura 3.35 – A estatua do Adamastor. 1965 (Fonte: Blog Lisboa de Antigamente). ...	72
Figura 3.36 – O miradouro do Alto de Santa Catarina. 1968 (Fonte: Blog Paixão por Lisboa).	72
Figura 3.37 – Traçado geral no ano de 1965 (Fonte: Blog Lisboa de Antigamente).	73
Figura 3.38 – Configuração antes da intervenção (Fonte: Dicas de Lisboa).....	73
Figura 3.39 – Plano Geral: Miradouro de Santa Catarina (Fonte: PROAP).....	74
Figura 3.40 – Projeto terminado (Fonte: Câmara Municipal de Lisboa).....	75
Figura 3.41 – Secção de corte, com várias tipologias de espaço (Fonte: PROAP).	75
Figura 3.42 – Utilização noturna do espaço (Fonte: Getty images).	76

Figura 3.43 – Utilização diurna do espaço (Fonte: Getty images).....	76
Figura 3.44 – Carta histórica de 1911, por Silvia Pinto (Fonte: Global).....	79
Figura 3.45 – Iconografia da baixa antes do terramoto, 1755-59 (Fonte: Old Maps Online).....	80
Figura 3.46 – Legenda da iconografia da baixa antes do terramoto, 1755-59 (Fonte: Old Maps Online).....	80
Figura 3.47 – Maquete de Lisboa antes do terramoto de 1755 (Fonte: Museu de Lisboa).....	81
Figura 3.48 – Foto tirada em 1930, antes da Avenida da Ribeira das Naus, na passagem do Zeppelin world voyages (Fonte: Facebook – Portugal Antigamente).....	82
Figura 3.49 – Foto tirada em 1952, após a construção da Avenida da Ribeira das Naus (Fonte: Blog Lisboa de Antigamente).	82
Figura 3.50 – A zona entre a Avenida da Ribeira das Naus e o rio utilizada como praia em 1962, Artur Goulart (Fonte: Público).	82
Figura 3.51 – Avenida da Ribeira das Naus em construção (Fonte: Wikipédia).	82
Figura 3.52 – Sobreposição dos diferentes limites da margem: a vermelho o proposto, a branco o dos antigos estaleiros (Fonte: Global).	83
Figura 3.53 – Reinterpretação das rampas de varadouro, junta entre relvado e pedra de basalto a representar o antigo limite de costa (Fonte: Global).	84
Figura 3.54 – Novo limite de margem, a “praia” (Fonte: Global).....	85
Figura 3.55 – A nova zona da Ribeira das Naus (Fonte: Drone Snap).....	86
Figura 4.1 – O projeto (Fonte: PROAP).....	92
Figura 4.2 – Janelões do antigo espaço do Atelier (Fonte: PROAP).	99
Figura 5.1 – Planta Convento de San Francisco. 1738 (Fonte: Ajuntament de València Geoportal).	103
Figura 5.2 – Planta Plaza del Ayuntamiento. 2022 (Fonte: Ajuntament de València Geoportal)	103
Figura 5.3 – Fachada Ayuntamiento de València. 2022 (Fonte: For 91 Days).....	104
Figura 5.4 – Fachada Correos. 2014 (Fonte: Wikipedia).	104
Figura 5.5 – Fachada Ateneu Mercantil de València. 2011 (Fonte: Wikipedia).....	104
Figura 5.6 – Plano Geral: Plaza del Ayuntamiento (Fonte: PROAP Servidor).....	105
Figura 5.7 – 3D das floristas na Plaza del Ayuntamiento (Fonte: PROAP Servidor)..	106
Figura 5.8 – BirdView da Plaza del Ayuntamiento (Fonte: PROAP Servidor).	107
Figura 5.9 – Opção para os parterres arbustivos (Fonte: PROAP Servidor).....	107

Figura 5.10 – Calendário Fenológico das espécies propostas (Fonte: PROAP Servidor).....	109
Figura 5.11 – Limite de intervenção do concurso Novo Edifício do Paço do Concelho de Santa Maria da Feira (Fonte: Autor + Base Google Earth).	110
Figura 5.12 – Diagrama conceptual – Linhas de água (Fonte: Autor).	111
Figura 5.13 - Plano Geral: Novo Edifício do Paço do Concelho de Santa Maria da Feira (Fonte: PROAP Servidor).....	112
Figura 5.14 - Diagrama conceptual – Contenção de terra – Parte Superior vs. Inferior (Fonte: Autor).....	113
Figura 5.15 - Diagrama conceptual – Faixas - Naturalizada vs. Humanizada (Fonte: Autor).....	113
Figura 5.16 – Imagem drone Casa Del Direttore em planta (Fonte: PROAP Servidor).....	116
Figura 5.17 - Casa Del Direttore (Fonte: PROAP Servidor).....	116
Figura 5.18 - Imagem drone Fornace em planta (Fonte: PROAP Servidor).	116
Figura 5.19 – Fornace (Fonte: PROAP Servidor).	116
Figura 5.20 – Painel de Análise Topográfica da Ex-miniera di Calabona (Fonte: PROAP Servidor).....	117
Figura 5.21 - Painel de Análise de Acessibilidade da Ex-miniera di Calabona (Fonte: PROAP Servidor).....	118
Figura 5.22 - Plano Geral: Ex-miniera di Calabona (Fonte: PROAP Servidor).....	119
Figura 5.23 – Painel de imagens de referência para a proposta de acesso à entrada da mina (Fonte: PROAP Servidor).....	120
Figura 5.24 - Limite de intervenção do concurso Lag Salichinas (Fonte: Autor + Base Google Earth).	121
Figura 5.25 - Plano Geral: Lag Salisquinas (Fonte: PROAP Servidor).....	122
Figura 5.26 – Cortes Tipo da proposta para a estrada no projeto Lag Salisquinas (Fonte: PROAP Servidor).....	123
Figura 5.27 - Limite de intervenção do concurso Quinta das Conchinhas (Fonte: Autor + Base Google Earth).	125
Figura 5.28 - Figura 89 - Plano Geral: Quinta das Conchinhas (Fonte: PROAP Servidor).....	126
Figura 5.29 – 3D do edifícios e socalcos na Quinta das Conchinhas (Fonte: PROAP Servidor).....	127

Índice de Gráficos

Gráfico 3.1 – Indicadores do Carácter do Lugar vs. Parque Tejo e Trancão (Fonte: Autor).....	52
Gráfico 3.2 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Parque Fluvial da Quinta do Alamal (Fonte: Autor).....	58
Gráfico 3.3 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Cava do Viriato (Fonte: Autor)....	64
Gráfico 3.4 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Encosta do Castelo de Silves (Fonte: Autor).....	71
Gráfico 3.5 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Miradouro de Santa Catarina (Fonte: Autor).....	78
Gráfico 3.6 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Ribeira das Naus (Fonte: Autor)...	87
Gráfico 3.7 – Média Indicadores do Carácter do Lugar Projetos PROAP (Fonte: Autor).....	89

Índice de Tabelas

Tabela 3.1 - Média Indicadores do Carácter do Lugar Projetos PROAP (Fonte: Autor).....	90
---	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

APAP - Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas

CEP - Convenção Europeia da Paisagem

CMG - Câmara Municipal de Gavião

CML - Câmara Municipal de Lisboa

CMS - Câmara Municipal de Silves

DJAA – djaa - Solo cultura, Valencia, arte e historia

Global - Global Arquitetura Paisagista Lda.

Harvard GSD - The Harvard Graduate School of Design

IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

Knowltonosu - The Knowlton School at The Ohio State University

PROAP – Proap, Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista Lda.

S.E.I.P - Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem

TCLF - The Cultural Landscape Foundation

UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

Introdução

O presente trabalho corresponde à dissertação “*A importância do Lugar e do Intérprete no Projeto de Arquitetura Paisagista.*”, para obtenção do grau de mestrado em arquitetura paisagista, na Universidade do Algarve. A dissertação segue a modalidade de relatório de estágio profissional, que teve lugar no atelier de arquitetura paisagista Proap, Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista Lda. (PROAP), com a duração de seis meses, entre março e agosto do ano 2022.

A intenção da realização do estágio profissional justificou-se pela oportunidade de obter experiência e contacto com o mundo profissional dentro da área. A experiência deste estágio permitiu integrar o quotidiano de uma grande equipa, com contacto e ação internacional, composta por profissionais de diversas áreas da conceção da paisagem. O estágio profissional realizado, proporcionou uma efetiva imersão na dinâmica do atelier.

A posição privilegiada, uma vez dentro do atelier, quanto à obtenção de informação, permitiu desenvolver uma componente de investigação que se debruça sobre a forma como é incorporado o conceito de Lugar nos projetos desenvolvidos pela PROAP.

O tema da investigação pretende explorar a importância da relação entre as características específicas de um Lugar e o papel do arquiteto paisagista, na leitura, conceção e transformação da paisagem. Na contemporaneidade, problemas como a perda de identidade e descaracterização são, muitas vezes, consequência do desprezo pelo Lugar e pelas características que o constroem, física e sensorialmente. A perda do Carácter do Lugar, que resulta da remoção do seu significado, acarreta uma falta de proximidade com as populações. Ao se apagarem marcas do território é também apagado o registo da evolução e história dos povos e culturas que as construíram.

A capacidade de transposição da Essência do Lugar através de um projeto contemporâneo contribui para a continuidade do processo de construção da paisagem, preservando o carácter e as relações históricas da sua transformação. Ao aprofundar este tema com experiências práticas do atelier PROAP, que reconhecidamente tem o tema do Lugar como aspeto central do seu processo de projeto, pretende-se chegar a algumas metodologias e conclusões quanto ao modo de interpretação e incorporação do conceito de Lugar nas intervenções, comprovando a importância dessas preocupações no projeto, para a preservação das relações culturais, históricas, funcionais, naturais e sociais.

Parte I

O Conceito de Lugar na PROAP

Alberto Caeiro

Rimo quando calha

[XIVa]

Rimo quando calha

E as mais das vezes não rimo...

Copio a Natureza e não a interrogo.

(De que me serviria interrogá-la?)

Nem **tudo é terreno plano,**

Por isso muitas vezes não rimo...

(1914)

1. Delimitação do Tema de Investigação, Objetivos e Metodologia

1.1. Tema de Investigação

O “*genius loci*”, ou o Espírito do Lugar, é um conceito utilizado na arquitetura e arquitetura paisagista, que exprime a capacidade de um lugar despertar sensações nos seres humanos, quando presentes em determinado sítio. Ou seja, a capacidade que o Lugar tem de nos fazer experienciar, ao nível cognitivo, algum tipo de sentimento ou emoção.

Isto leva a querer que, no aprofundar deste conceito, pode-se encontrar uma resposta quanto a fatores que justifiquem essa capacidade. Portanto, investigar e desconstruir esta ideia e conceito pode levar à razão presente nas suas propriedades, da origem desses estímulos, aparentemente inexplicáveis.

Com este conhecimento, é possível entender o que é um Lugar e o que o constrói, considerando todas as suas propriedades. E, deste modo, avaliar também a forma como este constrói e conseqüentemente, os autores dessas construções. Na atividade de construir espaços que se destinam ao uso, há que ter em consideração a qualidade destes, uma vez que se tornarão artefacto e espaço de ação do ser humano.

Um Lugar que nos desperta sensações é um Lugar considerado significativo, pelo qual se desenvolve uma relação de apego. Os arquitetos dessas construções ou transformações devem ter essa sensibilidade presente. Enquanto criadores de um Lugar, têm a responsabilidade de fazer com que estes sejam significativos para os seus utilizadores.

O tema desta investigação reside na procura do entendimento do conceito de Lugar e da capacidade deste se tornar significativo, para, deste modo, compreender a responsabilidade do arquiteto paisagista enquanto operador das transformações que visam criar um Lugar, considerando modos de atuar e deveres. Uma das posturas destacadas como mais relevante é a deste como Intérprete, o que lhe permite conhecer, entender e sentir o Lugar, antes de realizar qualquer intervenção, para que possa trabalhar com isso.

Aliando esta componente com a investigação realizada durante o período de estágio na PROAP, é possível conciliar ferramentas de estudo, já com largo conteúdo teórico, à componente prática da arquitetura paisagista, e assim, avaliar o modo de operação do atelier quanto à integração deste conceito, com a finalidade de compreender a importância dessas preocupações no projeto e em concreto nos projetos da PROAP.

1.2. Objetivos

O objetivo principal da investigação consiste na compreensão do modo como é incorporado o conceito de Lugar nas intervenções do atelier PROAP, considerando todas as fases de projeto. Pretende-se identificar e descrever como são analisados, trabalhados e integrados os conceitos associados ao Lugar - Carácter do Lugar, Identidade do Lugar, Espírito do Lugar (*genius loci*), Essência do Lugar, Especificidade do Lugar – e, de que forma isso se reflete nas intervenções, considerando as suas causas e efeitos.

De modo a atingir o objetivo primário foram traçados alguns objetivos secundários que contribuirão progressivamente para a construção da discussão e ideia desejadas.

Objetivo 1 - Enquadramento conceitual e teórico

Estabelecer o posicionamento em relação ao tema, conjugando a introdução de conceitos fundamentais para a argumentação e importantes opiniões de profissionais e teóricos dentro da arquitetura paisagista e arquitetura;

Objetivo 2 – Caracterizar a empresa

Apresentar o atelier, descrevendo a sua evolução face ao longo período de existência, bem como o seu funcionamento e os profissionais que o compõem;

Objetivo 3 - Entender como é trabalhado o conceito de Lugar no projeto

Descrever e identificar padrões relativamente ao modo como o Carácter do Lugar é considerado, a níveis formais e funcionais, compreendendo como é introduzido, transposto e que influência tem na conceção do projeto;

Objetivo 4 - Compreender o método de análise do Lugar da PROAP

Desconstruir o método de análise e caracterizar as etapas de interpretação do Lugar, antes e durante a transformação operada pelo projeto;

Objetivo 5 - Avaliar a capacidade de transposição do Carácter do Lugar pelos projetos da PROAP

Assinalar projetos do atelier que revelem a integração do conceito de Lugar no seu desenvolvimento, de forma a serem analisados através de indicadores que permitam avaliar os projetos assinalados, enquanto casos de estudo capazes, ou não, de transpor a Identidade do Lugar.

1.3. Metodologia

Os objetivos estabelecidos são bastante variados, pelo que, foi necessário recorrer a vários métodos. Pretendeu-se, através do estágio, observar e participar na metodologia adotada, nas diferentes fases do projeto, resultando na obtenção de contributo não apenas formativo, mas também informativo - para a componente de investigação. A metodologia é, assim, estruturada em várias etapas que se repartem: por um lado, em trabalho de pesquisa e análise, que foi realizado fora da empresa; e por outro lado, em estratégias de observação e interpretação, realizadas durante o estágio. Neste contexto foram utilizadas metodologias variadas.

Método 1 - Recolha de dados

A recolha de dados foi suportada por trabalho de pesquisa e revisão bibliográfica, com a intenção de fazer uma análise ao estado da arte relativamente ao tema de investigação. Os artigos/livros/entrevistas/revistas/vídeos encontrados nas pesquisas foram organizados segundo os diferentes subtemas, para que fossem identificados os conteúdos pertinentes para a pesquisa, de modo a facilitar a argumentação na construção da narrativa teórica.

Foram consultadas várias fontes, incluindo o arquivo do atelier, para a recolha de informações da empresa e opiniões dos arquitetos paisagistas responsáveis. Este trabalho foi desenvolvido durante o estágio e contribuiu com informação especialmente importante para descrever a empresa e a relacionar com o tema da investigação;

Método 2 – Etnografia

A etnografia é um método utilizado na antropologia para a recolha de dados que consiste no estudo descritivo dos factos e organizações de uma entidade. O objetivo é descrever o melhor possível todo o comportamento de determinado grupo, considerando

as suas especificidades, a fim de atingir a compreensão global do grupo em questão (Rivière, 2011).

A adaptação da etnografia à investigação na arquitetura paisagista pode assumir várias formas como entrevistas, textos e observação (Deming & Swaffield, 2011). O alcance dos objetivos relativos à caracterização da empresa e entendimento da metodologia praticada requer o desempenhar de uma postura de observador participante. Este método passa por viver entre a entidade que se observa, fazendo parte dos seus hábitos e atividades, imergindo nessa “sociedade”. A dificuldade resulta da posição do observador, com uma perspetiva limitada, uma vez que assume determinado estatuto no sistema (Rivière, 2011).

Neste caso o objeto de estudo é o atelier PROAP, o seu funcionamento e a metodologia de projeto. A observação participante enquanto método de investigação dentro do atelier baseou-se na tese de doutoramento da antropóloga Sandra Xavier (2007): *“Projectos, processos, paisagens: imagens, técnicas e pessoas num atelier de arquitectura paisagista”*, dada a proximidade de interesses. Esta investigação foi também baseada na observação do funcionamento de um atelier de arquitetura paisagista em Portugal, trabalho bastante semelhante ao que se pretendia desenvolver para atingir o objetivo principal. A análise foi feita através da informação recolhida durante o estágio, nomeadamente em algumas presenças no campo, durante a fase de análise e observações, no atelier, nas fases de conceção.

As entrevistas também fizeram parte deste método, através da condução desestruturada, aberta, de uma conversa profunda onde o investigador se envolve, encorajando os entrevistados a explicar e expandir os seus pontos de vista através de palavras próprias (Deming & Swaffield, 2011). Uma questão crucial para este método consistiu na identificação de quem entrevistar. Assim, de acordo com o propósito, considerou-se que o mais pertinente era entrevistar as pessoas com maior influência no atelier, por serem os potenciais portadores de informação indispensável para a investigação, denominados os “Informadores-Chave”. A seleção de “Informadores-Chave” torna mais propensa a obtenção de informação que permite responder às perguntas que se pretendem fazer (Deming & Swaffield, 2011);

Método 3 – Análise de Projetos

A análise de projetos, enquanto amostra das intervenções realizadas pelo atelier, assumindo estes como representações físicas dos valores que premeditam a posição deste enquanto responsável por transformações na paisagem, permite tecer um resumo com base em argumentos objetivos, possível de ser avaliado e caracterizado. Deste modo, para o estudo pretendido, ao subjugar projetos a indicadores capazes de avaliar a transposição, criação ou intensificação do Carácter do Lugar, é possível transformar a informação, não apenas em dados qualitativos, mas também quantitativos, o que permite obter uma aproximação a uma avaliação objetiva da forma como a Essência do Lugar está presente nas intervenções do atelier.

Uma revisão literária feita por Atefeh Farshadi (2017), na dissertação: “*Exploring the potential of applying genius loci as a concept in landscape architecture*”, cruza a teoria de Norber-Schulz (1980) sobre o *genius loci* e a fenomenologia do Lugar, com as teorias de Alexander (1977) e Salingeros (2006), que consideram, através da ordem e estética, elementos do desenho como meio para criar Lugares com elevada ligação com os utilizadores (Lewicka, 2011 apud. Farshadi, 2017). Deste cruzamento reúne 9 atributos físicos e cognitivos que têm efeito na nossa perceção sobre o *genius loci*:

1. Uniformidade
2. Complexidade
3. Mistério
4. Geometria
5. Relação com a Natureza
6. Domínio da Terra ou do Céu
7. Contraste e Harmonia
8. Entropia
9. Hierarquia e Proporção

Uma vez que o presente estudo pretende avaliar e comparar dados sobre o *genius loci*, enquanto propriedade do espaço de diferentes Lugares, os atributos reunidos por Farshadi (2017), utilizados como indicadores que permitem avaliar esta propriedade, consideram-se um bom método para obter resultados comparáveis.

Ao longo do trabalho consideram-se as componentes espaciais e psicológicas, que constroem a sensação experimental de um espaço na sua totalidade, e permitem a compreensão do sentido de “Lugar”, que não se limita à dimensão física ainda que a apreensão de cada Lugar seja subjetiva a interpretações pessoais.

2. Definições e Conceitos Fundamentais

O arquiteto paisagista é alguém que colabora com a Natureza trabalhando-a e colocando-a à disposição do Homem, de modo a satisfazer as suas necessidades (Freire, 2018). Uma vez que o objeto de estudo é a relação deste, enquanto agente organizador do espaço, e o seu próprio espaço de ação, importa inicialmente entender o conceito de paisagem uma vez que este é a base do seu trabalho e o seu espetro de intervenção (Freire, 2018).

2.1. Paisagem

O conceito de paisagem tem sofrido alterações ao longo dos tempos, consequência dos diferentes contextos culturais e interesses disciplinares. No entanto, tem-se como certo de que Paisagem é algo que envolve a Natureza e o Homem (Freire, 2018). Segundo Freire (2018:2) “o Homem adicionou à Natureza a Cultura e produziu paisagens”. A paisagem surge então como resultado de uma transformação, por parte do Homem, que retirou e acrescentou matéria, estabeleceu novas relações, construiu uma nova ordem e criou novas dinâmicas (Freire, 2018). Nunes diz que a paisagem é fruto da domesticação da Natureza pelo Homem.¹

A diversidade do conceito de paisagem, gerou a necessidade de o clarificar, para que, de modo geral, se pudessem criar estratégias de proteção, gestão, ordenamento e projeto na paisagem (Freire, 2018). Deste modo, foi definida pela Convenção Europeia da Paisagem (CEP) como “[...] uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da inter-acção de fatores naturais e/ou humanos” (Conselho da Europa, 2000:art.º1a:2). Portanto, sendo a paisagem resultado da transformação do Homem é também “uma manifestação da cultura dos povos que a transformam” (Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem [S.E.I.P.], 2015:36), e como tal, adquire determinado carácter, consoante a cultura que a “domestica”. Ou seja, a paisagem está diretamente relacionada com as marcas de cada momento, de cada geração, de cada cultura, que se sobrepõem no mesmo Lugar, estando profundamente relacionada com as transformações operadas pelo Homem (PROAP,

¹ João Nunes confronta a ideia de Natureza e de Paisagem, no vídeo da Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas (APAP, 2021a): “*Conversa “Projectos” com João Nunes*”, entre o minuto 00:05:54 e 00:07:36.

2010), potenciada pelas suas características naturais e moldada pelos povos que a transformam.

Paisagem cultural é fruto do cultivo de uma sociedade, de uma cultura, que se exprime através de espaços definidos, caminhos e domínios, enquanto concretizações da interpretação do Homem sobre o meio natural (Norberg-Schulz, 1980). Nunes (PROAP, 2010:35) define Paisagem como uma entidade dinâmica, “que evolui continuamente com as convicções de cada momento portanto compreende gestos diferentes para a resolução dos problemas das comunidades, às quais correspondem marcas diferentes”. Assim, “cada Lugar da paisagem tem uma dinâmica única” (Freire, 2018:5), correspondente à circunstância/contexto em que se encontra, circunstância esta que representa um dado momento de um determinado espaço, conjugando a dimensão material, espacial e temporal (Freire, 2018). A circunstância atua como a ‘argamassa’ das componentes espaciais, funcionais, ecológicas e culturais e a esse específico momento associam-se os conceitos de Sítio e Lugar (Freire, 2018).

2.2. Lugar

O conceito de Lugar está intimamente relacionado com a ideia de Sítio. Com base no momento circunstancial considera-se o Sítio como um espaço que é constituído por uma dada matéria, forma, estrutura e dinâmica. Porém, quando sujeito a transformação e construção pelo Homem, enquanto produto da sua interpretação, passa a designar-se Lugar (Freire, 2018). O principal objetivo de alguém que transforma o espaço, é de tornar um Sítio num Lugar, organizando-o de acordo com as suas necessidades sem denegrir o seu carácter (Schultz, 1997 apud. Freire, 2018; Silva, 2019). Segundo Norberg-Schulz (1980) o papel do arquiteto é criar Lugares significativos.

Os conceitos de Lugar e de Carácter do Lugar estão profundamente associados ao de *genius loci*, conceito resgatado na década de 70 pelo arquiteto norueguês Norberg-Schulz (1980). Esta abordagem surgiu como reação à atitude moderna de indiferença pelo Lugar, reconhecendo-se, na arquitetura e urbanismo, a necessidade de valorização da Identidade do Lugar na construção da paisagem (Braae e Diedrich, 2012; Magalhães, 2001 apud. Silva, 2019). A expressão provém da antiga Roma, onde se acreditava que todas as coisas tinham um espírito guardião (*genius*), que determinava o seu carácter, a sua essência, característica mais abrangente, que transcendia as dimensões físicas (Nesbitt, 2006 apud. Silva, 2019). Acreditava-se que “a sobrevivência humana dependia

da boa relação com o Lugar, quer em termos físicos, quer em termos psíquicos” (Nesbitt, 2006 apud. Silva, 2019:8). Esta componente, que emerge da relação do Homem com o Sítio natural, é essencial para a construção de um Lugar em sintonia com o Sítio/local onde se intervém (Magalhães, 2001 apud. Silva, 2019).

O *genius loci* pode ser definido como “o conjunto de significados, crenças, símbolos, valores e sentimentos que indivíduos e grupos associam a uma determinada localidade.” (Williams & Stewart, 1998 apud. Farshadi, 2017:3). É um conceito que funde os sentimentos humanos e um Lugar, dá vida a pessoas e Lugares, acompanha-os desde o nascimento até à morte e determina o seu carácter ou essência (Norberg-Schulz, 1980; Farshadi, 2017:4). É produto da adaptação e utilização do Lugar pelo ser humano e manifesta-se no Apego ao Lugar, o que significa que não é um acontecimento predeterminado, mas que resulta da interação humana com o meio (Williams & Stewart, 1998 apud. Farshadi, 2017).

A construção do Lugar pressupõe uma transformação, que corresponde à adaptação necessária para a sobrevivência humana e que, por sua vez, pode ser mais ou menos profunda, uma vez que a natureza, em si mesma, oferece oportunidades e/ou dificuldades (McHarg, 1971). Como diz João Nunes “o ser humano só sobrevive no mundo se o transformar”, “porque o Homem é frágil”². Em geral, podemos dizer que o Homem “constrói” o seu mundo. Ao mover as forças naturais para a implantação, as forças naturais são “domesticadas” e a construção torna-se um facto “que ajuda a libertar o Homem do terror do mundo natural, com os seus poderes sombrios e leis limitadoras” (Scully, 1962:171 apud. Norberg-Schulz, 1980:58). O Lugar representa o vínculo entre *topus*, enquanto propriedade material, e *locus*, como espaço de vivência, ou Lugar artificial (Norberg-Schulz, 1980; Carapinha, 2015 apud. Batista, 2021).

A vivência do Lugar está na base da relação deste com as pessoas, sendo um espaço dotado de significado, com o qual se criam vínculos afetivos, essenciais para o bem-estar das populações (Lewicka, 2008). O conceito de Apego ao Lugar refere-se a esses laços (Lewicka, 2008). Portanto, para além, dos fatores sociais, financeiros e de saúde, também as relações com os diferentes aspetos do meio físico são determinantes para o bem-estar do Homem (Moser, 2009 apud. Rollero & de Piccoli, 2010). Na verdade,

² Transcrição da entrevista da Grupo Inquérito Portugal (2017): *Paisagem como transformação. Entrevista com o arquiteto paisagista João Nunes*, pp. 2.

um dos indicadores da qualidade de vida é o contexto habitacional (Moser & Robin, 2006 apud. Rollero & de Piccoli, 2010). O Apego ao Lugar é um conceito complexo e multifacetado que incorpora diferentes aspetos da ligação entre pessoas e Lugares, envolvendo a sensação de afeto e emoções, o conhecimento e crenças, assim como, comportamentos e ações em relação ao Lugar (Altman & Low, 1992; Chow & Healey, 2008 apud. Rollero & De Piccoli, 2010).

O meio onde nos inserimos é estruturante para a nossa vida, tendo a capacidade de promover a manutenção da nossa identidade e a sensação de bem-estar (Manzo, 2003 apud. Rollero & de Piccoli, 2010). Ao se impor uma realocação, muitas vezes involuntária, pode incorrer-se numa perda bastante significativa, que acaba por manifestar-se em angústia e acarretar consequências psicológicas e até físicas, nocivas ao bem-estar (Brown and Perkins, 1992 apud. Rollero & de Piccoli, 2010; Fried, 1963 apud. Rollero & de Piccoli, 2010; Porteous, 1978 apud. Rollero & de Piccoli, 2010). Algumas pesquisas que consideraram os benefícios dos Lugares descobriram que os indivíduos se sentem apegados a ambientes específicos, onde encontram a capacidade para reduzir o stress e aumentar o bem-estar psicológico (Scopelliti e Giuliani, 2004 apud. Rollero & de Piccoli, 2010). De facto, a natureza social da vida e tais desafios sociais podem ser os critérios que os indivíduos utilizam para avaliar a qualidade de vida, o bem-estar social pode ser reconhecido como o resultado do ajuste ideal entre pessoas e contextos (Keyes, 1998 apud. Rollero & de Piccoli, 2010).

O bem-estar para o Homem que depende da estabilidade, “*Stabilitas loci*” (estabilidade do lugar) é uma condição necessária para a vida humana, e este, apenas está “em casa”, quando se encontra num ambiente significativo (Norberg-Schulz, 1980). A sensação de inclusão encoraja a expressão, o comportamento, a exploração e a confiança; o sentimento de aceitação e de resposta afetiva no seio da comunidade local, traz conforto e paz ao Homem (Fried, 2000 apud. Rollero & de Piccoli, 2010).

Segundo Norberg-Schulz (1980), o Lugar pode ser decomposto em duas categorias: “espaço” e “carácter”. O “espaço” diz respeito às características físicas, à estrutura, organização tridimensional dos elementos que o compõem, coisas objetivas e externas, presentes no ambiente tais como: o design, a paisagem, o cheiro, o som, etc.; enquanto o “carácter” refere-se à “atmosfera” geral, considerando os fatores cognitivos e perceptuais do Lugar, enraizados nas experiências subjetivas: memórias, tradições, história, cultura e sociedade (Nesbitt, 2006 apud. Silva, 2019; Farshadi, 2017). Vecco

(2020) refere-se a estas duas categorias como: “Hard values” (valores tangíveis) para as propriedades do espaço; e “Soft values” (valores intangíveis) para as do carácter. A Figura 2.1, representa estes valores com forças divergentes. Os “Hard values” com força centrifuga, que se exprime de dentro para fora e os “Soft values” com uma força centrípeta, que mantém tudo coeso. Descreve os “Soft values”, ou o carácter, como a “cola” com a força para motivar a manutenção, estimulando a resiliência cultural que contribui para a perseverança de um Lugar, para que este se adapte às circunstâncias (Vecco, 2020).

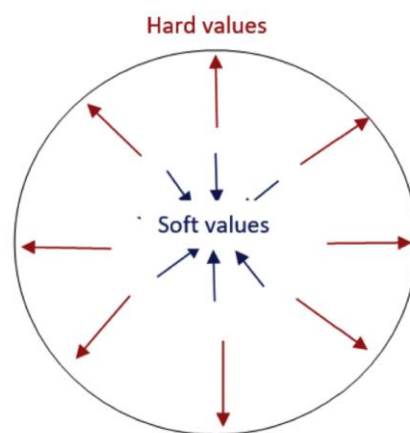


Figura 2.1- A relação entre “hard values” e “soft values”. (Fonte: Vecco, 2020).

O Lugar pode ser considerado uma realidade holística, enquanto totalidade integrada, uma vez que, enquanto sistema, não pode ser visto simplesmente pelas suas componentes, mas sim, enquanto uma composição, que representa algo maior que a simples soma das suas partes, o que exprime a sua complexidade (Norberg-Schulz, 1980). Ao estender o Holismo à noção do espaço entendemos que as consequências de mudar um elemento ou a relação entre elementos, implica uma mudança do sistema como um todo (Vecco, 2020). Vecco (2020:3) identificou algumas características relevantes, que podem afetar a estrutura de um Lugar:

- A relatividade do valor do elemento (o valor de um elemento não é absoluto);
- Mudar um elemento muda o todo;
- Mudar o contexto pode implicar uma mudança na qualidade de um elemento.

Assim, um Lugar é um fenómeno qualitativo, "total", que não pode ser reduzido a nenhuma das suas propriedades e onde todos os elementos contribuem para criar o “ambiente característico” (Norberg-Schulz, 1980; Paula Saraiva, 2007). A existência de espaços com uma organização semelhante que, no entanto, contém um carácter muito diferente, comprova a diferença de acordo com a interrelação concreta dos elementos definidores do espaço (Norberg-Schulz, 1980).

Ou seja, o Espírito do Lugar assume um carácter multidimensional e polivalente, possuindo numerosos e diferentes significados (Vecco, 2020). O que justifica que “todo o Lugar e toda a paisagem sejam únicos pela constituição física e pelo modo como são experienciados, estando a eles associados um determinado carácter e identidade que os diferencia de todos os outros” (Batista, 2021:291).

A própria estrutura da linguagem quotidiana confirma a análise dos termos. Os Lugares são designados por nomes. Isto implica que eles são considerados reais, que existem e que são únicos e próprios, como os nomes. O espaço, por sua vez, como um sistema de relações entre coisas, é expresso por preposições. As coisas que estão "acima" ou "abaixo", "à frente" ou "atrás" umas das outras. O carácter, finalmente, é denotado por adjetivos, que exprimem qualidades (Norberg-Schulz, 1980).

O estudo dos nomes dos Lugares é, na verdade, uma das importantes ferramentas utilizadas na Arquitetura Paisagista, a toponímia permite muitas vezes entender a evolução de determinado Lugar e o que lhe está inerente, refletindo a existência dos Lugares distintos feitos pelo Homem, que têm uma identidade estruturalmente associada (Norberg-Schulz, 1980; Paula Saraiva, 2007).

Recorre-se a várias ferramentas e elementos na tentativa de decifrar os Lugares, entre elas a topografia, a “Forma da Terra”, argumento determinante que “permite descrever e explicar grandes relações espaciais, identidades, padrões de distribuição de características precisas da paisagem e, no domínio do Antrópico, parâmetros fundamentais da relação Homem-Território” (Nunes, 2015:26). A topografia representa o registo físico da evolução, da simbiose entre Homem e Natureza, ajuda a compreender a sua distribuição e a forma como este marcou o território.

Estas marcas podem ser tão únicas ou características que são reconhecidas enquanto património mundial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na forma de Monumentos, Conjuntos de

Edifícios ou Sítios. A organização assume o termo de Sítio e reconhece, enquanto património da humanidade, aquele que corresponde a “obras do Homem ou obras conjugadas do Homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico” (United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation [UNESCO], 1972, art.º 1:2).

Os lugares mais significativos são aqueles em que a cultura se funde com a natureza. Natura e cultura unem-se, articulam-se e conectam-se, tanto na paisagem, como no lugar, entendidos ambos, paisagem e lugar, como espaços de vida que, em permanente transformação, revelam a realidade e o vínculo de fusão entre a Sociedade e a Natureza.

(Vroom, 2006:248 apud. Batista, 2021:291)

2.3. Não-Lugar

Marc Auge (2005) define o Lugar ou lugar antropológico como aquele que está fortemente relacionado com a sociedade e a cultura, espaços de vivência, existenciais, que estabelecem uma profunda relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia. São, portanto, os espaços onde se desenvolve a ação, a vida, o quotidiano, que carregam consigo uma quantidade de afetividade, memória e sobretudo, relação (Schneider, 2015). Lugar, para Auge, é definido como um espaço antropológico que apresenta características identitárias, relacionais e históricas (Auge, 1994 apud. Schneider, 2015).

Por oposição, o mesmo autor, define os Não-Lugares, como espaços que não suportam nenhum tipo de ideia, carácter ou afetividade. São sobretudo espaços funcionais, construídos para atingir determinados objetivos finais, sem a preocupação de criar uma relação espaço-sociedade, constituindo espaços vazios de significado (Schneider, 2015). Este tipo de construção muitas vezes caracteriza-se por uma estruturação “standard”, homogénea, que não considera pré-existências (Schneider, 2015) e muito menos o Espírito do Lugar (*genius loci*). É essencial para esta análise entender que conceção de Não-Lugares vai contra os argumentos antes apresentados e que, de acordo com os autores, devem ser evitados, por serem espaços que desconstroem a identidade, tornando-se dissonantes e um problema no contexto geral da intervenção na paisagem, seja ela em meio urbano, rural ou natural (PROAP, 2010).

A arquitetura deve ser vista como a concretização de espaço existencial, a conceção de sítios com propósito único está destinada a, mais cedo ou mais tarde, falhar, e a que estes se tornarem problemáticos e obsoletos (Norberg-Schulz, 1980). Segundo a definição clássica de Sêrvio³ “*Nullus locus sine genio*” (“Nenhum Lugar sem génio”) (Vecchi, 2019:203), Não-Lugares são sítios sem *genius*, sem Identidade de Lugar.

Este tipo de abordagem acaba por ser uma consequência associada à progressiva generalização de uma cultura, nomeadamente a europeia. Segundo Távora (1999) o fenómeno da universalização de uma cultura, aculturação, confere ao mundo uma base comum de uma cultura generalista, em que, apesar de haver um encontro com diferentes valores, os “valores culturais autóctones” e de se originarem novas culturas, mantém sempre a mesma base identitária, **“tudo é terreno plano”** (referencia ao poema de Alberto Caeiro na introdução).

Na contemporaneidade, um problema associado às marcas nocivas ou sem sentido, como os Não-Lugares, foi o desenvolvimento da sensação de falta de confiança na obra humana (PROAP, 2010). O que antes era entendido como uma necessidade, remontando às origens culturais, onde as implantações se estabeleciam segundo uma tentativa de criar uma ligação entre Homem e Natureza, hoje reverte-se numa oposição binária entre o humano e não humano, entre natural e artefacto, uma imagem do mundo em que o Homem e a sua intervenção se associam ao Mal, ao degradante, enquanto o intocado (se é que isso existe) como exemplo de Bem (PROAP, 2010).

Porém,

Esta moral redutora e primária, conta riscos importantes, o maior dos quais será a substituição da avaliação da transformação - das suas qualidades, da sua eficácia, dos seus benefícios – em função da qual poderá ser julgada, por uma avaliação intolerante antecipativa, que reduz todas as transformações a um valor negativo. (PROAP, 2010:33)

Consequentemente, é assumida uma atitude, por princípio conservadora, que rejeita a transformação, apenas por ser transformação e nega a obra humana (PROAP, 2010). Por outro lado, na mesma moral, é reconhecido ao Homem do passado a capacidade de

³ Mário Sêrvio Honorato – Escritor e gramático da Roma Antiga, atuou entre os séculos IV e V, e era conhecido por tecer comentários a obras clássicas. Neste caso a definição surge na sua obra “*Comentário à Eneida de Virgílio*”, escrita por Virgílio no século I a.C (Bevilacqua, 2010: 11 apud. Vecchi, 2019:203).

gerar beleza e eficácia (PROAP, 2010). Frequentemente, tal moral coloca ao artefacto uma realidade confusa, opondo o que se considera “natural” e intocado à paisagem antrópica, quando na verdade, é muito difícil encontrar uma parcela do território sem influência humana (PROAP, 2010). Ou seja, o que se considera “natural” e intocado, é na verdade, resultado da influência remota, integrada e não evidente do Homem (PROAP, 2010)

2.4. O Intérprete

A ação do arquiteto paisagista enquanto intérprete e organizador do espaço compreende uma perspectiva integrada, baseada nas relações, no conectar, inter-relacionar, compatibilizando interesses económicos e socioculturais, com considerações estéticas, princípios ecológicos e criando um equilíbrio à imagem da ética (Freire, 2018).

“Ora, a verdade é que embora o Homem seja também um dos elementos que existem neste mundo, ele é o único capaz de conscientemente modificar todos os outros elementos para os seus fins próprios.”⁴

Francisco Caldeira Cabral

De acordo com Motloch (2001) para se desenhar com responsabilidade em qualquer cultura deve-se começar pela interpretação do Lugar, ao ler a sua “autobiografia” cultural, a sua paisagem. O primeiro ato de intervenção do arquiteto paisagista consiste, assim, no de interpretação, absorção do Lugar e tomada de consciência do espaço biofísico, cultural e estético, “interessa é chegar a um sítio e tentar dialogar com esse sítio, reagir a ele”⁵. Girot (1999) destaca a importância das primeiras visitas ao local, como um período efémero ao qual chama “Landing” (aterragem), onde se recolhem as primeiras impressões/sensações e se invoca a sensação de “tocar” o Lugar. Neste estado de euforia por conhecer o desconhecido, importa muito mais o ato de deambular e sentir do que propriamente procurar o conhecimento total. Para Girot (1999) é neste momento que se formam as primeiras ideias de projeto.

⁴ Transcrição de frase por Francisco Caldeira Cabral (Cabral, 1993), do livro “*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*”, pp. 39.

⁵ Transcrição da entrevista da Grupo Inquérito Portugal (2017): *Paisagem como transformação. Entrevista com o arquiteto paisagista João Nunes*, pp. 3.

Numa outra fase, quando a relação com o projeto se torna mais concreta, é preciso “mergulhar” no Lugar, realizando sucessivas visitas, apreendê-lo, vivê-lo, e sobretudo compreendê-lo (Giro, 1999; Lassus, 2007). Este ato exige descobrir o existente, descobrir o que foi oculto pelo desgaste do quotidiano, de onde surgem e se revelam promessas contidas na memória, na história (Giro, 1999; Courajoud, 2000; Lassus, 2007). Esta fase tem menos de imaginação e mais de uma análise cuidada (Giro, 1999; Lassus, 2007). Devemos, segundo Telles (Cabral, 1993:18), “Conhecer até ao mais ínfimo pormenor, as causas de tudo e a relação entre as coisas e os sistemas.”.

A leitura da paisagem, apesar de complexa foi, de modo pragmático, esquematizada em sete axiomas, na obra de Lewis (1979): “*Axioms for Reading the Landscape*”. Os axiomas, segundo o autor, ideias gerais essenciais para essa leitura, são os seguintes:

1. Paisagem como uma Pista para a Cultura – A paisagem humanizada providencia fortes evidências do tipo de pessoas que somos, fomos e nos estamos a tornar. A cultura de qualquer povo está, por inerência, refletida na paisagem comum, vernacular;
2. Unidade Cultural e Igualdade da Paisagem – Todos os itens das paisagens humanizadas refletem a cultura de alguma forma, quase sem exceções. Assim, não existem itens de maior ou menor importância relativamente ao facto de serem uma pista para a cultura. Motivos, como tipos particulares de janelas ou portas e telhados, podem tornar-se "elementos convencionais", que servem para transportar o carácter, de um Lugar para outro. (Norberg-Schulz, 1980 apud. Farshadi, 2017);
3. Coisas Comuns – As paisagens comuns, independentemente da sua importância, são por natureza difíceis de estudar segundo métodos académicos convencionais, em grande parte pela falta de atenção que lhes é prestada, mas, no entanto, dizem tanto do que somos, fomos e nos estamos a tornar como as paisagens consideradas mais significativas;
4. Histórico – Revelar o significado da paisagem contemporânea e do que esta tem para “dizer” sobre as culturas e história é fundamental, pois o passado providência o contexto em que as coisas foram construídas;
5. Geográfico (ou Ecológico) – O contexto geográfico e ecológico deve ser compreendido pois atribui especificidade ao Lugar, na compreensão das relações espaciais que foram moldadas pela cultura. A cultura é o principal motor da

construção do Lugar e o que lá está relaciona-se com as oportunidades e constrangimentos que existem ou existiram;

6. Controle Ambiental – A maior parte das paisagens estão intimamente relacionadas com o ambiente físico. Assim, a leitura da paisagem pressupõe também alguns conhecimentos do ambiente biofísico;
7. Obscuridade da Paisagem – A maioria dos objetos na paisagem, apesar de transmitirem todo o tipo de “mensagens”, não transmitem essa mensagem de maneira óbvia. A paisagem não fala conosco numa linguagem clara. “A alternância entre olhar, ler, pensar e depois olhar e ler novamente pode produzir resultados notáveis, pelo menos para levantar questões que não havíamos feito antes” (Lewis, 1979:10).

Todo o processo requer uma profunda reflexão e diálogo com o Lugar, para que haja maior compreensão deste e possa ser feita uma síntese integrada de conhecimentos, numa circunstância concreta. Tal análise torna viável uma resposta focada na resolução dos problemas, que corresponda às exigências sociais, mas também proporcione a valorização da natureza com preocupação estética (Freire, 2018).

No entanto, para além da leitura da paisagem, é preciso saber interpretá-la. Norberg-Schulz (1980 apud. Farshadi, 2017) advoga a existência de cinco componentes básicos para a compreensão natural concreta: coisa; ordem; carácter; luz e tempo. O primeiro - coisa - está relacionado com a existência de algo que têm qualidade para ser reconhecido. As coisas são elementos específicos que têm força suficiente para serem identificados como distintos e singulares, ainda que, por vezes, não sejam claramente conotados. Estes são elementos que os axiomas podem ajudar a assinalar.

O segundo modo de compreensão natural é a ordem, entendida como o modo como se relacionam as coisas, como reagem entre elas e os vínculos que criam. Existem dois tipos de ordem enquanto propriedades do espaço, a ordem funcional e a ordem formal (Alexander, 2002 apud. Farshadi, 2017) e devem ser consideradas com igual importância. Durante o modernismo defendeu-se que a forma deveria seguir a função. O arquiteto

Frank Lloyd Wright disse: “A forma segue a função - isso tem sido mal interpretado. A forma e a função devem ser uma só, unidas numa união espiritual”⁶.

“A compreensão da paisagem é indispensável para nela se poder atuar, e nessa compreensão há que entender o relacionamento entre os diferentes elementos que a compõem e o seu comportamento.”⁷

Gonçalo Ribeiro Telles

O terceiro modo de compreensão natural, consiste na identificação do carácter dos Lugares naturais, relacionando-os com características atribuídas à ordem, ou seja, à estrutura como um todo.

O quarto é a luz, propriedade básica da vida que revela e omite coisas, transforma e constrói o espaço.

O quinto e último, diz respeito aos ritmos temporais que, apesar de não alterarem os elementos básicos que constituem os Lugares naturais, contribuem decisivamente para o seu carácter (Norberg-Schulz, 1980 apud. Farshadi, 2017). A vida é “movimento” e como tal possui “direção” e “ritmo” (Norberg-Schulz, 1980). Enquanto ordem maior adquirida, para a noção de ritmo e direção, impõem-se, intemporalmente, os ciclos naturais, as estações do ano, que mudam ciclicamente o aspeto dos Lugares e conduzem o tempo no espaço (Norberg-Schulz, 1980). Este aspeto é especialmente verdadeiro na obra do arquiteto paisagista que incorpora a dimensão temporal na sua obra, ao utilizar material vivo que muda com essa periodicidade anual (Cabral, 1993). O arquiteto Gonçalo Byrne (apud. Milano & Cremascoli, 2016:25) refere que na obra do arquiteto “a luz natural é fundamental, porque é o único veículo do tempo dentro do espaço”, portanto, o tempo é introduzido no espaço por janelas, portas, etc. Na obra do arquiteto paisagista somos envolvidos no espaço e no tempo, num espaço vivo.

⁶ Frase da autoria do Arquiteto americano, Frank Lloyd Wright, transcrita do site da Fundação Guggenheim, pp.1 (tradução do autor).

⁷ Transcrição de frase por Gonçalo Ribeiro Telles (Cabral, 1993), do livro “*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*”, pp. 18.

*“A arquitetura paisagista deve ter da paisagem que cria ou transforma uma conceção no espaço e no tempo, porque estando sujeita à dinâmica da vida, nunca está terminada.”*⁸

Gonçalo Ribeiro Telles

No que toca ao significado e carácter, estes não podem simplesmente ser interpretados pela forma estética e formal, apesar de intimamente relacionados com o “fazer” (Norberg-Schulz, 1980). Contudo, estão na origem da força que motiva as intenções do Homem na produção de Lugares, bem como, as intenções em relacionar-se com a Natureza. Estas podem ser entendidas de três maneiras: Em primeiro lugar, o Homem quer visualizar a sua compreensão da natureza; segundo, quer completar situações, acrescentando o que considera faltar; e, finalmente, o Homem quer simbolizar a sua compreensão da natureza (Norberg-Schulz 1980 apud. Farshadi, 2017).

A implantação revela o Lugar, descobre-o, identifica-o e evidencia-o. A implementação revela o sentido oculto da paisagem onde se insere, porque a ela se liga através de processos de simbolização, condensação, clarificação e visualização (Kahn & J. Burns, 2005; Xavier, 2007). Os processos envolvidos na tradução dos significados enquanto formas do Homem, quando em "reunião", servem o propósito de fazer com que o Lugar criado se torne um microcosmo com significado único (Norberg-Schulz, 1980). Paisagem e implantação surgem assim organicamente integradas, da mesma forma que implantação e projeto, assim como projeto e projetista enquanto arquiteto da implantação (Xavier, 2007).

A arquitetura paisagista é uma disciplina que sempre trabalhou muito o projeto assente na ideia de Lugar, foi aliás uma das principais características para se estabelecer como disciplina separada da arquitetura e engenharia (Kahn & J. Burns, 2005; Batista, 2021). A função do arquiteto paisagista é simultaneamente de um leitor e editor do Lugar e, a linguagem de projeto deve ser capaz de desvendar o seu carácter (Kahn & J. Burns, 2005). Ao estender o significado de Lugar a uma entidade emocional, assume-se que este compreende uma alma (*genius*) e é necessário descobri-la, da mesma forma que o faríamos com um ser humano (Hillmann, 2004 apud. Vecco, 2020).

⁸ Transcrição de frase por Gonçalo Ribeiro Telles (Cabral, 1993), do livro “*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*”, pp. 18.

Um dos pioneiros da Arquitetura Paisagista, reconhecido pela sua capacidade de compreender a essência de cada Lugar foi Lancelot Brown. Conhecido por Capability Brown, afirmava frequentemente que cada local tinha as suas aptidões, potencialidades (“capabilities”), que eram necessárias explorar (Saraiva, 2007). A complexidade do projeto é proporcional à da paisagem, sendo preciso fazer corresponder uma abordagem específica para cada Lugar, “[...] temos a obrigação de entender cada sítio como um sítio e cada projeto como um projeto, de recusar a facilidade do estereótipo e da aplicação de tipologias universais”⁹. Esta afirmação, defende, tal como o fez Capability Brown, que é necessário identificar as aptidões e potenciá-las (Saraiva, 2007). Na Grécia antiga, antes da construção de qualquer templo, eram erguidos altares ao ar livre “na posição ideal para apreender toda a paisagem sagrada” (“in the ideal position which the whole sacred landscape could be grasped”) (Scully, 1962:45 apud. Norberg-Schulz, 1980:31). Também aqui, enquanto forma de reconhecimento de uma paisagem, de modo a enaltecer e celebrar a essência de um Lugar considerado pelas suas características sagrado, o Homem simboliza esta compreensão, ao erguer altares.

O arquiteto paisagista deve ter noções da relação Homem-Paisagem, “conhecer a origem e o modo de formação dos aglomerados urbanos, nas suas relações com a paisagem, para assim” evitar “o divórcio entre ambos” (Cabral, 1993:32). Deve ‘saber ver’, ‘saber fazer’, e ‘saber devir’ (Freire, 2018). A ação do Homem tem a capacidade de determinar o caminho evolutivo da paisagem e, para que este seja feito em conformidade com o meio, a procura deve-se sustentar-se na diversidade biológica, tentando encontrar resposta aos seus interesses, no vasto potencial genético e da vida (Cabral, 1993). A arquitetura paisagista é um ofício que procura na ação criativa trabalhar com a vida, utilizando ferramentas da ecologia da paisagem, e combinando os serviços dos ecossistemas com as necessidades humanas (Cabral, 1993). Portanto, o arquiteto paisagista integra fundamentalmente interesses sociais e ecológicos, mas não deixa de ser “um artista, pelo que na função deste deve ser desenvolvido o sentido da proporção e do equilíbrio que conduzem, através da criatividade ao belo” (Cabral, 1993:18). A obra, destina-se a ser vivida intrinsecamente pelas pessoas, pelos animais e pelas plantas, é ditada pelo Lugar e pelas suas características e concretiza-se, sobretudo, pelo uso (Cabral, 1993).

⁹ Transcrição da entrevista da Grupo Inquérito Portugal (2017): “*Paisagem como transformação. Entrevista com o arquiteto paisagista João Nunes*”, pp. 2.

*“O funcionamento global da paisagem, em cada momento, traduz-se sempre pela procura dum equilíbrio dinâmico e duma estabilidade temporal.”*¹⁰

Gonçalo Ribeiro Telles

A interpretação assume um papel fundamental quando em causa estão sistemas naturais em equilíbrio. Não sendo um problema estático, a resolução também não o é, nem a criação de uma imagem exclusivamente estética, a solução. Dada a complexidade da paisagem e o sistema que compreende, a solução tem de corresponder a um contributo para a continuidade de um processo (PROAP, 2010). Na intervenção da paisagem, a ideia de transformação e dinâmica está subentendida, sendo a evolução da paisagem o processo. O momento da intervenção é mais uma circunstância do processo e ao intervir nele “estamos a fazer um trabalho que entende a estrutura daquilo que existe e tenta, através da construção de cumplicidades com essa estrutura, modificar ligeiramente o caminho evolutivo desse sítio em favor da ideia do projeto”¹¹. É uma leitura ativa que resulta do encontro entre paisagem e projetista, em que o projetista tenta a compreensão do Lugar preexistente e através de um projeto, enquanto ação, acrescenta algo ao espaço lido, uma narrativa (Xavier, 2007).

*“É evidente que em toda a natureza há sempre uma ordem segundo a qual os diversos elementos atuam uns sobre os outros, dando-nos em cada momento um determinado espetro com determinada tendência evolutiva.”*¹²

Francisco Caldeira Cabral

¹⁰ Transcrição de frase por Gonçalo Ribeiro Telles (Cabral, 1993), do livro “*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*”, pp. 18.

¹¹ Transcrição da entrevista da Grupo Inquérito Portugal (2017): *Paisagem como transformação. Entrevista com o arquiteto paisagista João Nunes*, pp. 3.

¹² Transcrição de frase por Francisco Caldeira Cabral (Cabral, 1993), do livro “*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*”, pp. 39.

O Espírito de lugar é transmitido através da interpretação, sem a qual, esse processo evolutivo perde significado (Vecco, 2020). Para a manutenção do Lugar e do seu *genius loci*, é necessário saber como reconhecê-lo, para interpretar o seu valor e poder transmiti-lo (Vecco, 2020). A interpretação é a única forma de caracterização, a única forma que permite transformar o Espírito do Lugar ativamente, com auxílio da criatividade, para promover a sua resiliência (Vecco, 2020). Assim, assume-se inevitavelmente que a resiliência cultural está implicitamente ligada à criatividade: resiliência cultural e criatividade são interdependentes e fundamentais para promover o desenvolvimento sustentável (Vecco, 2020). A criatividade permite relacionar e sintetizar elementos heterogêneos, muitas vezes conflituosos, tornando possível soluções sustentáveis, para o processo de desenvolvimento local (Vecco, 2020).

Podemos assumir que o *genius loci* é fator de um processo que está em continuidade e não pode ser intencionalmente criado. A continuidade deste processo é fundamental para preservar e transmitir o espírito (Vecco, 2020). Para o manter e valorizar é necessário cumprir 3 objetivos: repensar, proteger e transmitir. Este movimento não é de todo linear, e está dependente de uma reapreciação cíclica e regular, mais uma vez fundamentada pela interpretação (Figura 2.2) (Vecco, 2020).

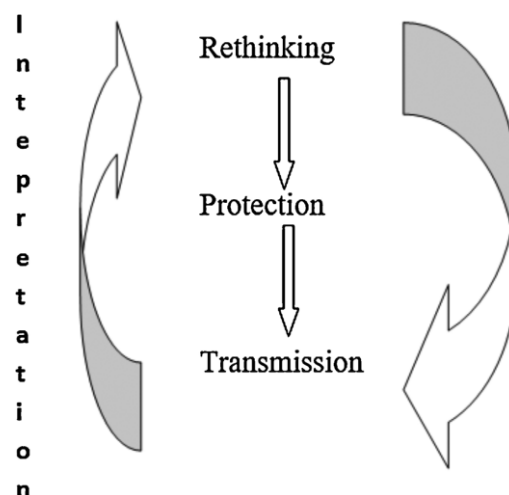


Figura 2.2 - O movimento circular de manutenção e valorização do Espírito do Lugar. (Fonte: Vecco, 2020).

Antes de elaborar qualquer projeto, temos obviamente de dispor de dois dados: o primeiro é entendermos objetivamente qual a finalidade do espaço que estamos a projetar; o segundo conhecer o Carácter do Lugar e demais condicionantes (Saraiva, 2007). A transposição é uma condição sem a qual o Lugar não pode ser protegido, porque se o seu espírito não for transmitido, pode desaparecer assim como o Lugar que o caracterizou (Vecco, 2020). A transmissão é uma operação delicada envolvendo a presença de mediadores que, consciente ou inconscientemente, transformam o Espírito do Lugar para melhor o conservar e apropriá-lo (Vecco, 2020). Assim, o Espírito do Lugar sofre um processo de transformação resiliente, que permite a continuidade da sua existência por meio de renovação e mudança, ou adaptação (Vecco, 2020).

Deste modo a mudança da estrutura do Lugar deve ser feita em harmonia e respeitando a Identidade do Lugar, o *genius loci*, ou seja, é importante que o Lugar acompanhe a evolução, a circunstância que vive, conservando o seu carácter no ato de transformação (Nesbitt, 2006 apud. Silva, 2019). Um Lugar compreende, portanto, propriedades com um grau variável de invariância (Norberg-Schulz, 1980). Para proteger e conservar o *genius loci* significa, de facto, concretizar a sua essência em cada novo contexto histórico. “O que havia como possibilidades no início, é desvendado através da acção humana, iluminada e " conservada, " em obras de arquitetura que são simultaneamente "antigas e novas"” (Venturi, 1967 apud. Norberg-Schulz, 1980:18). A intenção de preservar o *genius loci* não se sustenta na copia de modelos antigos, mas em destacar a identidade única de cada Lugar e reinterpretá-lo de uma nova maneira. Quando se justificam mudanças, apenas podemos falar de tradição viva se estas tomarem como referência uma serie de parâmetros locais (Norberg-Schulz, 1980).

A probabilidade de captar a definição do espírito de um Lugar, de forma mais abrangente e coesa, torna-se cada vez mais propensa com a introdução de outras perceções (Vecco, 2020), ao “colher o contributo realmente transversal do maior número de pessoas”¹³. Isto implica que a qualidade da análise se torne mais coerente quanto mais diluídas forem as fronteiras entre disciplinas e conjugada uma compreensão multidisciplinar, que se diversifica, tanto pela formação de cada pessoa, como pela sensibilidade, pelo olho e vivências dos Intérpretes. Visitar o Lugar com outras pessoas pode fornecer informações preciosas, tornar evidente o lado invisível do visível (Lassus,

¹³ Transcrição do vídeo da APAP (2021a): “Conversa “Projectos” com João Nunes”, no minuto 01:03:09.

2007). “É extremamente interessante trabalhar em projetos de paisagem, quando aos arquitetos paisagistas somamos um poeta, um filósofo, um físico, um artista plástico e um fotógrafo, por exemplo”¹⁴.

*“A leitura do sítio, a leitura do espaço, é evidentemente mais rica quando feita por pessoas que tenham olhares completamente transversais em relação a nós.”*¹⁵

João Nunes

A recolha destas diferentes perceções contribui, continuamente, para o movimento de “reapreciação cíclica” (Vecco, 2020). Um bom projetista deve ter a capacidade de criar para e com todos, só assim o fará de forma justa e igualitária. Assim, assume cada vez mais importância a integração da voz de participação pública nas fases de projeto e manutenção, uma vez que serão os utilizadores diários do Lugar. No caso da área de intervenção se encontrar em uso, impõe-se conhecer o uso efetivo que os utilizadores fazem desse Lugar ou caso o espaço tenha vários tipos de utilizações, quais esses usos (Saraiva, 2007).

2.5. Lugar vs. Intérprete

A nossa cultura tem evidentemente influência na forma como olhamos para a paisagem. Segundo Nunes “têm a ver de onde partimos, qual a cultura de onde partimos”¹⁶. É possível observar diferenças nos termos, apesar de ambos se traduzirem em paisagem, correspondentes às culturas anglo-saxónica e greco-latina: onde os primeiros correspondem à expressão uma referência à terra, diferente dos segundos que qualificam o território enquanto domínio do Homem, de suporte e sobretudo de apropriação (Giot, 2013; PROAP, 2010; Corajoud, 2000). Nos termos Landscape, Landshaft, etc. não está incluída uma referência específica ao Homem, enquanto em Paisagem, Paysage, Paesaggio, etc. a palavra refere-se explicitamente a uma referência de um território, a um “pays” (Giot, 2013; PROAP, 2010; Corajoud, 2000). Estas diferenças claramente refletem uma abordagem distinta das relações do Homem com o meio, correspondente a diferenças culturais, que ganham sentido quando olhamos para a

¹⁴ Transcrição do vídeo da APAP (2021a): “Conversa “Projectos” com João Nunes”, no minuto 01:03:30.

¹⁵ Transcrição do vídeo da APAP (2021a): “Conversa “Projectos” com João Nunes”, no minuto 01:03:57.

¹⁶ Transcrição do vídeo da APAP (2020): “Entrevista a João Nunes”, no minuto 00:03:57.

ideia contemporânea de paisagem, muito mais associada ao ambiente cultural da chamada civilização ocidental, do que ao universo da expressão anglo-saxónica, onde se fala de territórios sem a intervenção do Homem, com expressão significativa (Giot, 2013; PROAP, 2010; Corajoud, 2000).

Portanto, é necessário dar a devida importância à interpretação do Lugar e encarar a responsabilidade de intérprete. Pois, a interpretação tem grande influência no momento de conceção do projeto, muito por aquilo que desperta no projetista, isto porque, sendo o projeto fruto de um processo criativo (de um ou mais indivíduos), estará sempre relacionado com as sensações que desperta no/s autor/es (Norberg-Schulz, 1980). É evidente que um Lugar pode ser interpretado de maneiras diferentes (Norberg-Schulz, 1980), o que uma vez mais, eleva a responsabilidade do projetista em conseguir abstrair-se, em parte, da sua opinião e conseguir recolher outras opiniões, tão importantes, tais como aquelas de quem utiliza efetivamente o espaço diariamente.

É indiscutível que, para se poder sequer formar uma ideia inicial, tem de ser feita uma análise minuciosa da paisagem e do sítio, considerando, em primeiro lugar, que “o sítio (o Lugar pré-existente, com todos os seus atributos e qualidades incluindo a sua natureza e o seu artifício) constitui o fenómeno que fundamenta a Paisagem, pelo que o seu conhecimento topológico, estético, etc., é essencial” (Silva, 1993:41 apud. Xavier, 2007:4). Só assim se conseguirá adicionar algo adequado, que no fundo destaque o que já existe, o Carácter do Lugar, pois “nunca criarás algo do nada, o nada não existe no mundo, o nada é uma assunção arrogante”¹⁷ e “é, de facto, na história do Lugar que está inscrito o seu futuro” (Cervellati, 2000:109 apud. Batista, 2021:293).

Uma intervenção excessiva nem sempre é a mais correta. Joaquim Español (2007:121 apud. Batista, 2021:299) afirma que “o projetista mais sensível é aquele que procura ler, interpretar e compreender o Lugar, sendo que em casos extremos talvez a intervenção mínima ou inclusive a não intervenção assumida conscientemente seja o ato maior do bom projetista”. “As melhores intervenções na paisagem parecem ter estado sempre lá” (Williams, 2019:5 apud. Batista, 2021:297). O pintor paisagista, John Constable, dizia “que a regra de ouro do artista é saber renunciar” (Cabral, 1993:28) e, como diz Nunes “o que é, de facto, muito interessante, é fazer coisas maravilhosas com

¹⁷ Transcrição do podcast da Home Hunting (2021): *Requalificação Ribeira Das Naus, Paixão por Lisboa e Arquitetura Paisagista | João Nunes (PROAP) #27*, no minuto 00:07:35.

pouquíssimos recursos e sermos capazes de transformar radicalmente a maneira de viver um espaço e a qualidade que se pode ter na vivência desse espaço com recursos mínimos”¹⁸, “quando nós conseguimos acrescentar imenso ao espaço, fazendo muito pouco”¹⁹, “esse é o desafio, quer em relação à instalação, à construção, quer em relação à manutenção”²⁰.

Aqui prevalece a ideia de trabalhar com o Lugar e não para o Lugar, caso contrário serão arruinadas todas as características naturais e culturais ao longo do tempo e apagada a memória do que somos, fomos e seremos (PROAP, 2010). Frank Lloyd Wright (1943:168) disse que “nenhuma casa deve estar numa colina ou em qualquer outro local, deve antes, pertencer à colina”. O mesmo se deve aplicar à intervenção do arquiteto paisagista, no sentido de não criar algo “novo”, mas “sempre acrescentar, às vezes pouco”²¹.

A interpretação do Lugar e o método como esta é feita depende do Intérprete e pode assumir as mais diversificadas formas. O importante é conseguir estabelecer essa relação e ampliar a conectividade do sítio com as pessoas, criar um Lugar (PROAP, 2010). O arquiteto paisagista Richard Haag chegou a dormir no local, na fase de análise da sua obra Gas Works Park²², projeto pioneiro, que se revelou um exemplo de reabilitação de património industrial, um projeto bastante atrativo, bem conseguido e que explicita uma relação com um Lugar obsoleto que até então era impensável. Segundo Álvaro Siza “a ideia está no lugar, mais do que na cabeça de cada um, para quem saiba ver” (Molteni, 1997:22 apud. Xavier, 2007:10).

Na arquitetura paisagista, uma das preocupações dominantes deve ser, impedir que, em caso algum, as obras destruam a harmonia de conjunto da paisagem. É fundamental “que as modificações introduzidas no equilíbrio da Natureza não venham a produzir efeitos desastrosos, antes conduzam a uma harmonia melhor do que a anterior” (Cabral, 1993:30). A unidade e harmonia da obra sobrepõem-se ao ineditismo e à

¹⁸ Transcrição do podcast da Home Hunting (2021): *Requalificação Ribeira Das Naus, Paixão por Lisboa e Arquitetura Paisagista | João Nunes (PROAP) #27*, no minuto 00:08:50.

¹⁹ Transcrição do podcast da Home Hunting (2021): *Requalificação Ribeira Das Naus, Paixão por Lisboa e Arquitetura Paisagista | João Nunes (PROAP) #27*, no minuto 00:08:00.

²⁰ Transcrição do podcast da Home Hunting (2021): *Requalificação Ribeira Das Naus, Paixão por Lisboa e Arquitetura Paisagista | João Nunes (PROAP) #27*, no minuto 00:09:03.

²¹ Transcrição do podcast da Home Hunting (2021): *Requalificação Ribeira Das Naus, Paixão por Lisboa e Arquitetura Paisagista | João Nunes (PROAP) #27*, no minuto 00:07:54.

²² Transcrição do vídeo da The Cultural Landscape Foundation (TCLF) (2004): “Richard Haag: Gas Works Parks”, no minuto 00:00:35.

profusão, a unidade de composição conduz à beleza e deve ligar logicamente todos os aspetos sucessivos da obra. Deve entender-se, não apenas em relação à forma, mas igualmente em relação a todos os restantes elementos e nunca deve ser destruída pela preocupação da variedade (Cabral, 1993). A unidade “deve mesmo estender-se para além da obra e integrá-la na paisagem circundante” (Cabral, 1993:27), pois que, “a arte é essencialmente sintética e não discursiva e, por isso, a sua perfeição consiste na simplicidade” (Cabral, 1993:28), não de pobreza, não de espírito, não de conteúdo, mas de equilíbrio, coerência e elegância.

O arquiteto paisagista é um “domesticador” da paisagem, que a molda, que a transforma segundo as suas condicionantes, que não a trabalha necessariamente à escala humana (como o arquiteto), mas sim à escala da paisagem. A escala humana é um fator secundário ou terciário, que não deixa de ser um fator, uma preocupação, mas que deriva necessariamente da coerência entre escalas (APAP, 2020; Cabral, 1993). O domínio do projeto e desenho de paisagem, na arquitetura paisagista, resulta, necessariamente, do equilíbrio entre as diversas escalas de intervenção (Freire, 2018). A complexidade da paisagem distingue-se, fortemente, pela sua enorme extensão e, simultaneamente, pela sua particularidade. É sobre estas circunstâncias que se premeditam as competências necessárias ao arquiteto paisagista, na capacidade de criar harmonia entre os diferentes níveis de espaço, dos mais amplos aos mais circunscritos (Freire, 2018). Freire (2018:9) refere que “a competência de intervenção em tais domínios complementares baseia-se na verdadeira possibilidade e capacidade de os relacionar e articular face aos objetivos da intervenção e à conjuntura temporal e espacial”. Esta ação tem por base a dinâmica característica da paisagem, assente no seu carácter multifuncional e na adaptabilidade das soluções, que interagem e vivem da articulação sustentada no papel da escala, segundo pensamento hierarquizado, que pretende alcançar o conceito global associada à paisagem (Freire, 2018).

A noção de escala e de coerência entre escalas é o que torna possível criar unidade (Cabral, 1993). Alexander (2002 apud. Farshadi, 2017) desenvolveu uma importante teoria sobre a capacidade de Lugares desenvolverem significado. Na sua obra “*The Nature of Order*”, elabora 15 princípios básicos da organização do universo, em todos os níveis de escalas, considerando o senso do Homem na experiência de vida, ordem e coerência (Lewicka, 2010 apud. Farshadi, 2017). A teoria sustenta a ordem como a base para qualquer construção e sugere a existência de graus tangíveis de vida em todo o tipo

de espaço, que vivem da relação do sistema (Farshadi, 2017). Os 15 princípios exploram a capacidade de criar vida nas diferentes escalas do mundo, tomando como base a ordem da natureza.

A procura de modos de conceber Lugares em diferentes escalas, com o intuito de ajudar a desenvolver laços emocionais entre pessoas e Lugares motivou um estudo descritivo de projetos, onde se considerou, que princípios poderiam ter impacto para criar Lugares com elevado potencial de ligação com as pessoas (Farshadi, 2017). Esta ideia articula-se diretamente com o conceito de Espírito de Lugar, ou *genius loci*, pois como foi já mencionado este reflete-se no Apego ao Lugar (Lewicka, 2008). Os conceitos básicos que, para Alexander (2002 apud. Farshadi, 2017) formam a sua teoria são: Vida, Todo, Centros e Padrões.

A Vida é uma condição geral que existe em todas as partes do espaço e cada parte do espaço, ou região a ele ligada, pequena ou grande, tem um certo grau de vida, bem definido, objetivamente existente e mensurável (Alexander, 2002 apud. Farshadi, 2017). “A vida provém desta realidade em que as coisas atuam como uma totalidade integrada, o que significa que as vemos como parte de uma cadeia interligada” (Farshadi, 2017:16).

Os dois tipos de ordem, formal e funcional, estabelecem uma relação entre o desenho e o sentimento do Homem, a que se chama Todo ou "totalidade" (Alexander, 2002 apud. Farshadi, 2017). Num bom projeto, a integridade pode ser encontrada em todas as partes da estrutura. Portanto, é possível, a partir de cada Padrão, descrever “um problema que ocorre repetidamente no nosso ambiente e, em seguida” identificar o Centro, “o núcleo da solução para esse problema, de tal forma que se pode” replicá-lo (Alexander et al., 1977 apud. Farshadi, 2017:16).

Os 15 princípios fundamentais de ordem, aceites por fenomenólogos do Lugar, como Seamon (2002) e Salingaros (1999-2006), foram a base a partir da qual Nikolas Salingaros (2006 apud. Lewicka, 2011) criou 3 leis básicas quantificáveis, com o objetivo de os tornar mais claros e objetivos (Lewicka, 2011 apud. Farshadi, 2017):

- Lei 1: A ordem na escala mais pequena é estabelecida por elementos contrastantes emparelhados, existindo numa tensão visual equilibrada;
- Lei 2: A ordem em grande escala ocorre quando cada elemento se relaciona com todos os outros elementos à distância, de um modo que reduz a entropia;

- Lei 3: A pequena escala está ligada à grande escala através de uma hierarquia interligada de escalas intermédias (Salingaros, 2006 apud. Farshadi, 2017)

As duas primeiras leis regem os dois extremos de escala (muito pequeno e muito grande) e a terceira lei é a ligação de todas as diferentes escalas (Salingaros, 2006 apud. Farshadi, 2017).

No exercício feito por Farshadi (2017), foram combinados princípios desta teoria e a de Norberg-Schulz (sobre a fenomenologia do Lugar), de modo a estabelecer teoricamente alguns princípios gerais que permitem, através de uma análise visual, aproximar-nos de uma quantificação ou qualificação da presença do *genius loci* num Lugar. A análise das fenomenologias levou a uma convergência sintética de 9 princípios analíticos, neste âmbito, sendo eles:

1. Uniformidade – Qualidade inerente à identidade de um espaço, característica por ser homogénea ou regular. Pode ser entendida como uma ordem absoluta, como um sistema logicamente integrado, racional, porém, abstrato, no sentido de transcender uma situação individual concreta;
2. Complexidade – Exprime relações usualmente complexas, dentro do Sistema e na relação com o contexto. Embora possa seguir uma lógica racional, aparenta substancialmente irracional, devido à multiplicação de elementos, variação nos pormenores e introdução de ornamentos "livres";
3. Mistério – Ambiente com relativa sinuosidade numa continuidade visual. Característico por ter uma atmosfera forte, aparentemente “fantástica” e “misteriosa”, mas também “intimista” e “idílica”. Em geral distingue-se por um carácter dinâmico e vivo, devoto para a expressão. A sua forma parece resultar do “brotar” que remete para a manifestação da natureza, e não para uma organização regrada, antrópica;
4. Geometria – Componente de definição do espaço mais precisa. Serve enquanto definição da base topográfica das estruturas. Na construção a geometria é utilizada como manifestação de compreensão geral do sistema. Qualquer espaço é definido por um limite, entendendo-se limite na perspectiva de Heidegger (apud. Farshadi,

2017): que não é onde algo acaba, mas, como os gregos reconheciam, onde algo começa a sua presença. Os limites de uma paisagem são estruturalmente semelhantes aos da arquitetura: chão, parede, teto; respetivamente, solo, horizonte e céu. Esta simples semelhança estrutural é de importância fundamental para a relação entre Lugares naturais e Lugares construídos pelo Homem. As propriedades envolventes de um limite são determinadas pelas suas aberturas, como foi poeticamente intuído por Trakl (apud. Farshadi, 2017) ao utilizar as imagens da janela, da porta e do limite. Em geral, o limite, e em particular a parede, torna a estrutura espacial visível como extensão contínua ou descontínua, como direção e ritmo;

5. Relação com a Natureza – A capacidade de transformar intenções de relação com a natureza em artefactos que a caracterizam e a ela se ligam, segundo processos de simbolização, condensação, clarificação e visualização, propostos para restaurar a relação de proximidade entre Homem e Natureza;
6. Domínio da Terra ou do Céu – Destaque para as primeiras e mais abrangentes propriedades de distinção e caracterização do espaço, mudam de sítio para sítio e potenciam o Lugar, com particular identidade. São propriedades básicas do espaço, que suportam e proporcionam a existência do Homem, enquanto parte de um mundo vivo, enquanto parte de uma totalidade que compreende componentes naturais. Todas as criações do Homem, neste mundo, estão entre o céu e a terra, estão compreendidas neste espaço de manifestação e tomam como ponto de partida esta definição material. O contraste estabelece, evidentemente, os dois principais eixos ou direções, horizontal (terra) e vertical (céu);
7. Contraste e Harmonia – Conflito entre elementos de uma estrutura, mantendo-a viva a partir da tensão entre estes e conferindo-lhe estabilidade e força. A força derivada deste contraste e alimenta a ligação do Carácter do Lugar na relação com contexto. A importância de criar contraste num Lugar é proteger a coerência e integração do espaço. A força de um Lugar aumenta quando perto de outro com forte carácter. Daqui nasce uma relação de ambiguidade e solidariedade entre Lugares, que acabam por decifrar-se e completar-se na sua interpretação geral;

8. Entropia – Considera a medida da desordem ou imprevisibilidade de um Sistema. Caracteriza-se pela alternância repetitiva: os Lugares ganham vigor quando são conjugados elementos num ritmo de alternância com outros elementos. A Entropia é perdida quando se aumentam desproporcionalmente as simetrias locais;
9. Hierarquia e Proporção – Componente que vive das variações de um Sistema, variações de distâncias, tamanhos, intensidades, elementos, que, quando em relação, fortalecem o Carácter do Lugar. Neste sentido a hierarquia atribui um sentido a esta variedade e consolida a totalidade única do Lugar.

A conjugação destas propriedades num espaço projetado permite a aproximação a um espaço significativo, não enquanto regras obrigatórias nem exclusivas para que um espaço ganhe um *genius*, porém, compreendendo as características identificadas, por ambos os autores, como tendo a capacidade de estabelecer e criar uma identidade particular, um Lugar, e como tal, uma maior apetência para desenvolver afeto na comunidade. Assim, consideram-se tais fatores, como propriedades mais abrangentes, alheias às especificidades inerentes a cada particular intérprete, mas suscetíveis de criar, dentro da generalidade, uma unanime sensação de experiência de Lugar, único na sua vivencia, com o seu espírito, o seu *genius loci*.

Voltando à analogia das palavras, anteriormente analisada (pág.14), de acordo com Steinitz (1995) o projeto tem valor de verbo e de nome, verbo enquanto ação no tempo, um processo que transforma um estado noutra; como nome, aparece em dois momentos. O Lugar que é encontrado, antes da ação, e aquele em que se pretende transformar, ambos sujeitos de serem interpretados. Portanto, enquanto metodologia de trabalho ou de análise, entende o projeto como um verbo que pretende tornar um nome noutra nome (Figura 2.3), ou seja, o projeto é uma ação que pretende transformar um Lugar noutra Lugar.

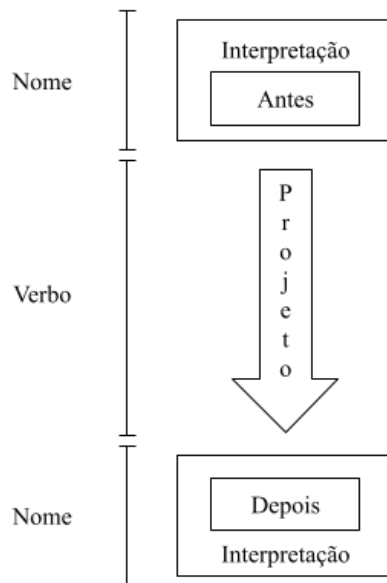


Figura 2.3 - Projeto enquanto Nome, Projeto enquanto Verbo (Fonte: o autor).

Os conceitos ao longo do texto apresentados, permitem perceber a importância do Lugar na vida do Homem. O Homem, enquanto ser social e, ao mesmo tempo, individual, encontra nos Lugares a base material para a sua vida e para o seu refúgio. Mas, mais que isso, enquanto ser emocional, tem a capacidade de criar laços afetivos, tanto com pessoas como com Lugares. O seu bem-estar depende dessas relações. Ao aprofundar a base da relação Homem-Lugar, concluiu-se que esta se relaciona fortemente com as propriedades do espaço, físicas e sensoriais, e se reflete na sua vivência e Apego ao Lugar. A Essência do Lugar diz respeito à particularidade de cada Lugar, composição única pelas suas características e relações culturais, históricas, funcionais, naturais e sociais.

Posto isto, como forma de entender e trabalhar a Essência do Lugar, foram mencionadas ferramentas de interpretação para o Lugar existente (Interpretação-Antes), assim como métodos para transformar o espaço preservando-a e atribuindo-lhe um novo significado, num novo contexto (Projeto-Durante). Compreendendo o projeto como uma ação necessária para a manutenção do Lugar e sua adaptação às novas exigências. Finalmente, com base em fatores analíticos desta relação, chegou-se a alguns indicadores que permitem avaliar o resultado do novo arranjo, do novo Lugar, na sua capacidade de transposição, criação ou intensificação do Carácter do Lugar ou do “*genius loci*” (Interpretação-Depois).

3. Lugar pela PROAP

As definições e conceitos aprofundados demonstram o valor e importância das componentes que constroem um Lugar, assim como, a responsabilidade de quem lhes submete uma mudança. Em primeiro lugar, enquanto Intérprete, na sua leitura, análise e compreensão exaustivas. Em segundo, com base no conhecimento adquirido, na correspondência de uma transformação adequada, responsável e consciente.

Com base nesses valores e no objetivo principal da investigação, que visa compreender como é incorporado o conceito de Lugar nas intervenções do atelier PROAP, reserva-se este capítulo a essa pesquisa/análise. Começando por entender o próprio atelier e os valores de base.

3.1. O Atelier como Intérprete

A PROAP conta com um vasto currículo de projetos de paisagem. Ao longo de quase 35 anos de atividade, teve a oportunidade de trabalhar com programas e Lugares, em diferentes contextos e realidades, com diferentes exigências e oportunidades, diferentes natura e cultura, um pouco por todo o mundo. Esta viagem pelo mundo com aproximações, “zoom-in’s” e “zoom-out’s”, permitiu criar uma imagem que se diversifica numa rede de projetos, interpretações, convicções, contactos que geram trocas de ideias, diálogo, análise, êxito, falha e em última instância conhecimento.

Na monografia “*PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA*” (PROAP, 2010), uma edição que veio celebrar os 25 anos do atelier, é transmitido, em resumo, parte deste conhecimento. Uma análise cuidada aos textos de João Nunes, que exprimem a sua forma de interpretação e ideologia de conceção, permite traçar concetualmente a essência daquele que é o seu atelier e sinteticamente a metodologia que opera as diferentes fases de projeto.

A essência do atelier, enquanto intérprete, exprime a postura que este assume perante a necessidade de resolução de problemas, problemas em contexto de paisagem, de que forma a entende, que olhar deposita sobre ela, com que intenções se parte para um novo projeto, para a resolução de um novo problema. A caracterização desta posição, ainda pré-conceção, acaba por, conseqüentemente, caracterizar a personalidade do grupo, e os princípios que o orientam na tentativa de contribuir para criar um mundo melhor.

Posteriormente, será analisado como são carregadas estas convicções no ato de transformação, mas antes interessa entender o atelier enquanto intérprete.

Para João Nunes a “leitura da paisagem não corresponde necessariamente a um espaço antropizado, se não a um espaço transformado pelas comunidades em que nele sobreviveram e que, de uma forma mais ou menos intensa, mais ou menos expressiva, mais ou menos evidente, imprimiram as suas marcas” (PROAP, 2010:22-23). Descreve-a como um complexo sistema de relações, relações sociais, espaciais, naturais e a interação entre elas, que se traduzem em marcas enquanto manifestações da vida entre todos e o território (PROAP, 2010). Conclui assim que, sendo a paisagem “uma representação complexa dos processos em ação num determinado território” (PROAP, 2010:32), está “susceptível de ser descrita objetivamente através de um estudo das características do território, das comunidades e das suas relações” (PROAP, 2010:32). Destaca-se a importância da interpretação do espaço existente, pré-transformação, do entendimento das suas relações naturais, ecológicas, sociais, culturais, individuais, de cooperação e dependência, fluxos de massa e energia, de como funciona enquanto sistema, enquanto organismo.

“A Proap tem-se dedicado à procura, quase obsessiva, de uma forma de dialogar e de comunicar com a paisagem de uma maneira compreensiva e participativa.”²³

Barbara Silva

A procura incessante de respostas nasce da vontade de entender cada Lugar, de perceber o seu metabolismo, pois “as obras [...], mais do que corresponderem a uma organização tipológica, correspondem a uma forma de interpretar a paisagem, a sua história, as suas características e a sua evolução” (PROAP, 2010:3). Antes de tentar mudar a estrutura de algo é necessário entender a atual, “tentar entender cada paisagem e cada lugar para depois dar-lhe um desenho coerente com o seu significado, tem sido sempre uma preocupação inerente a uma forma de fazer que se traduz num diálogo de reflexão com cada projeto” (PROAP, 2010:3).

Nunes diz que “construir paisagem através do projeto de Arquitetura Paisagista, é manipular positivamente os fatores metabólicos naturais juntando-lhes um sentido

²³ Transcrição de frase por Barbara Silva, do livro “*PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA*” (PROAP, 2010), pp. 3.

poético, ideológico, artístico e, evidentemente, relacionando-os com um objetivo funcional” (PROAP, 2010:10) correspondente à necessidade que motiva o projeto, de criar uma tipologia de espaço, enquanto justificção para as alteraçes submetidas à paisagem. Entende, que “trabalho na paisagem nunca corresponderá a uma imagem estática e imutável” (PROAP, 2010:9), “não se pretende gravar uma imagem sobre o terreno” (PROAP, 2010:9) mas sim procurar corresponder uma dinâmica, que funde uma estratégia clara e objetiva com processos naturais, num sistema autossuficiente. Isto requer a compreensão do Lugar e das suas características, “entender as energias que determinam o seu funcionamento, colocando a vontade de transformar no fluxo definido pelas mesmas energias” (PROAP, 2010:9).

“É um pouco como andar de veleiro; as energias que modificam o estudo (movimento e transformação) não são introduzidas dentro do sistema por nós mesmos, são intrínsecas ao sistema.”²⁴

João Nunes

Defende que a responsabilidade do interveniente parte da observação, pois, e remetendo para os princípios da sustentabilidade (basilares na PROAP), “seria impensável desenvolver qualquer tipo de transformação contra as forças naturais do próprio sistema, isso resultaria numa luta de forças completamente insustentável que se revelaria um enorme e constante desperdício de energia para a sua manutenção” (PROAP, 2010:9). Isto reforça a ideia de que a transformação, para ser sustentável, deve corresponder “apenas ao suficiente para que estas forças sejam capazes de construir o sistema que pretendemos” (PROAP, 2010:9), sem a necessidade de um agente externo garantir esse funcionamento, através de manutenções. A intervenção na paisagem não se concretiza ao “justapor uma aglomeração de objetos” (PROAP, 2010:11), requer interpretação que permite “reinventar a base da qual partimos, para chegar a um jogo de elementos e proporções” (PROAP, 2010:11), com a capacidade de “transmitir fertilidade, produtividade e diversidade com a consciência da importância cultural desse gesto” (PROAP, 2010:10).

²⁴ Transcrição de frase por João Nunes, do livro “PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA” (PROAP, 2010), pp. 9.

“A imagem deve imergir, por tanto, de um funcionamento dinâmico, mas sereno” (PROAP, 2010:9). Ou seja, o que a PROAP procura num projeto é atribuir um enunciado de funcionamento que introduz um princípio ativo, segundo o qual, a própria paisagem se molda, transforma e constrói, à imagem da ideia desejada, reagindo, ajustando e modificando de acordo com as necessidades e condicionantes (PROAP, 2010). A investigação procura encontrar uma dinâmica de projeto dentro da qual prevê teoricamente a resposta metabólica do sistema, que se traduz numa infinita sucessão de imagens (PROAP, 2010).

“Um parque, ou construção de paisagem, é sempre o redesenho de algo já existente. Os motivos principais de trabalho surgem das características do programa, de uma intenção ou de um conjunto de intenções funcionais para o sítio, e das próprias características do sítio.”²⁵

João Nunes

Num sentido mais técnico a oportunidade de estar inserido neste meio, de interpretar (durante o estágio), mostrou a importância dada à procura da melhor qualidade de informação, informação mais precisa, que permita maior coerência e atenção para pequenos-grandes detalhes que constroem, evidentemente, um Lugar. A topografia é sem dúvida a mais valorizada, pois define as grandes relações funcionais e formais. Na potencial falta de informação, muitas vezes pela escassez ou simplicidade de levantamentos e estudos, obrigava a levantamentos executados pelo próprio atelier. Os recursos da PROAP compreendem ferramentas de análise espacial de grande precisão, os Drones e LaserScan, permitem sobre diversos ângulos a reconstrução e particular caracterização de um Lugar, completando a falta de informação e capacitando o atelier, nessa matéria, de relativa independência, caso necessária.

O dispositivo Laser (Figura 3.1), permite a reconstrução de um espaço em suporte digital, onde um simples afloramento rochoso pode ter protagonismo e desempenhar um importante papel no projeto. Este aparelho permite a construção de uma nuvem de pontos. Funciona através da projeção de raios laser que recolhem, relativamente à posição do aparelho, a posição de determinado ponto que corresponde, na verdade, a um obstáculo a essa projeção. Isto permite recolher, no espaço em redor (com alcance entre 10-30

²⁵ Transcrição de frase por João Nunes, do livro “PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA” (PROAP, 2010), pp. 14.

metros), as coordenadas dos pontos nos 3 eixos relativos ao aparelho, e a cada qual faz associar uma cor. O aparelho roda sobre si próprio fazendo uma recolha de pontos e imagens em 360°, ou várias recolhas, sempre que se muda o aparelho de sítio, para que o resultado seja mais pormenorizado ou, relativamente à dimensão da área, pela limitação de alcance deste. Este tem a capacidade de cruzar todas as recolhas, através da sobreposição que faz, utilizando elementos de referência entre cada recolha. No final, equivale a dados de milhões de pontos que constroem, como resultado, uma nuvem de pontos (Figura 3.2) correspondente ao espaço levantado, em suporte virtual, em 3D.



Figura 3.1 – Dispositivo laser Leica BLK360 (Fonte: Leica Geosystems).



Figura 3.2 – Levantamento executado na PROAP, com dispositivo Leica BLK360, para o projeto Lazareto de Lisboa (Fonte: PROAP Servidor).

Ora, se o LaserScan nos permite uma compreensão pormenorizada, ao nível terrestre, do sítio de intervenção a partir do qual é possível retirar inúmera informação: topográfica, planimétrica, da relação e perceção espacial. Por outro lado, os Drones são uma importante ferramenta de entendimento global do espaço e da relação deste com o contexto, permitindo visualizar ao nível aéreo, mas com imenso detalhe e qualidade, o espaço. Completam a análise e permitem a captação visual de ângulos com acesso impossibilitado. Também importante, e uma vez que o trabalho de projeto é desenvolvido em 2D, é a capacidade de este reproduzir o espaço em planta com alta resolução, contribuindo para criar uma base de trabalho de alta qualidade.

As visitas ao local, completam este levantamento físico, com a recolha de informação específica sobre materiais inertes e vegetais, como: espécies; o PAP

(Perímetro à Altura do Peito); diâmetro da copa; altura; estado fitossanitário; bem como da sua localização no espaço (geolocalização). Contribuem também para a apreciação das propriedades intangíveis do Lugar, que se exprimem em sensações próprias, proporcionadas pela sua experiência e vivência. Esta experiência envolve entender o cosmos que cerca aquela pequena esfera de sensações e relações. Sensações apenas adquiridas quando percorridas distâncias, contempladas vistas, quando nos subtemos a exposições de relatividade, fatores de envolvimento e plenitude, quando mergulhamos no contexto cultural que a caracteriza e vitaliza.

3.2. Da Análise ao Projeto

Na PROAP, a interpretação é tida como um fator de elevada sensibilidade e responsabilidade, uma vez que ao se intervir na paisagem está se a alterar uma ordem que afeta todos os elementos inerentes ao sistema. Deste modo a PROAP assume um papel de intérprete que tenta ser o mais consciente e responsável, procurando entender o sistema e as forças que ditam o seu funcionamento enquanto organismo, enquanto todo, de maneira a transformar, segundo uma linha compreensiva e participativa. Considerando isto, interessa entender como são materializadas estas convicções, que procuram, nas especificidades de cada Lugar, induzir um princípio ativo, segundo o qual, a própria paisagem se constrói e regula, num sistema autossuficiente.

Um novo projeto representa um novo Lugar, novo contacto, novas relações, nova natureza e cultura, novo diálogo. Representa o acrescento de novo conhecimento à rede já então criada, o continuar do contributo experimental, que permite sintetizar o êxito de experiências e interpretar falhas. Este conhecimento informa o discurso da PROAP e caracteriza o léxico que utiliza, nesta, que representa mais uma tentativa “de dialogar e de comunicar com a paisagem” (PROAP, 2010:3) de determinado Lugar, conduzida por expressão e linguagem próprias.

Como visto, para João Nunes a paisagem está inevitavelmente associada “às marcas de cada momento, de cada geração, de cada cultura, sobrepondo-se no mesmo lugar” (PROAP, 2010:34). Consiste numa base dinâmica que recebe e se transforma “continuamente com as convicções de cada momento, portanto compreende gestos diferentes para a resolução dos problemas das comunidades, às quais correspondem marcas diferentes” (PROAP, 2010:35). A presença de tais marcas num local representa

interpretações passadas, para resoluções de problemas passados e informam a construção de soluções no presente (PROAP, 2010).

Assim, “o projeto deve conseguir apresentar os resultados da investigação realizada de forma conclusiva, ou seja, deve ter chegado a uma leitura e interpretação dos mecanismos presentes, deve ter decifrado complexo código da paisagem” (PROAP, 2010:18). Deste modo são reunidas as condições que permitem corresponder adequadamente, a determinado sítio, uma nova forma, nova dinâmica, novas relações, estabelecendo um novo Lugar, que se traduz num complexo sistema com metabolismo próprio.

“Nos nossos trabalhos, seja qual for o tema, seja qual for o contexto, seja qual for a construção poética possível pelas circunstâncias, pretendemos sempre a construção dum sistema de substituição do sistema preexistente.”²⁶

João Nunes

A transformação corresponde, como anteriormente referido, à introdução de um novo enunciado de evolução, motivado pela intenção de resolução de um novo problema ou pela exigência de novos desempenhos. Assim, e uma vez que incide diretamente num sistema, com relativa estabilidade (ou que já a teve), o dever consiste em resolver as questões relacionadas com a compatibilização de esses dois sistemas (o sistema antigo e proposto) (PROAP, 2010). O objetivo é fundir dois sistemas aparentemente independentes, num novo que vive da relação dos dois, “no sentido da substituição de um sistema existente por outro que reagirá melhor às novas funções que lhe são aplicadas e aos novos desempenhos que lhe são exigidos” (PROAP, 2010:19).

“É nesse processo de compatibilização, sempre acompanhado pelo descobrimento ou pela investigação e procura de segredos e mecanismos, nem sempre evidentes, onde se desenvolve a nossa implicação com o sítio, por um lado porque o vamos conhecendo e entendendo melhor e por outro, porque vamos estabelecendo compatibilidades ou incompatibilidades entre programa e sítio.”²⁷

João Nunes

²⁶ Transcrição de frase por João Nunes, do livro “PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA” (PROAP, 2010), pp. 17

²⁷ Transcrição de frase por João Nunes, do livro “PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA” (PROAP, 2010), pp. 18.

Portanto, a transformação é assumidamente uma redefinição material, mas sobretudo mecânica, compreendendo a reconstrução de um mecanismo de funcionamento metabólico (PROAP, 2010). E, sendo que, “a substituição se destina a encontrar respostas a requisitos mais exigentes do que aqueles a que o presente sistema está submetido” (PROAP, 2010:20), está implícita a transformação dos “inputs” existentes juntamente com a proposta de novos “inputs”, que vão alimentar o novo sistema (PROAP, 2010).

“É desta complexa rede de relações que surge o projeto, é por isso que ele mesmo é um processo, também complexo, que acolhe momentos de enorme objetividade e clareza, e momentos de incerteza e emotividade” (PROAP, 2010:18). É preciso que ao logo desse processo o formalismo ceda espaço de reflexão, quanto ao complexo funcionamento metabólico do sistema (PROAP, 2010). Ao sobrepor o valor da forma em relação ao funcionamento metabólico estar-se-ia, mais uma vez, a contribuir para a construção de um sistema insustentável e para uma reforma unicamente material.

É, portanto, inevitável, que falemos das duas (material e funcional) enquanto propriedades inseparáveis. Assim sendo e uma vez que a intervenção se fundamenta na compreensão de novas relações de funcionamento da paisagem, a remodelação do terreno, a forma da terra, assume a ação de maior importância para a criação de um novo sistema (PROAP, 2010). Determina a capacidade e funcionamento do sistema, com base no desempenho em termos de autonomia e de sustentabilidade.

Nesta perspectiva, na PROAP, a morfologia do terreno representa um fator preponderante do projeto, “porque ela é, de facto, dentro da lógica de funcionamento dos processos da paisagem, determinante da imagem” (PROAP, 2010:17) e das funções de regulamento do sistema. “Ao manipular pendentes e a orientação das encostas em relação ao sol alteramos, além das condicionantes hídricas, as condicionantes microclimáticas, tanto para as plantas como para as condições de vivência do espaço” (PROAP, 2010:17).

“A manipulação topográfica sempre construiu um parâmetro essencial para a transformação da paisagem. Histórica e tradicionalmente associada à conservação do solo e da água para fins agrícolas, mas também associada ao processo de urbanização por razões de infraestruturas e acesso.”²⁸

João Nunes

²⁸ Transcrição de frase por João Nunes, do livro “PROAP – ARQUITETURA PAISAGISTA” (PROAP, 2010), pp. 11

No projeto recorre-se a ambas as logicas enquanto ferramentas de apropriação e transformação topográfica: à agrícola, para controlo e gestão racional dos recursos, fluxos de matéria e energia; e à urbana, que serve o propósito da acessibilidade, bem como, o estabelecimento de conforto e secundariamente, a necessidade de racionalização de processos (PROAP, 2010). “O projeto conduz, efetivamente, à confluência de síntese integradora de ambas as lógicas” (PROAP, 2010:11).

João Nunes refere que nos projetos do atelier pretende-se “minimizar a intervenção para conseguir os objetivos enunciados com um custo mínimo, com um mínimo de alterações, com um esforço de adição minimizado” (PROAP, 2010:20). Pelo que, a resposta para a transformação é sempre procurada na reorganização dos materiais presentes, com adição apenas das componentes estritamente necessárias (PROAP, 2010). Recursos materiais, mas também imateriais, que se encontram muitas vezes junto das comunidades, próximas destes Lugares. Ao se partilhar, dúvidas, incertezas, intuições e pressentimentos, com o público, a reorganização torna-se mais clara (PROAP, 2010).

Durante o período de estágio tive oportunidade de participar ativamente neste processo de interpretação, consolidação, apropriação e transformação de recursos. A informação era interpretada sinteticamente num esquiço que servia de linha condutora para o projeto, enquanto conceito de intervenção. Aqui, dá-se o primeiro momento do longo processo de tentativa de modificar território com a linguagem de transformação, o início do diálogo, após ouvir tudo o que Lugar tem antes para dizer.

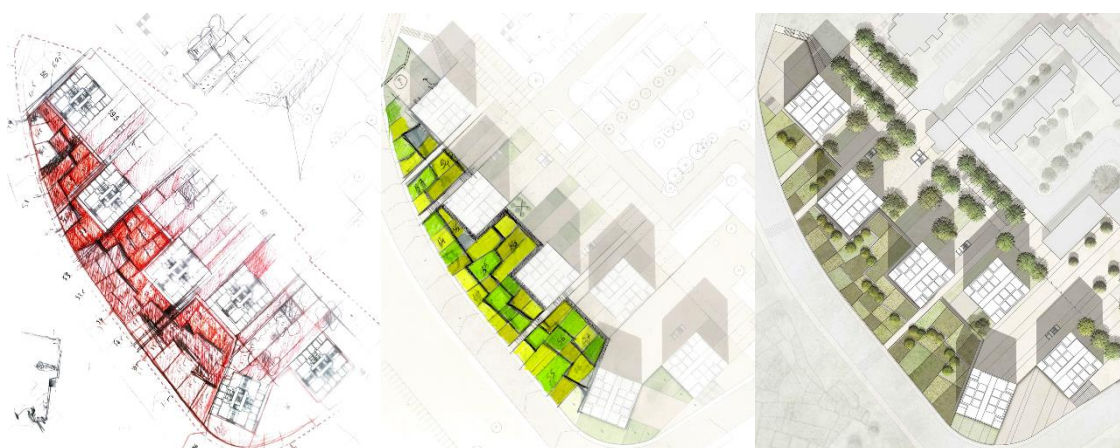


Figura 3.3 – Progresso desde o esquiço inicial ao Plano Geral do Projeto Quinta das Conchinhas, Lisboa (Portugal) (Fonte: PROAP Servidor).

O esboço serve, de forma muito geral, para conseguir num gesto instintivo e pouco específico, unir todos os elementos numa linha de pensamento. Consiste num desenho sem grande detalhe, muito generalista, concetual, que entende a estrutura como um todo, numa ampla escala e lhe dá um sentido poético e formal. Após esta abordagem a atenção tem de se virar com muita cautela e minuciosidade para as respostas positivas e negativas dadas pelas características do território. O desenho vai-se moldando progressivamente ao detalhe e particularidades do território e gradualmente construindo uma proposta cada vez mais coerente (Figura 3.3).

As escalas têm um papel fundamental na compreensão específica do Lugar e na sua relação com o contexto e globalidade da paisagem. São das principais ferramentas de análise e trabalho na PROAP e de importância primária. Pelo que, é exigida coerência transversal entre escalas (Figura 3.4), a nível formal e comunicativo, coerência que serve enquanto meio objetivo de transmitir um conceito, que pretende consolidar e apropriar a proposta na sua Especificidade do Lugar e na sua integração orgânica no meio.

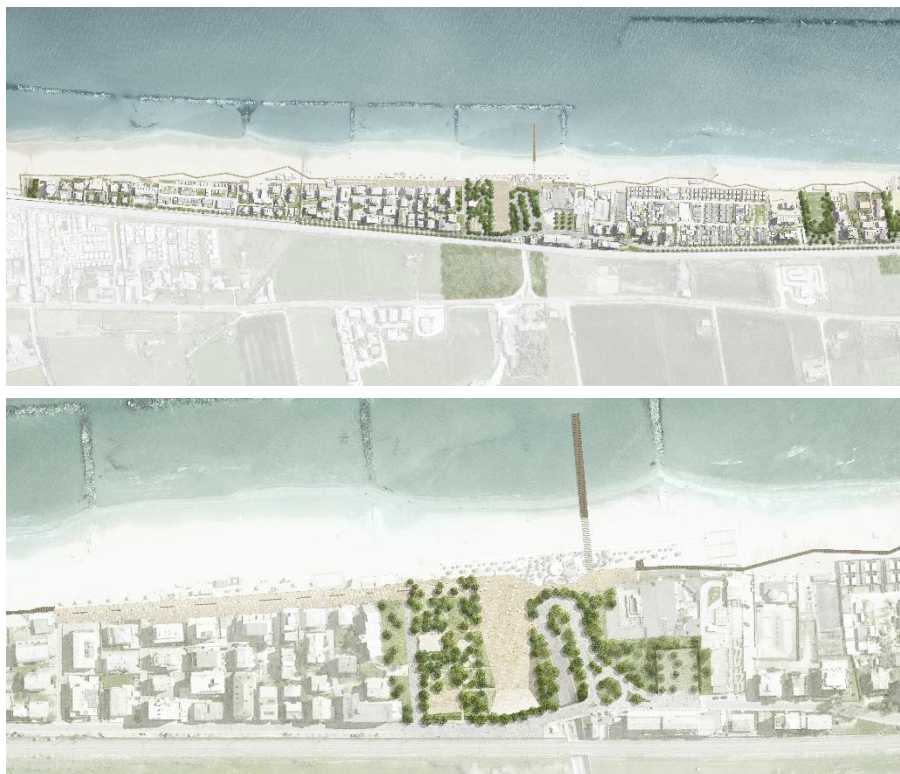


Figura 3.4 – O mesmo projeto, Frente Ribeirinha de Fano (Itália), trabalhado a escalas diferentes. (Fonte: PROAP Servidor).

Segundo Barbara Silva (PROAP, 2010), que faz a introdução desta monografia, “um dos conceitos que melhor poderia definir a arquitetura da Proap é o desenho, pois este converte-se no processo de criação mais importante” (PROAP, 2010:3), é ele que

tem a capacidade de transportar a essência de cada projeto, que se molda pelas interpretações do Lugar, onde cada paisagem transforma os nossos sentimentos, ao ter a capacidade de nos transmitir sensações.

As soluções são discutidas em mesa-redonda com o intuito de reunir o melhor contributo de cada um, por vezes acompanhadas por processos de participação pública que também enriquecem a proposta. Discussões abertas entre colegas, ateliers, especialidades, interessados, amantes, pessoas, vão segurando a caneta que desenha a proposta. E aqui importa a clareza e coerência no material de comunicação entre os diferentes participantes. Na PROAP, é suportado por padrões definidos no atelier que passam sempre pela certificação de superiores. Recorre-se muitas vezes a material gráfico desenvolvido em softwares quer de 2D como de 3D e por vezes, quando necessário, para melhor se discutir, são impressos modelos 3D (Figura 3.5), numa impressora 3D.



Figura 3.5 – Maquete impressa em impressora 3D, para estudos de criação de ilhas artificiais no projeto Forte Village Resort, Cagliari (Itália) (Fonte: PROAP Servidor).

Ao longo do processo criativo e de compatibilização entre os diferentes componentes do território e o projeto, nascem, muitas vezes, novas reformulações do projeto, que correspondem à sua conseqüente adaptação na procura continua do melhor encaixe, da resposta que melhor se parece adequar.

3.3. O Lugar no Projeto

Uma vez descritas as convicções e o modo de operação do atelier perante o Lugar, teoricamente, pretende-se agora avaliar alguns projetos da PROAP, enquanto casos de estudo capazes, ou não, de transpor a Identidade do Lugar, com recurso a indicadores.

A eleição dos projetos para esta análise, justifica-se pelo reconhecimento destes integrarem o conceito de Lugar no seu desenvolvimento, assim como, pela sua diversidade tipológica e contextual. De modo a abranger uma maior diversidade de situações e soluções, assumindo a mesma atitude de preservar o Carácter de Lugar.

Parque do Tejo e do Trancão

Data de início: 1994

Tema: Espaço Público - Parque - Requalificação Territorial e Ambiental

Área: 90 hectares

Cliente: Parque Expo 98, SA.

Localidade: Lisboa, Portugal

Autores: Heargreaves Associates; PROAP/João Nunes

Contextualização

A parte oriental de Lisboa foi sempre uma zona periférica, limítrofe da cidade e como tal, destinada a atividades industriais e infraestruturas portuárias e ferroviárias, entre outras, que se associavam às periferias das cidades. Até ao Século XX, sendo Lisboa uma cidade ainda bastante provinciana, era envolvida pela ruralidade, onde dominava o uso agrícola. Porém, no início do Século, registou-se o crescimento da atividade industrial, com a introdução da linha de ferro, que ligava as margens do rio Trancão. Ainda que a área correspondente ao atual parque do Tejo e Trancão, tenha mantido o uso agrícola, até ao início dos anos 70, toda a envolvente estava em transformação e consequente descaracterização. Acabando esta, também, por se tornar um sítio industrial (Figura 3.7), de despejos, depósitos, armazenamentos e tratamentos, de lixo e esgotos, do material do final da guerra colonial, de todo o tipo de resíduos que a cidade produzia, mas dos quais se queria distanciar. Assim, permaneceu até à década de 90 do século XX, acumulando resíduos (Figura 3.6) e distanciando-se da cidade, culminando numa área devoluta, em estado de rutura completa com os processos naturais, como era o caso do

aterro sanitário de Beirolas (PROAP, 1999a; The Harvard Graduate School of Design [Harvard GSD], 2015).



Figura 3.6 - Entulhos Parque das Nações, Bruno Portela. 1994 (Fonte: Idealista News).



Figura 3.7 – Refinaria de Cabo Ruivo, Bruno Portela. 1994 (Fonte: Mundo Português).



Figura 3.8 - ETAR e Aterro Sanitário de Beirolas. 1995 (Fonte: Ortofotos 1 m - Portugal Continental – 1995. Direção Geral do Território. EPSG:3763).

Em 1992, a candidatura de Lisboa para anfitriã da Expo'98 (Exposição Mundial de 1998) venceu sobre a de Toronto (Canadá) (Naves, P. ,2018). O plano promovia a recuperação e reintegração de toda a área, inóspita, de Lisboa Oriental, com o objetivo da sua valorização urbanística a nível infraestrutural, tecnológico, ambiental e paisagístico (Portaria nº 640/94 de 15 de julho:Art.º 3º:3852) . A Expo'98 foi o motor, incentivo e investimento necessários para tamanha intervenção, fulcrais para a coesão desta nova parte da cidade. O plano de recuperação dividia-se em vários planos de pormenor, correspondendo, à área do Parque do Tejo e do Trancão, o Plano de Pormenor 6 (PP6) (Figura 3.9) (Portal das Nações, 2014).



Figura 3.9 – Planta do Parque das Nações – Planos de Pormenor (Fonte: Portal das Nações).

Projeto

O concurso, para o Plano Geral do PP6, foi ganho pela parceria estabelecida entre os ateliers Hargreaves Associates (Estados Unidos da América) e PROAP (Portugal). No entanto, para o concurso lançado para o desenvolvimento do projeto, a PROAP acabou por concorrer sozinha. A Hargreaves Associates estava empenhada num outro projeto de grandes dimensões, e não poderia de despende de recurso para outro grande projeto. (The Knowlton School at The Ohio State University [Knowltonosu], 2016).

As condições de partida eram contextualmente desafiantes, a nível paisagístico e ambiental, uma vez que tinham sido arruinados quaisquer vestígios do que havia sido aquele Lugar, na sua função natural de margem, no estuário do rio Tejo. No entanto, permanecia evidentemente a capacidade cénica do Tejo, como oportunidade excepcional para a intervenção, no sentido de fruição plena do rio, para introduzir uma atitude de redenção e reconexão nas relações da cidade com o rio e das pessoas com os ecossistemas e ritmos a estes associados. Portanto, assumiu-se desde logo a recuperação desta porção do território, extremamente degradado, oferecendo-o, em troca, recuperado, enquanto parque urbano adequado ao suporte natural e paisagístico em que se insere (PROAP, 1999b).

As intenções eram estabelecer uma organização do espaço capaz de oferecer uma grande diversidade cénica, visual, sensitiva, suportada numa estrutura que traduzisse coerência e unidade formal na leitura do conjunto, colocando em evidencia e como elemento central, o rio. Procurou-se nos processos naturais recuperar o carácter do sítio, definindo-lhe uma organização que pudesse conduzir a um estado de equilíbrio perene e autossustentável, criando uma organização que não contrariasse os ritmos naturais, mas que procurasse cooperar tirando máximo partido deles. Assumindo os ritmos das marés, definindo o espaço de acordo com as características e sazonalidade dos fatores naturais, dos ventos, do movimento do sol relativamente ao terreno, etc (PROAP, 1999b).



Figura 3.10 – Plano Geral: Parque Tejo e Trancão. 1999 (Fonte: Bienal Internacional de Paisatge Barcelona).

O projeto (Figura 3.10) suportou-se numa estrutura coerente e formal, onde as formas da modelação do terreno constituíram o elemento estrutural fundamental e determinante das consequências formais, porém, também, das funcionais ecológicas. O fundamento da paisagem que se pretendeu criar era dinâmico e complexificado pelas formas, que estabeleciam uma paisagem tridimensional e diversificada. As formas da modelação do terreno compuseram um ritmo formal, mas sobretudo, relativamente à sua orientação, um ritmo ecológico, que se repetia ao longo do parque. A oposição entre encostas suaves, expostas a Sul, e encostas mais abruptas, voltadas para Norte (Figura 3.12), criaram diversidade e condições correspondentes que se faziam acentuar pela vegetação específica de cada orientação. Entre as encostas formaram-se oportunidades, espaços amplos e protegidos (de exposições aos ventos), propícios ao lazer e a planos programáticos livres, assim como alguns equipamentos específicos para determinadas práticas (skatepark, parque-infantil, campos desportivos, etc.). As consequências formais ditadas pela modelação do terreno tornaram o sistema de caminhos subsidiários desta determinante, articulando-se, de forma indissociável, na base dos taludes (PROAP, 2010).

O projeto conformou-se num sistema de ajuste entre as relações com o meio, em mútuo entendimento e cooperação, sendo alimentado por quatro sub-sistemas: o altimétrico, o vegetal, o de percursos e o cénico. Este último resultante da conjugação dos outros três que vão manipulando e complexificando a relação com o rio e a perceção da água, através de jogos de vistas e proporções, consumados pelos negativos volumétricos do conjunto estrutural, onde se criam canais visuais, formas que se vão abrindo na direcção do rio e pontos de vista plena. No final, o resultado surge como uma sobreposição de “layers”: o das margens do rio (sapal), os aterros (dos anos 70-80), e as novas formas topográficas. O passadiço, que parte em direcção ao rio, permite constatar esta

sobreposição (Figura 3.11), a partir do momento em que se perde o estrato físico e se começa a planar sobre os estratos do sapal (PROAP, 2010).



Figura 3.11 - Parque Tejo e Trancão, passadiço sobre o Tejo (Fonte: PROAP).

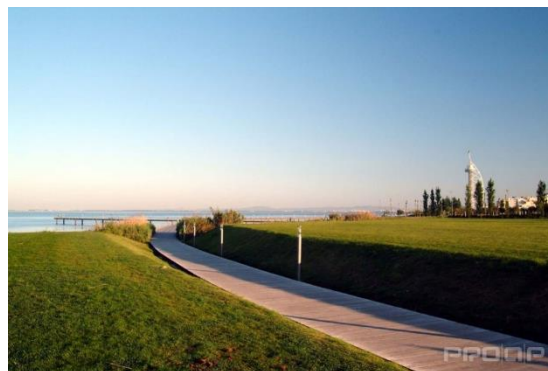


Figura 3.12 – Parque Tejo e Trancão, topografia (Fonte: PROAP).

Reação

O novo Lugar, Parque do Tejo e Trancão, representa hoje (Figura 3.13) um dos maiores parques da cidade de Lisboa, e está entre os que mais procuram intensificar a relação com o rio. A cumplicidade com os utilizadores é evidente pela grande procura enquanto fuga da cidade, tanto ao fim-de-semana, como para atividades do quotidiano, ao longo da semana. O parque, para além da grande oferta programática, é um espaço para o refúgio e, também, para a livre apropriação. Envolve o utilizador num meio naturalizado, com vertente pedagógica para o seu interior, mas, também, para fora dos seus limites, enquanto local privilegiado para a observação da fauna do estuário do Tejo, e do próprio *habitat* que este conforma.



Figura 3.13 – Parque Tejo e Trancão. 2023 (Fonte: Google Earth).

Apesar da relação com o passado mais recente, ser pouco evidente, dada a complexidade da recuperação a que foi sujeito, recuperou-se uma imagem mais distante, a de margem do rio Tejo, num novo Lugar, que procura intensificar e complexificar a relação do homem com os sistemas naturais. Num gesto de mútuo respeito, em que vivem indissociavelmente ligados, porém, com espaço para que a manutenção de ambas as partes seja fluida e contribua para que a relação se perlongue. Representa a marca de um período bastante inovador para Portugal, de transformação, de ideias, políticas, sensibilidades. Portanto, nesse valor representará sempre um património que não deixa de ser artificializado, mas que, procura uma compatibilização entre as necessidades do Homem e a sustentabilidade do meio.

A paisagem criada, evidentemente artificial, mantém um nível de coerência formal que se estende ao longo do parque. As formas topográficas e o desenho dos percursos, atribuem-lhe determinada uniformidade geométrica, uma ordem global que envolve todo o sistema, nas diferentes escalas, e o diferencia do contexto. No entanto, faz-se complexificar no seu funcionamento, nos ritmos e mecanismos inerentes às formas criadas, para além de lhe estar associado um valor de contraste, entre funções de encostas opostas, as margens e as marés, e os próprios sistemas topográfico e de caminhos, que também os torna interdependentes.

Ao longo do parque, na direção Torre Vasco da Gama – Ponte Vasco da Gama, a proporção vai gradualmente aumentando, das formas, da hierarquia, da amplitude do espaço. Neste transepto, o utilizador passa de um espaço marcado pela intimidade, coberto, cerrado pela vegetação; para um com maior abertura e esplendor. Do mistério para o domínio da terra e do céu, que alternam o protagonismo entre si, de acordo com as formas do terreno, que nos direcionam a vista para o céu ou para o rio. A relação com o rio, enquanto elemento natural central, é transversal e explorada de várias formas, quer pelo sistema de vistas, que se diversifica, como pela aproximação e afastamento do próprio corpo de água.

O projeto para o Parque do Tejo e do Trancão, representa uma recuperação de uma identidade que se havia perdido, a redenção do Homem perante a Natureza, restabelecendo a relação que antes destruíra, num sistema que coloca os dois em integridade e cooperação. Uma evidente operação que tenta relacionar-se com o meio, mostrar o seu entendimento e simbolizar essa compreensão, acrescentando, de forma integrada, situações, que através da sua função ecológica, sirvam também as necessidades

de conforto e interesse do Homem. Hoje cumpre as funções de margem de rio e representa uma oferta de espaço verde público, Homem e Natureza em relação de cumplicidade. Considerando isto, a forma e os valores que conduziram esta intervenção, a estrutura que hoje dá lugar a tantas experiências e vivências, o que representa para a comunidade e os laços que a ela se criam, pode-se dizer que este é um Lugar fortemente marcado pelo seu carácter, o “*genius loci*” do parque acompanha-o e torna-o único, como confirma a análise (elaborada pelo autor) segundo os indicadores antes apresentados (Gráfico 1).



Gráfico 3.1 – Indicadores do Carácter do Lugar vs. Parque Tejo e Trancão (Fonte: Autor).

Parque Fluvial da Quinta do Alamal

Data de início: 1997

Tema: Espaço Público - Parque

Área: 3,8 hectares

Cliente: Câmara Municipal do Gavião

Localidade: Gavião, Portugal

Autores: VMSA, Arquitectos; PROAP/João Nunes

Contextualização

Neste Lugar permanece a memória de uma quinta do Vale do Tejo. A antiga Quinta do Alamal, atual praia fluvial, insere-se na interceção entre o Tejo, que corre com grande expressão, e um pequeno afluente, que rasga um vale escarpado, por entre quedas de água, socalcos, e muita vegetação. A 2,8 Km de distância ergueu-se, em 1952, a Barragem de Belver (Wikimedia Foundation, s/d). O aumento do caudal (Figura 3.15) acabou por cobrir parte do que seria a quinta (Figura 3.14), deixando, no entanto, elementos que relatam esta história, como é o caso dos socalcos, dos tanques e fontes que aqui permanecem (PROAP, 2010).

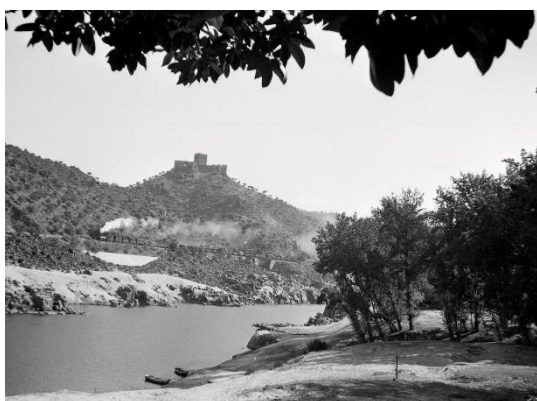


Figura 3.14 – Caudal antes da construção da barragem. Anos 30 (Fonte: Página Facebook - Montalvam).



Figura 3.15 - Caudal depois da construção da barragem (Fonte: Página Facebook - Montalvam).

O aumento do caudal, conjugado com esta interseção de corpos de água, e as condições de margem interna, proporcionaram uma situação de deposição de sedimentos que tornam propicia a prática de lazer e o estabelecimento de estruturas, dada a relativa estabilidade do estrato.

No final dos anos 90 a Câmara Municipal do Gavião decidiu investir na recuperação desta quinta, de forma a dar continuidade e suporte ao uso recreativo, conciliando as características histórico-culturais, com as potencialidades naturais do sítio e consequentes da instalação da barragem.

Projeto

O projeto previu a criação de uma praia fluvial e a construção de um estabelecimento hoteleiro (Figura 3.16), adjacente à praia. A Pousada do Alamal, possibilita a acomodação das pessoas atraídas para o novo Lugar e incentivou a atividade económica. Associado a este complexo, que se criou, estabeleceram-se, também, outras infraestruturas de apoio, como parque de estacionamento e edifício de restauração.



Figura 3.16 - Hotel INATEL Gavião, inserido na paisagem (Fonte: Habitar Portugal).



Figura 3.17- Hotel INATEL Gavião, fachada (Fonte: Habitar Portugal).

O projeto, desenvolvido em cooperação com o sítio, procurou respeitar a paisagem e inserir-se nesta de forma contextualizada. Os edifícios do séc. XIX, pertencentes à quinta, foram recuperados e serviram como elemento catalisador de toda a intervenção. O novo edifício para a unidade hoteleira, procurou inspiração na paisagem com a qual se conectou de forma abstrata e funcionalmente objetiva. Numa forma relativamente simples, bem definida, assenta e ajusta-se à envolvente, como se apenas de mais um soalco se tratasse, moldando a paisagem da mesma forma, num patamar. O telhado-verde ajuda nesta inclusão do edifício na paisagem. A fachada “marcada por uma estrutura modular, como na linearidade formal que, associada ao módulo e à repetição, procura na abertura aleatória dos vãos da fachada Norte adquirir ritmos” (VMSA arquitectos, s/d). É também materializada no mesmo padrão de pedra seca dos socalcos (Figura 3.17).

O projeto de arquitetura paisagista (Figura 3.18) concretiza-se pela celebração do próprio Lugar: um Lugar extraordinário onde se pode viver o rio Tejo.

A estrutura é definida pelas pré-existências que acabam por ditar o desenho da proposta. Os socalcos, os tanques, as fontes e a mata de Amieiros criam uma diversidade de oportunidades associadas ao lazer. A proposta assenta na conjugação destas existências com a redefinição em espaços programáticos, infraestruturando-os e definindo-os. Na base da mata propõe-se um parque de merendas tirando proveito da frescura e som da água que corre. Os socalcos, pela sua regularidade e conforto, foram reconvertidos em zonas de acampamento e eventual estadia (PROAP, 2010).



Figura 3.18 - Plano Geral: Parque Fluvial da Quinta do Alamal (Fonte: PROAP).

A área de encontro da ribeira com o Tejo foi transformada em praia fluvial, com a colocação de areia e relvado. No troço final da ribeira, através da mesma linguagem de contenção dos socalcos, porém, desta vez de água, cria-se uma piscina natural, com a colocação de açudes, dissimulados nas pontes que conectam as duas margens. A praia é ponto de partida para um percurso sobranceiro ao rio (Figura 3.21), constituído por passadiços que acompanham a sua margem, ao longo do qual, se avista o castelo de Belver, que se destaca nesta paisagem onde a vegetação contrasta com as águas tranquilas do Tejo (PROAP, 2010).



*Figura 3.19 – Complexo Fluvial da Quinta do Alamal
(Fonte: Câmara Municipal de Gavião).*

Reação

A praia fluvial do Alamal constitui hoje um complexo de lazer (Figura 3.19), preservando a sua função de recreio enquanto quinta que foi, agora, adaptada às necessidades de recreio da contemporaneidade. As novas estruturas vieram contribuir para a manutenção e resiliência do Lugar, uma vez que promovem a continuidade da sua vivência, sem apagar as manifestações do passado. O projeto resultou da procura de articulação entre as pré-existências e uma infraestrutura que responde às necessidades do novo uso. Para além de integrar as novas estruturas, revelou as oportunidades ocultas em algumas das existentes, repensando para estas novas capacidades do uso, tal como, a reconversão de socalcos agrícolas em áreas de campismo (Figura 3.20).

A integridade do sítio foi assim assegurada, a linguagem formal respeitada, e do conjunto, entre “velho” e “novo”, é possível sentir a unidade que conformam um novo Lugar, por vezes, sem se conseguir distinguir onde começa um e acaba o outro, mas mantendo evidente a justaposição de dois tempos. Desta relação temporal, celebrada no mesmo espaço, criam-se uma série de vínculos, que vivem de forças de harmonia e

contraste, entre o mistério do que este Lugar foi e do que é, o que o torna mais intrigante e complexo ao mesmo tempo. Esta complexidade, vive também da entropia de espaços, envolvidos e dissimulados misteriosamente no vulto da vegetação, da natureza.

É um Lugar de celebração do rio Tejo, de conexão com o meio, com uma encosta, com uma margem, com um rio. Desde a soleira até ao vale, passado pela própria encosta, atravessam-se vários ambientes: de observação, na soleira; de coberto, na encosta (coberta pela mata ripícola); de exposição, no vale. Diferentes domínios da terra e do céu, definidos pelo esplendor do rio ou pela silhueta das montanhas, onde surge também o Castelo de Belver. As escalas vão variando com as diferentes aberturas do espetro da visão, e as proporções dos espaços aumentando, em direção ao vale, à medida que o terreno vai aplanando. Assim como as dimensões dos patamares que, na rua rigidez geométrica, definem o principal argumento formal do projeto, o artefacto que coloca em evidencia o Lugar. Em suma, constata-se que a intervenção veio de modo objetivo e minimalista, dentro do esperado, responder aos objetivos da intenção que motivou a proposta, consagrando os valores histórico-naturais, valorizando-os e colocando-os à disposição dos utilizadores. Isto reflete-se na cumplicidade dos utilizadores com espaço. É, portanto, um espaço único, distinto pelo seu carácter, como confirma a análise do Gráfico 2.

“A praia do Alamal, é um lugar que conta um tempo antigo, um tempo que corre devagar, um tempo de cores e de cheiros, um tempo de outros tempos.”²⁹

Câmara Municipal de Gavião, 2022



Figura 3.20 – Socalcos destinados ao campismo
(Fonte: Luiz Alexandre Google Maps).



Figura 3.21 - Passadiços do Alamal
(Fonte: Sapo Viagens).

²⁹ Transcrição de frase do Website da Câmara Municipal de Gavião [CMG] (2022), relativa à Praia Fluvial do Alamal.

PARQUE FLUVIAL DA QUINTA DO ALAMAL



Gráfico 3.2 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Parque Fluvial da Quinta do Alamal (Fonte: Autor).

Cava do Viriato

Data de início: 2000

Tema: Espaço Público - Património Histórico e Arquitetónico

Área: 103 hectares

Cliente: Viseu Polis, S.A.

Localidade: Viseu, Portugal

Autores: Gonçalo Byrne Arquitectos, PROAP/João Nunes

Contextualização

A Cava do Viriato (Figura 3.23) é um sítio arqueológico em Portugal, talvez o maior, assim como o mais intrigante. As suas origens e razões permanecem desconhecidas, apesar das diversas teorias. O mistério, torna-a particularmente interessante, assim como a sua potência (Guilherme, 2017).

É uma peça histórica, que forma um grande octógono, quase perfeito. Segundo, o Historiador e Arqueólogo, Jorge de Alarcão (1973), apresenta perfil trapezoidal: com 27,5m de largura de base, 6m de coroa e 4m de altura; cada um dos lados conta com 250m de comprimento, perfazendo mais de 2km de perímetro. É a maior construção do género (em terra) da península ibérica, e surpreende pelo rigor geométrico dos seus lados e ângulos (Guilherme, 2017). Os vestígios revelam, ainda, que era rodeada por um fosso, e alimentada por um sofisticado sistema de engenharia hidráulica, que ligava as águas do rio Pavia e da ribeira de Santiago, ao seu interior e fosso. O fosso era nivelado para que as águas se mantivessem no seu interior (Real & Tente, 2016).



Figura 3.22 - Reconstituição conjectural da Cava de Viriato na transição do primeiro para o segundo quartel do século X. Anyforms Design (Fonte: National Geographic Portugal).

As várias teorias, sustentadas por relações de semelhança, com outras estruturas históricas, associaram-na a uma fortaleza militar (Figura 3.22), sendo, os seus oito lados, as muralhas. Inicialmente foi associada a um campo militar romano, depois, muçulmano, mais tarde a uma cidade cristã (Real & Tente, 2016). No entanto, as escavações feitas por arqueólogos, não permitiram confirmar nenhuma das afirmações, por falta de vestígios (Real & Tente, 2016).

Em 1640, ganhou o nome de Viriato, herói nacional, expulsor de invasores, por desconhecimento ou por lendária associação. Mais tarde, esta hipótese acabou por encaixar na perfeição na retórica ultra-nacionalista do Estado Novo. O herói lusitano, mítico guerreiro, que liderou a resistência dos lusitanos contra os invasores romanos, serviu como propaganda de vanglorização da raça portuguesa (Frade, 2016). Por essa altura, ergue-se uma estátua de Viriato, com a frase: “Aqui mergulham as raízes desta raça viva e forte, imortal na sua essência” (Frade, 2016). Ainda que, essa teoria e Viriato sejam, segundo se crê, alheios a esta estrutura, o estado realizou uma intervenção para romantizar e embelezar a estrutura (Knowlton, 2016).



Figura 3.23 – Imagem aérea da Cava do Viriato. 2021 (Fonte: Ortofotos 0,25 m - Portugal Continental – 2021. Direção Geral do Território. EPSG:3763).

Após essa intervenção permaneceu ao abandono. O tempo, a vegetação, tomaram conta desta estrutura, propagaram e revestiram-na, ocultando cada vez mais, a sua forma, a sua presença, a sua existência. No início do Séc. XXI, o programa POLIS, avançou com a intenção de revitalizá-la, de devolver o mistério e o potencial de tão enigmático património, com a intenção de reativá-lo como um Lugar valorizado e reconhecido, pelas suas características únicas. Assim, para que esta fosse uma operação que promovesse, não só a veneração do próprio sítio, mas o proporcionasse enquanto espaço ativo da cidade, era necessária formular uma recuperação funcional do monumento, que reativasse a sua razão de ser (Knowltonosu, 2016).

Projeto

O projeto (Figura 3.24) tomou como objetivo encontrar essa nova razão de ser, uma razão justificada por uma função, que ativasse o espaço, a sua utilização e vivência. O projeto sugere, assim, uma intervenção mediante um elemento unificador, um percurso, que pretende, para além de demarcar o monumento, ligar os novos projetos, ao Monumento da Cava do Viriato e ao centro histórico. Uma vez que dada a sua dimensão, de tão monumental, a total compreensão apenas é possível por vista aérea, tornando a unidade essencial para a sua leitura (Knowltonosu, 2016).



Figura 3.24 – Plano Geral: Envolvente da Cava do Viriato (Fonte: PROAP).

O projeto veio claramente tentar tornar esta leitura mais evidente (Figura 3.25), a leitura de conjunto, num percurso que une todos os seus troços, segundo a mesma linguagem. Para isto, recorreu aos dois componentes do octógono, enquanto figura geométrica: segmentos e vértices; por um lado, evidenciando os segmentos, na sua linearidade (Figura 3.26), e resgatando os que se haviam perdidos, e por outro, reforçando os vértices, acentuando os seus ângulos (Figura 3.27) (PROAP, 2010).

Como tal, foi necessário limpar a peça, torná-la evidente, com uma linguagem simples e homogénea, possível de ser lida na íntegra. Este exercício foi complementado com elementos e características que ajudam nessa leitura: a introdução de um percurso no topo, formalizado por peças regularmente espaçadas, num módulo, que atribui ritmo e unidade; em contraste com os taludes, evidenciados pelo revestimento baixo e homogéneo, que permite destacar o rigor dos ângulos. A composição resulta num elemento que, pela sua simplicidade, permite que um lugar extenso, complexo e de difícil relação com a cidade seja facilmente identificado como um todo (PROAP, 2010).

O percurso, representado pela peça octogonal, conecta usos e situações espaciais, ao longo do qual, “definem-se equipamentos que promovem a relação de continuidade entre a cidade e espaço rural; definem-se novos espaços de lazer e de estar; e define-se uma envolvente de valorização do monumento da Cava do Viriato” (PROAP, 2010).



Figura 3.25 - Esquízo de ideia de projeto, João Nunes (Fonte: PROAP).

Assim, assenta essencialmente em dois grandes argumentos: a topografia, que é o grande argumento construtor do espaço, uma construção antiga, monumental, pelo que, tornar a sua leitura evidente é fundamental; e a justaposição, a introdução de um elemento linear e uniforme que permite, através, do contraste entre ambas, ler o envelhecimento da peça. A sobreposição das duas camadas, a peça histórica e o novo percurso uniforme, torna evidente esta justaposição de tempos, evidenciando, por um lado, o desgaste de algumas partes do octógono, e por outro, a perseverança de outras (PROAP, 2010).

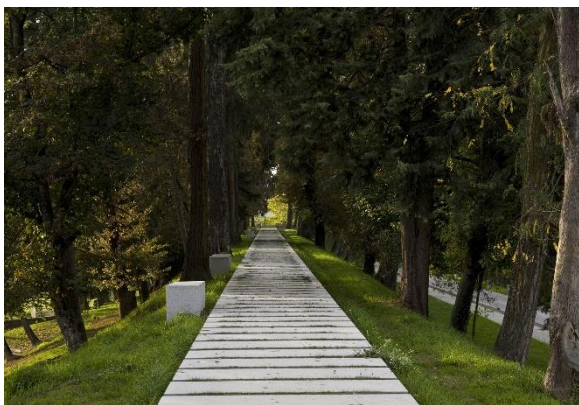


Figura 3.26 – Linearidade no topo do talude
(Fonte: PROAP).



Figura 3.27 - Destaque para o rigor dos ângulos
(Fonte: PROAP).

Reação

O monumento da Cava do Viriato, continua a ser um dos Lugares, em Portugal, que maior curiosidade desperta. Pela história, pelo alto valor arqueológico, pelo mistério, pela sua magnitude e sistemas que a compõem.

A unidade e geometria são os dois principais elementos deste projeto, indissociáveis e construtores do espaço, onde assenta o percurso que nos conta várias situações e ambientes. O mistério, a força inerente ao Lugar, que contribui para a sua manutenção e perseverança. Quanto à unidade, se por um lado, na sua forma é justificada por razões obvias, de evidenciar o monumento no seu todo, também o é, na sua função, como percurso unificador de situações e espaços. Funciona como sistema binário na sua razão, e enquanto elemento, com força, para realizar a transição entre a cidade e o campo, de forma integrada.

O utilizador, é encaminhado pelo percurso, pelo meio do mistério, do que é ou foi este Lugar, um caminho que se dispõe no topo de um talude, com momentos de cobertura e abertura das árvores. Ao longo deste, os taludes aumentam e diminuem proporcionalmente, surgem oportunidades de estadia, de acesso e de saída, o contexto transforma-se, as vistas variam entre cidade e campo, mas o percurso mantém-se na sua simplicidade, manifestando assim a sua complexidade, no seu decurso.

Esta grande peça contrasta com todo o contexto, enquanto se insere harmoniosamente na paisagem, tanto, que é difícil entender o seu todo, à escala do solo. Este equilíbrio é possível pela sua regularidade, hierarquia e proporção, mas também, pelo revestimento vegetal, que promove a relação com a natureza em todos os momentos.

Ao nível ecológico, representa um corredor verde, contribuindo para a manutenção da biodiversidade e para a infraestrutura verde da cidade, conciliando usos e atividades do Homem, com sistemas naturais. Neste valor, enquanto espaço multifuncional, que agrega valores histórico-culturais, naturais, de acesso e lazer, num Lugar verdadeiramente único e inconfundível, considera-se um espaço altamente caracterizado pelas suas especificidades, com “*genius*” muito marcado como nos indicam os parâmetros descritos e resumidos no Gráfico 3.



Gráfico 3.3 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Cava do Viriato (Fonte: Autor).

Encosta do Castelo de Silves

Data de início: 2003

Tema: Espaço Público – Parque - Património Histórico e Arquitetónico

Área: 4,4 hectares

Cliente: Silves Polis, S.A.

Localidade: Silves, Portugal

Autores: Luíz Moreira, PROAP/João Nunes

Contextualização

O Castelo de Silves, é um dos mais notáveis do Algarve, com mais de mil anos de existência, destaca-se na paisagem do barrocal algarvio, tanto pela sua cor, como pela sua dimensão. Uma obra de arquitetura militar, de origens árabes, sobre o ponto mais elevado da colina por onde se dispõe a cidade, conta com uma área total de cerca de 12.000 m². Na forma de polígono irregular, é construído em taipa e revestido a arenito vermelho, o famoso grés de Silves (Câmara Municipal de Silves [CMS], s/d).

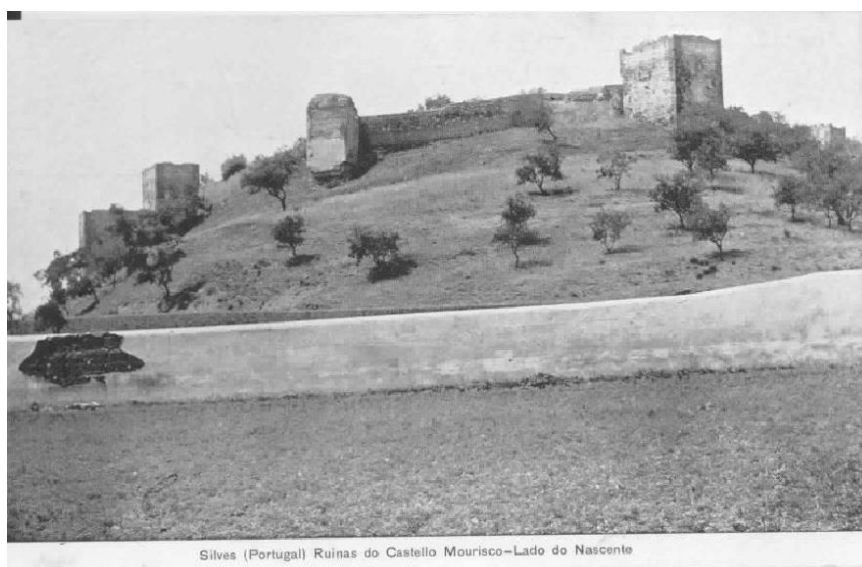


Figura 3.28 – Ruínas do Castelo Mourisco – Lado do Nascente (Silves, anos 20)
(Fonte: Jornal Terra Ruiva).

Ao longo do tempo foi devastado por inúmeros sismos (Figura 3.28) e consequentemente, foi objeto de obras de restauro, nos anos 40 do séc. XX, assumindo, na altura, o seu traçado atual, através da intervenção promovida no âmbito dos Planos de Fomento (CMS, s/d).

Na zona norte da muralha, nas costas do castelo, dispõe-se um acesso secundário, designado por Porta da Traição, um pequeno postigo que permite atravessar a muralha, para o lado da encosta do Castelo (CMS, s/d). No âmbito do Programa Polis, planeou-se o enquadramento desta encosta, abrangido na Zona Especial de Proteção do castelo (Figura 3.29), de modo a valorizar o Castelo e a provir acesso pela fachada norte, tirando partido da paisagem do barrocal e de diferentes enquadramentos do castelo (PROAP, 2010).



Figura 3.29 – Zona Especial de Protecção do Castelo de Silves (Fonte: Direção Geral do Património Cultural).

Projeto

O projeto (Figura 3.30) constituiu a valorização e enquadramento da encosta, com duas grandes condicionantes, que acabaram por ditar o modo de operação do projeto: o declive e a sensibilidade arqueológica. Tendo isso em consideração, dividiu-se em duas áreas de intervenção com características e condicionamentos diferentes. Uma zona pública, de acesso, estadia e lazer; e uma zona fechada, de utilização limitada. A articulação entre as duas zonas, foi realizada no " largo das duas palmeiras ", a uma altura intermédia, onde se encontra o edifício de serviços (PROAP, 2010).



Figura 3.30 - Plano Geral: Encosta do Castelo de Silves (Fonte: PROAP).

A primeira zona, de acesso público, representa um circuito que estabelece a ligação entre o edifício/entrada e a Porta da Traição. Este é desenhado numa sequência de "ilhas" verdes (Figura 3.31), criando uma série de plataformas, interligadas através de passadiços de madeira (Figura 3.32), lineares e elevados em estacaria. As plataformas são criadas com sementes herbáceas, para maior capacidade de carga, enquanto, os módulos que as separam, são compostos por uma cobertura rústica e seca, que visa, de modo geral,

repor o coberto espontâneo, característico da zona de Silves. Os passadiços de interligação apresentam inclinações que permitem a criação de um percurso confortável e adequado ao acesso de pessoas com mobilidade reduzida (PROAP, 2010).

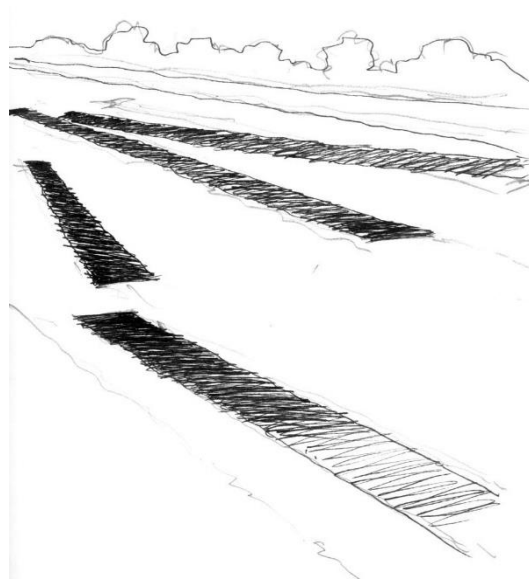


Figura 3.31 - Esquiza de ideia de projeto, João Nunes (Fonte: PROAP).

Deste modo, estabelece-se um sistema caracterizado por uma hierarquia funcional, que se baseia num circuito principal, de onde parte um conjunto de ligações secundárias, impedindo assim, o acesso dos visitantes a pontos mais instáveis da escarpa ou de maior sensibilidade arqueológica (Figura 3.34). Esta tipologia de projeto apresenta um elevado grau de flexibilidade em termos de evolução e, sobretudo, de alteração dos custos da sua realização (PROAP, 2010).



Figura 3.32 – Patamares e ligações (Fonte: Divisare – Fernando Guerra).

Paralelamente, aproveitando os terraços existentes, cria-se um sistema de plataformas pavimentadas em terra batida, zonas de repouso interligadas, com a possibilidade de acolher eventos. Em geral a solução permite reduzir drasticamente os movimentos de terras, uma vez que, as caixas de fundação dos pavimentos são construídas no interior dos aterros, recorrendo assim, a escavações simples para obter a concordância altimétrica, minimizando o impacto ao nível do subsolo e possíveis interferências arqueológicas (PROAP, 2010).

A área de acesso condicionada é composta por dois percursos pedonais e um percurso misto, com acesso controlado. Os acessos serpenteiam a partir das ruas existentes, criando relações visuais, e enquadrando vistas estratégicas da cidade. A estratégia assenta na criação de um núcleo edificado (Quinta do Camacho e Edifício do Centro Tecnológico de Citricultura [Figura 3.33]), evidenciando a praça como elemento agregador. Mantendo o carácter recreativo do local, com zonas de descanso e miradouros sobre a cidade, e tornando-o num espaço de chegada (PROAP, 2010).

No limite do projeto, recorre-se à reabilitação/consolidação do muro de contenção perimetral da Encosta do Castelo, segundo três níveis de intervenção, de acordo com o seu estado de degradação. Assim, numa obra de tipo semi-artesanal, restituiu-se as características originais, enquanto, se garantiu os reforços estruturais necessários para evitar novos fenómenos de afundamento do terreno (PROAP, 2010).



Figura 3.33 – Zona de entrada, junto do Edifício do Centro Tecnológico de Citricultura (Fonte: Divisare – Fernando Guerra).

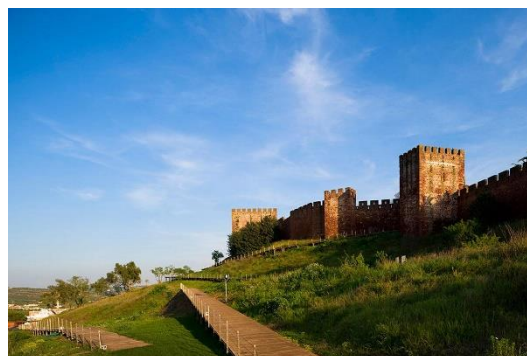


Figura 3.34 – O trajeto da encosta (Fonte: Divisare – Fernando Guerra).

Reação

O Castelo de Silves constitui um polo de atratividade turística no interior do Algarve, contribuindo para contrariar a polarização de massas no sentido do litoral. Projetos como este são importantes para combater desequilíbrios que trazem problemas preocupantes na ocupação e transformação da paisagem. É ainda um importante marco das ocupações muçulmanas nesta região, que a tanto caracterizam, enquanto evidente registo da sua presença e portal para esta cultura.

O projeto cumpre o objetivo de enquadramento do Castelo, revitalizando a encosta e criando condições de acessibilidade na frente norte. Dispõe-se de modo subtil e pouco evidente no terreno, criando a ligação pretendida, sem comprometer e respeitando as condicionantes descritas.

Numa intervenção relativamente simples, acaba por conformar um complexo sistema de espaços e caminhos, em diferentes etapas e níveis altimétricos, que respeitam as pré-existências e a estas se moldam, fazendo corresponder a infraestruturação necessária. A linguagem formal atribui um sentido de unidade ao projeto, possibilitando a identificação de toda a zona de encosta enquanto uma, que termina no castelo, e a este se liga fisicamente e pelos enquadramentos visuais no seu decurso. Uma sucessão de patamares geometricamente definidos, pelo revestimento herbáceo ou em saibro, que se conectam por uma série de segmentos de reta, os passadiços de madeira.

O percurso envolve o visitante na paisagem da encosta, estabelecendo uma relação de proximidade com a realidade deste ecossistema marcadamente árido, caminhando sobre e próximo do revestimento espontâneo característico destas condições. O percurso principal atravessa a encosta transversalmente, sucedendo cada patamar a uma altitude diferente, em diferentes relações de escala e proporções. Os percursos secundários, conectam, a diferentes tipologias de espaço, na proximidade da base da encosta e respetivo muro.

No decorrer do percurso o visitante é regalado com vistas que se estendem do barrocal até à serra, na posição privilegiada da fortificação, com domínio sobre a terra e o céu. A isto acresce o mistério desta presença, um percurso que zigzagueia a encosta, sem a evidencia de onde começa e acaba, por campos de coberto árido, mas férteis de história, e de testemunho arqueológico.

A unidade do sistema permite destacá-lo como intervenção do Homem que contrasta com a própria encosta enquanto sistema natural, porém, a escolha de materiais leves e a disposição em patamares torna esta relação harmoniosa e permite transformar estes dois sistemas em um. Este sistema de enquadramento incorpora o Homem e a Natureza integradamente, numa coexistência a que não corresponde nenhum impacto negativo na paisagem, mas sim, com efeitos positivos a níveis culturais e pedagógicos. Nestes valores que o tornam idêntico de um sítio e de uma paisagem, que a ela se ligam de forma complementar, correspondendo ao Sítio um Lugar de enquadramento em função do mesmo, é evidente que o agente de construção do espaço é o Carácter do Lugar. Assim como nos demonstram os indicadores analisados no Gráfico 4.



Gráfico 3.4 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Encosta do Castelo de Silves (Fonte: Autor).

Miradouro de Santa Catarina

Data de início: 2003

Tema: Espaço Público – Jardim

Área: 0,6 hectares

Cliente: Câmara Municipal de Lisboa

Localidade: Lisboa, Portugal

Autores: PROAP/João Nunes

Contextualização

O miradouro de Santa Catarina, também conhecido como “Adamastor”, é um dos mais emblemáticos e particulares da cidade de Lisboa. Numa zona bastante central da cidade, destaca-se pela relação visual com o rio, mas também pela excepcional oportunidade de estadia que proporciona. É um dos principais pontos de passagem de turistas e regular escolha de locais para finais de tarde e convívio noturno. É um sítio com história e de grande cumplicidade com os lisboetas.



*Figura 3.35 – A estatua do Adamastor. 1965
(Fonte: Blog Lisboa de Antigamente).*



Figura 3.36 – O miradouro do Alto de Santa Catarina. 1968 (Fonte: Blog Paixão por Lisboa).

O seu nome deriva da sua posição no alto de Santa Catarina, uma das sete colinas da cidade. O nome popular, “Adamastor”, deve-se à estátua (Figura 3.35), que, em 1927, foi colocada em homenagem simbólica ao Gigante Adamastor, personagem mítica d’Os Lusíadas. O escultor, Júlio Vaz, imprimiu ao Gigante - que representa as forças da

natureza - um sentido subjetivo, procurou expressar a fragilidade e pequenez humana. Num Lugar onde “A Visão do Estuário”, subtítulo do trabalho, transmite essa sensação (Câmara Municipal de Lisboa [CML], s/d).

A expressão popular “Ficar a ver navios”, têm origem neste Lugar, surge, enquanto, derivação da expressão “Estar a ver navios no Alto de Santa Catarina”, ainda que, sem concordância na sua real origem, alude sempre a observadores que ficavam neste Lugar na esperança de ver navios chegar, ou na decepção de os ver partir (Marinheiro, 2001).



Figura 3.37 – Traçado geral no ano de 1965
(Fonte: Blog Lisboa de Antigamente).



Figura 3.38 – Configuração antes da intervenção (Fonte: Dicas de Lisboa).

O ajardinamento do que era este espaço, data 1883, mas já seria, desde há alguns séculos, um dos encantos panorâmicos de Lisboa (Fortes et al., 2019). O traçado romântico, de linhas orgânicas, característico do Séc. XIX (Figuras 3.36 e 3.37), foi mais tarde substituído por um patamar na parte inferior do jardim (Figura 3.38). A escavação

resultou num grande patamar com a capacidade de acolher um maior número de pessoas, separado, por umas escadas, da parte superior, onde se manteve a estátua e surgiu o atual quiosque/café.

Apresentando sinais de desgaste, derivados da crescente afluência de pessoas, sobretudo jovens, a Câmara Municipal de Lisboa promoveu uma reabilitação integral do miradouro e jardim. O objetivo era modernizar este espaço, aumentando a sua capacidade de carga, reorganizando-o, incluindo a nível viário e, assim, torná-lo mais inclusivo e melhor infraestruturado (PROAP, s/d a).

Projeto

Um dos processos de grande relevância do projeto (Figura 3.39), ainda que, não sendo o foco principal, foi a reorganização do fluxo viário. Ao restringir o acesso, condicionando a circulação rodoviária em determinadas ruas, redefiniram-se prioridades de uso e de utilizadores. Esta ação visou ceder maior espaço, segurança e liberdade de expressão para os peões e utilizadores do espaço. Deste modo, foi possível assumir uma redução de intensidade de tráfego, assim como, aumento do espaço disponível para as pessoas e demarcar a sua prioridade perante os automóveis. Como resultado, surge o largo diante do Palácio de Santa Catarina e do Museu da Farmácia, no encontro entre a Rua de Santa Catarina, a Travessa de Santa Catarina, e a Rua Marechal Saldanha; funcionando como porta/receção do miradouro (PROAP, s/d a).



Figura 3.39 – Plano Geral: Miradouro de Santa Catarina (Fonte: PROAP).

O jardim, por sua vez, sofreu uma intensa transformação, com o objetivo de restaurar o carácter de miradouro e aumentar a direta relação com o rio. Assim, procedeu-se à aproximação da cota do miradouro em direção ao rio, promovendo maior capacidade de estadia. A modelação do terreno, na área que integra a estatua do Adamastor, consistiu no aumento do volume de terra, ação que contribuiu para maior embasamento do monumento e colocou o relvado numa posição dominante em relação ao resto (PROAP, s/d a).



Figura 3.40 – Projeto terminado (Fonte: Câmara Municipal de Lisboa).

Na base deste talude, surgem os bancos, paralelepípedos de pedra lioz, que servem enquanto contenção, e na sua forma retangular, com desencontros e diferenças de cota, proporcionam diversas formas de utilização. A estereotomia dos bancos que, no seu seguimento, se transformam no patamar de base do miradouro (Figura 3.40), enquadrando-se com o rio, comunicando com ele, assim como, a do largo superior do miradouro (PROAP, s/d a).



Figura 3.41 – Secção de corte, com várias tipologias de espaço (Fonte: PROAP).

O remate do miradouro (Figura 3.41), correspondente a uma nova guarda metálica, transformou a forma de comunicar com o rio. O novo modelo remove o ritmo opaco da anterior e, afastando o utilizador do talude, aumenta a segurança e a privacidade, dos residentes no nível inferior a este (PROAP, s/d a).

Em 2019 foi alvo de nova transformação. Devido à sobrecarga do relvado e vandalismo do sistema de rega, que ditavam a sua rápida degradação, a câmara sugeriu reiteração do projeto original. A intenção passava também pela introdução de uma vedação que permitisse controlar o fluxo de pessoas (Pincha, 2018).

Tendo isso em conta, o projeto foi revisto e alterado, com a introdução dum mato arbustivo, na zona do antigo relvado, e um gradeamento que protege, tanto este, como o acesso ao miradouro. O gradeamento mantém o formato que vai variando progressivamente na sua escala, de acordo com a sua função, terminando no encontro dos portões que permitem controlar o acesso. Com isto, foi também, aumentado, o número e a superfície, dos paralelepípedos, que conformam os bancos, em resposta à perda do espaço de estádria que correspondia ao relvado (CML, 2019).

Reação

O miradouro de Santa Catarina, mantêm-se na rota dos miradouros de Lisboa, e faz parte do quotidiano de muitos residentes (Figura 3.43). Representa um ponto de estadia no meio da densa malha urbana desta zona. A sua importância é tal, para a vida de muitos lisboetas, que, quando se deu o fecho para obras, e mediante a possibilidade de passar a estar fechado durante a noite, surgiram movimentos que se opunham ao gradeamento.



Figura 3.42 – Utilização noturna do espaço (Fonte: Getty images).

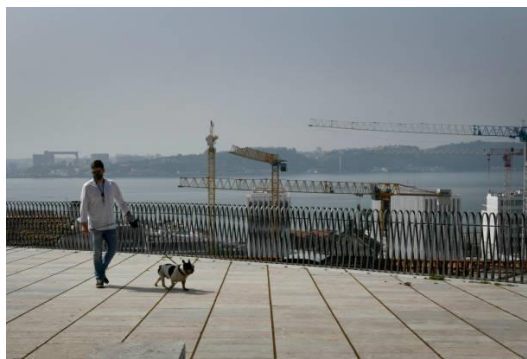


Figura 3.43 – Utilização diurna do espaço (Fonte: Getty images).

É um Lugar bastante vivido, com todo o tipo de diversidade, que acolhe todas as faixas etárias. É usualmente recomendado para encerrar o dia a ver o pôr-do-sol, muitas vezes acompanhado de música ao vivo, que reúne muitas pessoas e grupos, para contemplar este momento. A intervenção mais recente, com a colocação do gradeamento, revelou-se positiva ao nível de maior controlo de manutenção, vandalismo e ruído noturno (queixa frequente dos moradores, até então). Apesar de, agora ter horário que limita o acesso, é bastante abrangente e torna possível uma melhor gestão.

A descoberta do miradouro revela-se um mistério que se vai desvendando com o aproximar, por entre ruas estreitas que desaguam no largo, vai-se abrindo a amplitude de visão, entre as silhuetas do maciço arbustivo, até à total panorâmica. Ainda assim, perante a imensa vista, mantêm-se o mistério da estátua do Gigante Adamastor. A área apesar de não ser muito grande, apresenta várias formas, que proporcionam diferentes possibilidades de apropriação do espaço (Figura 3.42), diferentes interações e utilizações. Uma dinâmica bastante variada em tão pouco espaço.

O Lugar remete para um anfiteatro orientado para o rio. Uma forma de veneração da paisagem diante, que abrange o rio, a margem sul, a ponte, o cristo rei; como os anfiteatros gregos, que se erguiam em enquadramentos para celebrar uma paisagem. Esta posição/orientação, reforçada pelas linhas do projeto, são forma de se relacionar com o rio, enquanto elemento natural de maior ordem, num espaço que se abre para todo o esplendor, sobre total domínio do céu e do rio.

Todo o espaço é ritmado pela variação de escalas das mesmas peças, estas escalas, transformam o espaço hierarquicamente em diferentes zonas, a que se destinam diferentes usos, como acontece no gradeamento. O pavimento, do patamar do miradouro, transforma-se em bancos, que se transformam num elemento de contenção e remate. A escala varia, assim como a proporção, e a hierarquia, a que se destinam diferentes usos/funções.

O projeto concilia diferentes estilos arquitetónicos num espaço que, dentro das suas linhas geométricas, simples e contemporâneas, mantém a coesão de várias confluências de informação, dado o seu contexto, promovendo o caracter de miradouro, fortalecendo a relação com o rio e assegurando uma integridade fluida na complexa variedade de relações contextuais e sociais. Isto é possível por uma unidade formal que

não procura um argumento discursivo, mas que deixa o espaço “respirar”, enquanto janela para o rio, numa zona urbana altamente densificada.

Uma intervenção numa forma aparentemente simples que revela a sua complexidade ao assegurar a harmonia entre os diferentes contrastes. Contraste e harmonia de formas, de naturezas, de pessoas, da geometria e do orgânico, do aberto (do miradouro) e do fechado (da malha urbana). Deste modo, torna-se um Lugar único, como demonstram os indicadores (Gráfico 5), não só pela vista singular, como pela forma de viver o espaço, que integra valores culturais, sociais e em relação com a natureza do rio tejo.



Gráfico 3.5 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Miradouro de Santa Catarina (Fonte: Autor).

Ribeira das Naus

Data de início: 2009

Tema: Espaço Público – Património Histórico e Arquitetónico

Área: 5,2 hectares

Cliente: Sociedade Frente Tejo S.A.

Localidade: Lisboa, Portugal

Autores: Miguel Chalbert, Pedro Cortez, PROAP/João Nunes, Global/João Gomes da Silva

Contextualização

A zona da Ribeira das Naus tornou-se um dos troços mais importantes para a coesão ribeirinha de Lisboa, na relação transversal da cidade com o rio. Realiza a ligação entre o Cais do Sodré e a Praça do Comercio, dois pontos de referência da baixa de Lisboa, assim como a própria Ribeira das Naus. No entanto, antes da intervenção, projetada por João Nunes e João Gomes da Silva, estava oculta uma outra forma deste Lugar (Figura 3.44), uma forma histórica, com valor cultural único.



Figura 3.44 – Carta histórica de 1911, por Silvia Pinto (Fonte: Global).

A Ribeira das Naus, como o nome indica, era um antigo estaleiro naval: Ribeira, não pela associação a um troço de água, mas, enquanto porto, enquanto zona ribeirinha, zona de contacto com o rio, de margem; das Naus, pois era um sítio de trabalho, de construção e de manutenção das embarcações (RTP, 2020).

“A Ribeira das Naus é um espaço mítico da identidade nacional e local” (PROAP, 2010:241). É um espaço que invoca uma dualidade mítica: em parte, pelo facto de ter sido um estaleiro, onde se produziu ao longo de séculos embarcações de vários tipos, que nos remete para um imaginário coletivo de produção; por outro lado, pela possibilidade de terem sido aqui produzidas as naus protagonistas da era dos descobrimentos, representando assim, uma porta para a nossa cultura, porta para um universo distante, para a origem do fenómeno da globalização, impulsionado por Portugal (PROAP, s/d b; Global Arquitetura Paisagista [Global], s/d).



Figura 3.45 – Iconografia da baixa antes do terramoto, 1755-59 (Fonte: Old Maps Online).

19 S. ^t Paulo	24 King's Pallace	29 Convent of Ienhã de França
20 Remolares or Sailors & Irish quarter	25 House of Bragança of Kings Treasury	30 Chapel Royal
21 Corpo Santo or Convent of Irish Friars	26 Jeauit's Convent of S. ^t Roque	31 Terreiro do Paço
22 Prince's Pallace	27 Convent of Trinity	32 Convent of Graça
23 Royal Ship-yard	28 Convent of Carmo	33 S. ^t Christopher's
		34 Castle of S. ^t George
		35 Flesh Market

Figura 3.46 – Legenda da iconografia da baixa antes do terramoto, 1755-59 (Fonte: Old Maps Online).

A Ribeira das Naus articula-se na cidade enquanto espaço associado a outro espaço irmão, também representativo do poder: a praça do Terreiro do Paço, hoje denominada Praça do Comércio (Global, s/d.). O nome, Terreiro do Paço, deriva da associação deste espaço ao Paço da Ribeira (atual ala ocidental da Praça do Comercio), mandado construir no Sec. XV por D. Manuel I, para servir enquanto novo edifício da família real, numa perspetiva de administração centralizada. O espaço entre o novo Palácio real e o novo Palácio da corte real (atual ala ocidental do Edifício do Arsenal da Marinha até ao Corpo Santo), era usado como estaleiro naval, já desde a época medieval, porém, nesta altura, foram construídos, os novos grandes estaleiros reais que passaram a ser conhecidos como "Ribeira das Naus" (Figuras 3.45 e 3.46) (Grupo Inquérito Portugal, 2017).

Em 1755, o terramoto arruinou ambos os palácios, assim como a Casa da Ópera (atual Edifício do Arsenal da Marinha) (Figura 3.47), e a família real acabou por ceder o local, materializando a ideia de mudança de poder para a burguesia, altura em que a praça passou a denominar-se Praça do Comercio. Nesta altura construiu-se os edifícios da Praça do Comercio e reconstrói-se, no mesmo sítio, os estaleiros da Ribeira das Naus, assumindo o mesmo limite ribeirinho, quase inalterado e passando a designar-se Arsenal Real da Marinha (Grupo Inquérito Portugal, 2017).



Figura 3.47 – Maquete de Lisboa antes do terramoto de 1755 (Fonte: Museu de Lisboa).

O traçado manteve-se até finais dos anos 40 (Figura 3.48), altura em que se construiu a Avenida da Ribeira das Naus (Figura 3.49) (Grupo Inquérito Portugal, 2017). O objetivo de modernizar a frente ribeirinha, introduzindo uma estrada transversal ao rio, na frente do Arsenal da Marinha, que previa facilitar a ligação Cais do Sodré – Praça do Comercio, foi conduzida de maneira desmedida, construindo por cima e ocultando qualquer registo de contacto anterior com o rio. Uma operação de tremenda violência que arrasou tudo o que estivesse na sua frente (Figura 3.51) (Coelho, 2015).

No decorrer do tempo este tornou-se um espaço marginal, ao abandono, em contraste com os dois espaços que conecta, gerando alguma intriga, uma vez que, estava no centro de Lisboa (RTP, 2020). Era um sítio de passagem, onde: dum lado estavam os

edifícios da marinha, separados por um muro; e do outro lado, as areias sujas e o rio escondido pelos obstáculos, para onde se evitava olhar (Coelho, 2015). Mas ainda assim, mostrava o seu tremendo potencial. As pessoas mostravam a sua intenção de tocar a água, a vontade de se aproximarem do rio, e iam apropriando-se do espaço como podiam (Figura 3.50) (Grupo Inquérito Portugal, 2017).



Figura 3.48 – Foto tirada em 1930, antes da Avenida da Ribeira das Naus, na passagem do Zeppelin world voyages (Fonte: Facebook – Portugal Antigamente).



Figura 3.49 – Foto tirada em 1952, após a construção da Avenida da Ribeira das Naus (Fonte: Blog Lisboa de Antigamente).

Em 2008, estabeleceu-se um Protocolo de Intenções entre o Estado Português e o Município de Lisboa, relativo à Frente Ribeirinha de Lisboa, desafetando as áreas ribeirinhas em desuso, da Administração do Porto de Lisboa, e passando a sua gestão para a autarquia. Isto possibilitou uma grande operação de planeamento urbano, com a intenção de realizar uma série de intervenções na frente ribeirinha de Lisboa, que visavam a reabilitação/requalificação da margem, no sentido de promover espaços de qualidade com o potencial de reconectar a cidade e as pessoas, com o rio. Para coordenação do plano e projetos abrangidos, foi criada a empresa Sociedade Frente Tejo (CML, 2008).



Figura 3.50 – A zona entre a Avenida da Ribeira das Naus e o rio utilizada como praia em 1962, Artur Goulart (Fonte: Público).



Figura 3.51 – Avenida da Ribeira das Naus em construção (Fonte: Wikipédia).

A Ribeira das Naus era uma das zonas abrangidas pelo plano, a concretizar pela Sociedade Frente Tejo, que encomendou o projeto aos ateliers PROAP e Global, de João Nunes e João Gomes da Silva, respetivamente (Boaventura, 2009).

Projeto

O projeto foi construído a partir da memória. A teoria que se suportava de registos fotográficos, cartografia, textos, iconografia, levava a supor a possibilidade das antigas estruturas dos estaleiros estarem ainda presentes, apenas ocultas por uma camada nova. Isto conduziu a um processo de desencobrimento, de limpeza, quase como uma operação arqueológica e aliando, aliás, uma forte componente de arqueologia e olisipografia. Através da qual começaram a surgir tais estruturas, artefactos, linhas do passado (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).

Foi através dessas linhas que se começou a construir uma ideia de projeto. A revelação destes elementos fósseis, determinantes do carácter do espaço, ditou o processo de recriação da Ribeira das Naus. O desenho proposto, surgiu da tensão entre os diversos elementos presentes, com os estratos desencobertos, geometricamente negativos em relação à cota de superfície atual (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).

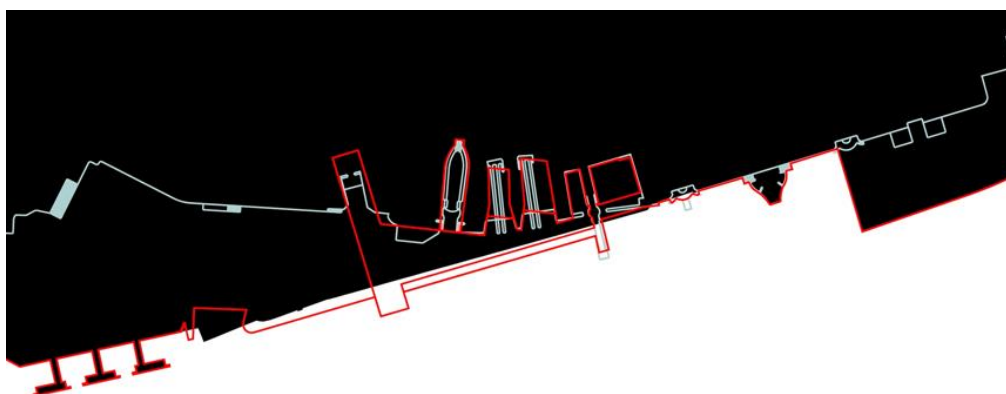


Figura 3.52 – Sobreposição dos diferentes limites da margem: a vermelho o proposto, a branco o dos antigos estaleiros (Fonte: Global).

A arquitetura deste espaço consistiu então, na contraposição de elementos fósseis com elementos contemporâneos (Figura 3.52), com o duplo sentido de revelação dos diversos tempos do mesmo Lugar e de ação, na utilização do espaço público. A ideia foi atribuir aos equipamentos e estruturas antigas, um novo sentido na realidade contemporânea, uma razão de ser, que permitisse articular dois tempos. O projeto foi

sobretudo isso, o acolher de dois tempos, através da procura duma versatilidade nas formas antigas, adequando-as aos dias de hoje, de modo a serem utilizáveis e assim justificáveis (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).

Posto isto, foi parcialmente desenterrada a Doca Seca, onde se realizava a manutenção dos barcos, mantendo o formato da proa; e a Doca da Caldeirinha, estrutura existente desde a época medieval. As Rampas do Varadouro, foram reinterpretadas na sua forma, desta vez, não para puxar barcos, mas para acolher pessoas em grandes superfícies inclinadas, anfiteatros de relva virados para o rio (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).



Figura 3.53 – Reinterpretação das rampas de varadouro, junta entre relvado e pedra de basalto a representar o antigo limite de costa (Fonte: Global).

O objetivo principal era fortalecer a relação dos utilizadores com o rio, encontrar uma forma de relação muito direta com o rio, muito pouco formal, livre de ser interpretada e apropriada, poder estar, poder tocar, poder cheirar. Foi a partir dessa intenção que se formou a “praia”, o novo limite do rio, que permitiu o contacto direto. Esta ideia materializou-se numa espécie que anfiteatro/escadaria, transversal ao projeto todo, composto por amplas plataformas, em patamares ligeiramente inclinados (Figura 3.54). Aliando a sua forma, com a cor clara do revestimento, relembra o areal de uma praia e

trona possível a leitura das marés, de forma muito clara (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).

O projeto promove a relação com o rio, mas também, com uma importante parte da cultura e história de Portugal e estabelece uma coesão na articulação do sistema urbano da frente ribeirinha da Lisboa. A faixa de circulação entre os dois espaços (a praia e os anfiteatros em relva), é materializada em pedra de basalto preta, que se utilizava na zona portuária de Lisboa, e assume um desenho muito pouco formal, muito pouco rígido. De modo, ao automóvel não assumir protagonismo no desenho (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).



Figura 3.54 – Novo limite de margem, a “praia” (Fonte: Global).

A ligação com a praça do comercio é materializada em madeira, remetendo para uma ponte que separa e conecta os dois espaços. Inicialmente teria sido pensada como ponte, para que a influencia das marés mantivesse a sua presença na Doca da Caldeirinha, mas, devido a inflexibilidade infraestrutural, apenas a madeira remete para isso (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).

A faixa de circulação divide o espaço em dois sistemas, que se faz acentuar pela vegetação: o sistema ribeirinho, no rampeamento para o rio, com a utilização de vegetação característica da mata ribeirinha de Lisboa; e a zona seca, na parte do relvado, com os

pinheiros, e, a rematar a intervenção, no encontro com o edifício da Agência Europeia de Segurança Marítima (AESM), os plátanos. Os plátanos proveem do alinhamento no antigo limite das instalações da marinha, aqui replantados (Grupo Inquérito Portugal, 2017; PROAP, s/d b; Global, s/d; RTP, 2020).

Reação

A Ribeira das Naus (Figura 3.55) é hoje um ponto de passagem obrigatória na baixa de Lisboa, que se complementa com o Cais do Sodré e a Praça do Comercio. Um itinerário de passeio, muito frequente da cidade, é o percurso à beira-rio ao longo dos três espaços. Mas muito mais que um sítio de passagem, como antes, é um Lugar de estadia, onde o comportamento das pessoas, na cidade, se alterou mais significativamente.

A cumplicidade com as pessoas mostrou um nível de identificação com o espaço, que se manifestou na apropriação muito intensa, mais do que a esperada. É o sítio onde as pessoas se deitam a apanhar banhos de sol, que acolhe eventos, em que o uso do rampeamento faz efetivamente recordar uma praia.

É uma intervenção que evidencia a importância de compreender a história, como a única maneira para entender o presente e indispensável para projetar o futuro. Essa avaliação permite evitar muitas coisas e esperar outras. Ajuda a compreender o próprio espaço, a razão da sua existência, da sua evolução, da evolução da sociedade. Mostra a possibilidade de combinar dois tempos no mesmo Lugar, ao estabelecer pontes através de sinais de leitura que permitam compreender o Lugar na integra.



Figura 3.55 – A nova zona da Ribeira das Naus (Fonte: Drone Snap).

É um espaço complexo na sua composição que envolve o mistério imaginário da sua história, com o rigor geométrico contemporâneo. Uma unidade que vive da tensão entre o revelar da história e a ação do quotidiano, do contraste entre velho e novo, celebrados no mesmo Lugar, em harmonia. E com esta variedade de oportunidades criam-se tipologias de espaços bastante diversificadas, bem definidas e regidas segundo uma hierarquia que assegura a funcionalidade.

O projeto concretiza o objetivo de relação com o rio, proporciona uma nova forma de conexão, de muito maior proximidade. Cria condições para que o rio se expresse, sem formar uma barreira arquitetónica entre cidade e rio, possibilita a leitura das dinâmicas inerentes. As formas dispõem-se como plateia que assiste ao espetáculo do tejo em conjunto com as cores do céu.

Deste modo, recuperou-se uma imagem idílica do Lugar, do que já foi e a importância que teve. Recuperou-se a Doca Seca, as Rampas do Varadouro foram reinterpretadas, a Doca da Caldeirinha devolve à superfície. Cruzou-se dois tempos, que compartilham o mesmo espaço, que nos mostram mudanças físicas da margem: o limite antigo representado pela guia metálica (Figura 3.53), que separa o relvado da pedra basáltica; e o novo limite, definido pela “praia”. Mas também mostra as mudanças na relação com o rio, as mudanças societárias, antigamente um espaço de produção, um estaleiro naval; hoje um espaço de recreio e contemplação. Enquanto projeto contemporâneo é uma manifestação da possibilidade de intervir sem criar uma disrupção com o passado, evitando assim, a perda de carácter e identidade.



Gráfico 3.6 - Indicadores do Carácter do Lugar vs. Ribeira das Naus (Fonte: Autor).

3.4. Resultados e Discussão

Os projetos descritos constituem uma representação física dos valores da PROAP, sendo uma amostra da materialização das ideias e modo de projetar. Entender os projetos e a forma como estes foram conduzidos para cada Lugar, desde a interpretação aprofundada, à conceção da transformação própria de cada Lugar, é a forma mais pura de constatar a essência do atelier.

A análise dos projetos eleitos, pensados e executados pela PROAP, comprova uma forma de fazer que se baseia nas premissas descritas nos capítulos anteriores – 3.1. O Atelier como Intérprete; 3.2. Da Análise ao Projeto –, que, por sua vez, se enquadra no perfil de quem, não apenas considera o conceito de Lugar no projeto, como, é nele que se baseia para o transformar. Os resultados do Gráfico 7 e da Tabela 1, resumem a avaliação feita aos projetos apresentados e demonstram alta classificação em todos os parâmetros (realizada pelo autor), o que exprime quantitativamente a qualidade dos projetos, nesses que foram considerados indicadores da capacidade de um projeto desenvolver afeto com as populações e, como tal, de apresentar um “*genius loci*” forte.

O resultado da média de todos os parâmetros para todos os projetos foi 4,6 de 5 valores, revelando uma qualidade de excelência, possível de ser entendida e justificada pela descrição dos projetos. Os parâmetros tiveram algumas variações correspondendo muitas vezes à natureza do próprio projeto e não pela falta de consideração destes nos projetos. Os que tiveram maior variação foram a Entropia e a Hierarquia e Proporção, relacionados com essa diferenças da tipologia e contexto do projeto.

Nos diferentes projetos foi possível observar como as soluções se moldam, nunca partindo de uma idealização pré-concebida, mas bebendo da informação de cada Lugar à qual se corresponde um método. Portanto, apesar de se identificar um método de ação, comprova-se que não há abordagens fixas no ato de projetar, há tantas abordagens quanto Lugares, pois para cada existe uma diferente, que ainda recebe outra variável, a diferença de quem o idealiza. Há sim, a vontade, a curiosidade, a intenção, a procura, a sensibilidade, o rigor, a coerência, a estética, a ética, a preocupação, o rever, o adequar, o acrescentar, o dever, entre muitas outras considerações, que colocam, como objetivo central, encontrar a melhor forma para um Lugar em relação com a sua gente, acima de qualquer valor externo ao cosmos desse Lugar. Essas considerações são da responsabilidade de quem opera a transformação e, segundo o que foi analisado, faz parte

da identidade da PROAP. Podemos também concluir que não há apenas uma imagem correta, mas há corretas maneiras de imaginar.

Em suma, considera-se que a PROAP, na sua maneira de transformar, tem consciência da importância do seu impacto e como tal, procura perceber cada Lugar através da interpretação, enquanto sistema no seu todo, de modo que, a sua intervenção, corresponda a uma adaptação do Lugar para que este acompanhe a evolução dos tempos e assegure a resiliência e manutenção do Lugar. Neste processo, reconhece-se a importância do Carácter do Lugar e procura-se, com base neste, soluções criativas que conectem e consolidem linhas contemporâneas com as relações culturais, históricas, funcionais, naturais e sociais, intrínsecas ao Lugar. Assegurando assim a sua continuidade.



Gráfico 3.7 – Média Indicadores do Carácter do Lugar Projetos PROAP
(Fonte: Autor).

		INDICADORES								
		1. UNIFORMIDADE	2. COMPLEXIDADE	3. MISTÉRIO	4. GEOMETRIA	5. RELAÇÃO COM A NATUREZA	6. DOMÍNIO DA TERRA E DO CÉU	7. CONTRASTE E HARMONIA	8. ENTROPIA	9. HIERARQUIA E PROPORÇÃO
P R O J E T O S	Parque do Tejo e do Trancão	●●●●●	●●●●●	●●●●○	●●●●○	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●
	Parque Fluvial da Quinta do Alamal	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●○	●●●●●	●●●●○	●●●●○	●●●●○	●●●●○
	Cava do Viriato	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●○	●●●●○	●●●●●	●●●●○	●●●●○
	Encosta do Castelo de Silves	●●●●●	●●●●○	●●●●○	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●○	●●●●○	●●●●○
	Miradouro de Santa Catarina	●●●●●	●●●●●	●●●●○	●●●●●	●●●●○	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●○
	Ribeira das Naus	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●○
MÉDIA		●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●●	●●●●○	●●●●○

Tabela 3.1 - Média Indicadores do Carácter do Lugar Projetos PROAP (Fonte: Autor).

Parte II

Estágio Profissional na PROAP



Figura 4.1 – O projeto (Fonte: PROAP).

4. Atelier PROAP

A PROAP é um atelier internacional de projeto de arquitetura paisagista, fundado em 1989 (há 34 anos), com sede em Lisboa (Portugal). A empresa já contou com filiais no Porto (Portugal), em Luanda (Angola) e em Treviso (Itália). Atualmente mantém apenas a filial em Itália. Dedicar-se essencialmente à paisagem, em todos os seus aspetos e no seu sentido mais global (PROAP, 2010:247).

A sociedade é liderada por João Nunes (Lisboa, 1960) e emprega atualmente cerca de 20 profissionais, numa equipa multidisciplinar que enquadra profissionais com especialização nos distintos campos da paisagem e transformação do espaço. Investe estrategicamente na aprendizagem continua e no intercâmbio cultural, oferecendo estágios a jovens profissionais de todo o mundo (PROAP, 2010:247). “A principal atividade da empresa é a arquitetura paisagista, nomeadamente: desenvolvimento conceitual de paisagem, gestão e fiscalização de projetos, ordenamento de território, desenho e desenvolvimento sustentável, assim como o desenho e planeamento urbano” (PROAP, 2011:244).

A internacionalização iniciou-se realmente em 2001, sobretudo por meio de participações vencedoras em concursos internacionais (PROAP, 2010:247). Nomeadamente o concurso ganho para a ilha da Cartuxa em Sevilha (Alamillo Park) e principalmente o concurso do parque Forlanini em Milão que impulsionou esse salto, por ser um concurso com ampla visibilidade. Atualmente o atelier encontra-se a desenvolver projetos distintos, de grande escala, em diversos países da Europa e outros extraeuropeus.

4.1. Princípios

O trabalho e investigação da empresa nos âmbitos de intervenção na paisagem têm como princípio básico, como já enunciado anteriormente, a interpretação e reconhecimento das suas características e mecanismos de funcionamento (PROAP, 2010:247). As suas abordagens procuram, através do diálogo com o território, desenhar uma proposta de projeto de arquitetura paisagista enquanto princípio ativo de organização, que estimula uma sucessão de momentos, etapas e estados durante um determinado período (PROAP, 2010:247). Neste sentido, atua como uma ligação de um conjunto complexo de processos e não como imposição de uma rígida linha de evolução pré-determinada (PROAP, 2010:247). O projeto manipula positivamente os fatores

metabólicos da natureza, atribuindo-lhes sentido poético, ideológico ou artístico (PROAP, 2010:247). No projeto convergem também os fatores humanos, integrando fatores económicos ou simples desejos e expectativas (PROAP, 2010:247).

4.2. História

O atelier começou entre João Nunes e dois amigos, numa espécie de família que juntou algo para começar a trabalhar (Landezine, 2021). Este, com apenas 24/25 anos, ainda se encontrava a terminar os seus estudos no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa (Landezine, 2021). O próprio diz que estava apenas a começar e como tal, não sabia nada sobre nada (Landezine, 2021). Recorda que foi uma época fantástica, pois tiveram a oportunidade de começar realmente a construir, não apenas como ensaio, para pôr em prática as suas formações, em termos conceptuais e de conceção, mas para realmente construir e enfrentar problemas de construção (Landezine, 2021). Lidar com manutenção, clientes, instituições para obtenção de licenças que aprovam o desenvolver do projeto, etc. foi uma experiência bastante completa que contribuiu para ganhar maturidade sobre a ingenuidade da juventude, maturidade no processo de projeto e no mercado (Landezine, 2021).

Naturalmente o atelier foi-se desenvolvendo, com a vantagem que a época proporcionou, uma vez que, em 1986, Portugal entrou para a Comunidade Europeia e deu-se uma explosão de desenvolvimento (Landezine, 2021). O nível infraestrutural do país era muito baixo e começaram a surgir uma quantidade incrível de concursos de arquitetura, para parques, para infraestruturas e para todo o tipo de equipamentos (Landezine, 2021). Isso foi muito importante enquanto oportunidade de aprendizagem, oportunidade para falhar e analisar as falhas, oportunidade de reerguer e recomeçar com as aprendizagens obtidas do fracasso anterior e voltar a falhar, de forma diferente, expandindo a oportunidade de continuar a aprender (Landezine, 2021). A experiência demonstrou a importância da intensidade de trabalho enquanto jovem, procurar e aproveitar oportunidades, embarcar em vários projetos e experiências. João Nunes refere que é importante procurar isso quando se está a começar (Landezine, 2021).

Na altura vivia-se num mundo muito diferente, a velocidade e o acesso à comunicação e informação estavam tão distantes quanto as distâncias físicas e no início o atelier apenas trabalhava em Portugal (Landezine, 2021). A primeira vez que obteve visibilidade internacional foi no final dos anos 90 com a obra para o Parque do Tejo e

Trancão na Expo' 98 (Landezine, 2021). Atualmente o acesso a mercados e concursos internacionais representam também oportunidades que, segundo João Nunes, deveriam ser procuradas pelos jovens, levando a sua intensidade de trabalho ao limite (Landezine, 2021). A oportunidade de fazer é realmente muito importante, tentar muito e falhar muito, poder questionar por que razão se falhou? Porque é que foi errado? O objetivo não é criar um portefólio quantitativo, mas a quantidade deve ser subjugada a critérios de análise sobre o que aconteceu, sendo esta ação muito importante para enriquecer e contribuir para criar um portefólio qualitativo (Landezine, 2021).

João Nunes considera os concursos produtivos, ainda que estes não sejam necessariamente ganhos ou premiados (Landezine, 2021). Escreveu até um livro sobre os concursos perdidos (PROAP, 2011), pois por vezes a proposta mais assertiva, mais ambiciosa e complexa é a segunda ou terceira (Landezine, 2021). O livro – *Concursos Perdidos* (2011) - fala precisamente sobre isso, sobre a forma como perder uma competição é por vezes muito importante. Aliás, como refere, quando se perde uma competição não se perde nada, porque na verdade, se pode construir uma parte cultural de si próprio para o futuro (Landezine, 2021). O investimento na investigação acaba por construir algumas partes do próprio projetista que serão extremamente úteis no futuro (Landezine, 2021).

Assim, começaram a surgir estas oportunidades que se tornaram cada vez maiores e mais visíveis em termos de internacionalização (Landezine, 2021). Foi então, que em 2002, ganharam uma grande competição em Itália, para o Forlanini Park. Era uma competição muito visível onde concorriam outros ateliers muito grandes e importantes (Landezine, 2021). Isso transportou o atelier para uma nova dimensão internacional, que estava até então descartada, por ser um atelier português muito pequeno (Landezine, 2021). A partir desse momento a visibilidade proporcionou mais trabalho, mais concursos, para projetos maiores e mais relevantes (Landezine, 2021). Muito trabalho em Itália, onde finalmente se estabeleceu um atelier, assim como em Angola, em 2007, após a guerra civil e iniciado o processo de paz, também em Moçambique, na China e no Brasil, em parceria com alguns colegas arquitetos (Landezine, 2021).

Durante os tempos que decorreram ente 2006 até 2016/2017, num intervalo de, sensivelmente, 10 anos, a intensidade foi outra, muito exigente, de muita ação, a luta estava de facto na procura de trabalho à escala global em competições internacionais (Landezine, 2021). Isto trouxe como consequência, muito movimento, muito

investimento em tempo, dinheiro, deslocações, e acabou por se tornar demasiado exigente e muito difícil, muito cansativo, muito pessoal (Landezine, 2021). A crise em Angola começou precisamente no ano de 2017, assim como na China, o que acabou por ditar o fim da parceria em Xangai. O atelier voltou a encolher para uma dimensão que começou a ser muito mais humana e agradável, segundo João Nunes (Landezine, 2021). Mais recentemente a Pandemia ajudou a encontrar uma forma de trabalho mais relaxada e talvez mais profunda, sendo esta a posição atual (Landezine, 2021).

O maior ganho de toda esta experiência está na oportunidade de compreender como são universais os tipos de problemas com que se lida e como também são, simultaneamente específicos. Por outro lado, demonstra como pode ser interessante trabalhar com outras culturas, com outras pessoas, outros utilizadores e compreender melhor o espaço publico (Landezine, 2021). No decorrer dos tempos, a própria Europa mudou e começou a receber muitas pessoas e culturas, tonando-se muito mista e culturalmente diversa (Landezine, 2021). Em Lisboa, a tradição de contacto com muitas culturas e muitas formas de vida faz parte do quotidiano há já longos séculos, sendo habitual ver tudo o que o mundo tem e viver de perto com isso (Landezine, 2021), o que contribuiu para o conhecimento sobre as relações no espaço publico. Viver com isso pode ser muito fértil cultural e socialmente, trabalhar com isso ainda mais. Assim revela-se uma experiência muito útil para o crescimento do atelier, e para a plenitude em termos de aprendizagem continua (Landezine, 2021).

João Nunes refere ainda que até há poucos anos se considerava um aprendiz ainda, que não tinha finalizado a sua formação e que ainda estava a aprender (Landezine, 2021). É evidente que estamos sempre a aprender, mas na arquitetura paisagista o projeto leva muito tempo até mostrar a sua forma (Landezine, 2021). Por isso é muito difícil compreender erros e o que fazer para os corrigir. São necessários, por vezes, cerca de 20 ou 25 anos para compreender os projetos realizados (Landezine, 2021). Agora que atinge a idade dos 60 anos, tem finalmente a sensação de que está a terminar os seus tempos de aprendizagem, quando perante obras de há 30 ou 25 anos, finalmente consegue compreender o que correu bem ou mal, e assim evitar que se repitam os mesmos erros (Landezine, 2021).

4.3. Direção

João Nunes (João António Ribeiro Ferreira Nunes), nascido em Lisboa em 1960, é um Arquiteto Paisagista que funde uma grande paixão pelo desenho com a compreensão dos processos do mundo (APAP, 2021b).

Em 1985 obteve a licenciatura em Arquitetura Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa (atual Universidade de Lisboa) e em 1996, o título de Mestre pela Escola Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona da Università Politecnica de Catalunya (PROAP, 2010).

Sendo o Diretor Internacional da PROAP cabe-lhe a liderança estratégica, executiva e tática dos dois ateliers internacionais: Lisboa (Portugal) e Treviso (Itália). Responsável pela coordenação da atividade projectual, conceptual e criativa, assim como, da definição e orientação estratégica dos processos de investigação (PROAP, s/d c).

A sua atividade pedagógica iniciou-se em 1992, no mesmo instituto onde se licenciou (PROAP, 2011). Desde então alia a atividade profissional e pedagógica, que se entrelaçam e se enriquecem mutuamente, no contributo para o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa e experimentação (APAP, 2021b). “É Visiting Professor em várias universidades internacionais (Harvard GSD, UPenn, OSU, Pamplona, Versailles entre outras), Professor Catedrático na Academia de Arquitetura de Mendrisio e membro de vários comitês científicos” (APAP, 2021b:1).

Foi consultor para o Museu de Arte Moderna e Contemporânea de Trento e Rovereto (Itália) na instalação de duas exposições (“*Declinazioni*”, “*Lost in Landscape*”). Colaborou na direção artística da produção do filme “*Quinze pontos na alma*” do realizador Vicente Alves do O (2011) e na realização da cenografia de “*Ruinas*” na encenação de António Pires (2016). Em 2013 foi premiado com a 1ª Cadeira de Excelência “*Adalberto Libera*” e em 2017 com o *Prémio Gagliarid – Città di Asti*. Em 2010 publicou a monografia “*PROAP – Architettura Paisagista*” (Note), que resume os primeiros 25 anos do atelier, e em 2011 é co-autor de “*Lost Competitions*” (Proap Edições). Em 2017 foi organizador e diretor de “*Cagliari Paesaggio*”, o primeiro Festival de Paisagem de Cagliari (APAP, 2021b:1).

Iñaki Zoilo (Juan Ignacio Zoilo Sanchez), nascido em 1972, na Zaldibia (País Basco), é Arquiteto e Diretor da PROAP (PROAP, s/d d). Obteve o título de Arquiteto na Escola Técnica Superior de Arquitetura de San Sebastian em 2001 (PROAP, s/d d). Recebeu formação complementar nas áreas da Ecologia e Material Vegetal, no Instituto Superior de Agronomia (Lisboa) (PROAP, s/d d). Iniciou a sua atividade profissional na PROAP em 1999, tornando-se sócio em 2007 (PROAP, s/d d).

Diretor e responsável pela gestão da PROAP, “supervisiona projetos de pesquisa e design para garantir a coerência conceptual e artística. Enquanto Coordenador Sénior, é responsável pela coordenação e implementação da globalidade dos projetos. Lidera também a coordenação do desenvolvimento de concursos a nível conceptual e técnico” (PROAP, s/d d:1).

Em 2001 é assistente de projeto no Seminário Internacional “Lisboa-Évora de la Metrópolis al Paisaje rural”, organizado pelo Centro di Architettura ACMA, e em 2009 é professor convidado para o seminário internacional no âmbito do “Master in Landscape Architecture” na Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona. Participa frequentemente como orador em conferências e workshops representando a PROAP.

(PROAP, s/d d:1)

5. Estágio na PROAP

O desejo de realização de um estágio era movido pela vontade de obtenção de experiência profissional, com tudo o que isto acarretava, nomeadamente, conhecer pessoas e trabalhar diretamente com profissionais nas diferentes especializações de conceção da paisagem e do espaço, poder trabalhar e resolver problemas reais, nos contextos atuais, dentro das mais variadas temáticas e assim poder imergir no funcionamento de um atelier. A escolha da PROAP foi-me sendo introduzida gradualmente com a minha experiência pessoal e a partir da sensibilidade que a minha formação me deu.

Sendo português e apaixonado por Lisboa, a minha relação com o atelier já estava presente, sem eu saber ainda o que era a arquitetura paisagista. Lembro-me de, em jovem, passar as minhas férias em Lisboa, onde frequentava regularmente espaços como o Miradouro de Santa Cantaria (Adamastor) e a Ribeira das Naus, eram espaços que me

faziam sentir bem, acolhido e despertavam a contemplação do rio e faziam sentir a relação da cidade com o rio. Ao longo dos meus estudos conheci o atelier e descobri que aqueles espaços, que tanto me diziam, tinham sido projetados pela PROAP. A partir daí comecei a estudar um pouco mais sobre o atelier e foi então que descobri outros projetos que também tanto me diziam, como o Parque Rio Tejo e Trancão, eram também da autoria da PROAP. A identificação com a abordagem do atelier e com os espaços que produzia, levou-me a conhecer o seu Diretor, João Nunes e a ouvir e ler, discursos e textos do mesmo. Mais uma vez fui seduzido, desta vez pelas palavras, que me cativaram pela forma de pensamento, sintetização dos processos e confluência de conceitos, que a minha formação teórica me tinha providenciado e que de alguma forma me tinha conduzido até ali.



Figura 4.2 – Janelões do antigo espaço do Atelier (Fonte: PROAP).

Quando cheguei pela primeira vez ao atelier, à data localizado no último piso de um edifício na Rua Dom Luís I (adjacente ao atual edifício da sede da EDP, projetado pelos arquitetos Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus), fiquei deslumbrado e pensei que era exatamente ali que queria estagiar. Subi o elevador e assim que abri a porta, que dava diretamente para o interior do atelier, deparei-me com um caos e energia

cativante, semelhante à imagem que os filmes me davam de um atelier de arquitetura: pessoas a trabalhar de um lado para o outro, maquetes e plantas por todo o lado, parte da equipa reunida em mesa redonda e como plano de fundo o Rio Tejo, a Ponte 25 de Abril, o Cristo Rei, do outro lado das enormes janelas (Figura 4.2) que revestiam as paredes de todo espaço, por onde entrava a luz em tom alaranjado, característica de um final de dia na cidade de Lisboa. O caos e a calma, de um ponto de vista privilegiado sobre a cidade, que nos fazia viajar sobre os pensamentos, fiquei rendido e totalmente satisfeito por ter deixado o portefólio.

Ao fim de poucos meses dei início ao período de estágio que se prolongaria por 6 meses e posteriormente mais 4, em que estive a colaborar com o atelier pós estágio, perfazendo 10 meses de experiência.

Inicialmente, fui introduzido a toda a equipa nas diferentes frentes de projeto, conhecendo os colegas com quem viria a trabalhar e os projetos que estavam em desenvolvimento. Foi-me explicado como se processavam as tarefas e as normas que deveria seguir, como alguns padrões de organização e comunicação e as principais premissas do atelier. Estas ferramentas revelar-se-iam fundamentais para um trabalho fluido entre os colaboradores internos, em termos de organização de “layers”, que permitiria fácil cruzamento de informações e desenhos, e com colaboradores externos, no que toca à coerência estética e formal que permitiria comunicação com outros ateliers, maioritariamente de arquitetura.

Desde logo fiquei com expectativas elevadas e entusiasmado com os projetos que me iam sendo apresentados. Eram projetos de grande magnitude e em colaborações com arquitetos que eu admirava e seguia o trabalho, o que mais uma vez me deixou bastante interessado e com vontade de participar em tudo. A experiência de estagiário estava a ser partilhada com uma colega que havia iniciado no mesmo dia que eu, o que facilitou toda a fase inicial de adaptação. Partilhávamos duvidas e discutíamos ideias, nesta fase de transição de quem havia acabado de sair do ambiente académico para o profissional. Foi nos atribuído a primeira tarefa em que seríamos um pouco mais autónomos, um concurso para uma das principais praças da cidade de Valencia (Espanha), a Plaza del Ayuntamiento. A primeira oportunidade de mostrar que queríamos e desejávamos ajudar a equipa, foi uma tremenda possibilidade poder começar dessa forma, com um projeto de tanto interesse.

Com o tempo, à medida que a adaptação se foi consolidando, surgiram imensas oportunidades que me levaram a desenvolver a capacidade de entrar em novas equipas, conciliar várias tarefas ao mesmo tempo, perceber os tempos e as circunstâncias dos diferentes desafios. É muito importante estarmos recetivos a essas variações e imprevistos na fase de adaptação, numa área em que existe sempre muita pressão e stress derivados da necessidade de cumprir prazos e compromissos. Se por um lado, esta condição pode ser associada a uma vertente negativa, de bastante exigência, também é dessa intensidade e comprometimento que nascem relações, se fortalece uma equipa e se desenvolve a capacidade de adaptação e resiliência. Um dos momentos mais interessantes e importantes, do meu ponto de vista, eram as reuniões em mesa-redonda, sempre que era necessário discutir um projeto ou no início da semana, para organizar trabalho. Penso que o que torna um projeto realmente vivo e rico é essa possibilidade de debater as ideias e entender as diferentes perceções de cada elemento da equipa. Isto contribui, evidentemente, para um projeto mais completo e com o contributo de um maior número de pessoas.

Foi, portanto, uma experiência de grande intensidade, com imensos momentos diferentes que despertaram muitos sentimentos distintos, numa riquíssima oportunidade de aprender e crescer em termos profissionais e pessoais. A minha formação foi bastante enriquecida com toda a experiência de contacto com diferentes culturas e profissões, poder falhar e repetir, ouvir todos os conselhos e indicações de profissionais com muita experiência, estar envolvido em conversas e abordagens a diferentes tipologias de projeto (mesmo que não estivesse a desenvolver esse projeto necessariamente), poder trabalhar com ferramentas de alta tecnologia para leitura e discussão de projeto (LaserScan, Drones, Impressora 3D), desenvolver a comunicação com outros profissionais (incluído o meu léxico), poder ouvir e ser ouvido, ter acesso a uma vasta biblioteca de informação (vegetal, material, teórica, formativa, de referências, de projetos, etc.), entre outras. As vantagens e o proveito que tirei foram inúmeras e levam-me a crer que tomei a decisão certa, que se reverteu positivamente na minha construção enquanto profissional e se revelou uma boa forma de iniciar a minha carreira profissional, que terá certamente a sua influência e recompensa.

5.1. Trabalhos Realizados

Ao longo do estágio tive a oportunidade de trabalhar em diversos projetos, com várias pessoas, em situações e contextos diferentes, desempenhando inúmeros papeis e tarefas e, sobretudo pude observar.

Essa possibilidade de desempenhar um papel de observador ativo foi fundamental para imergir no modo de operação do atelier e engrenar nos processos da equipa. Assim, tornou-se mais claro o “*modus operandi*” e mais fácil a tarefa de o estudar.

Destacam-se agora alguns dos projetos onde pude trabalhar com maior envolvimento, sobre coordenação próxima e regido pelos valores do atelier, sobre os quais mantive as preocupações que o tema da dissertação defende.

Plaza del Ayuntamiento | Concurso (3º Lugar)

Data de início: 03/2022

Tema: Espaço Público – Praça – Desenho Urbano

Área: 3.5 hectares

Cliente: Junta de Gobierno del Ajuntament de València

Localidade: Valencia, Espanha

Autores: Guillermo Vázquez Consuegra Arquitecto, Proap/João Nunes

Contextualização

A Plaza del Ayuntamiento é uma das principais e mais centrais praças da cidade de Valencia. Nas imediações da Estació Nord (estação central de comboios) funciona como coração que recebe e bombeia fluxos para todas as direções da cidade. Tem sido palco de muitas das grandes festividades da cidade (Las Fallas, Mascletàs) e recebe milhões de turistas e locais anualmente. A necessidade de pedonalização da praça já era há muito sentida e esperada pela população, pelo que, ainda antes do concurso, foi executado um projeto efémero, de cariz temporário, que retirou, sem tardar, os carros da praça (Figura 5.2).

Esta é uma praça carregada de história a que sucederam diversas reformulações e que transporta elevada importância e significado entre a comunidade valenciana (djaa - Solo cultura, Valencia, arte e historia [DJAA], s/d). Apesar desses aspetos, não tem representação formal e estética que dignifique o seu valor e potencialidade.

Na forma deste lugar permanece a memória do Convento de San Francisco (Figura 5.1) que existiu até finais do Sec. XIX, acabando por ser demolido e abrindo um grande vazio no centro da cidade, que mais tarde deu origem à atual Plaza del Ayuntamiento (DJAA, s/d). Desde esse tempo, as composições e formas na praça, variaram bastante, dentro dos limites que a forma do convento proporcionou. Mas um dos elementos que sempre esteve presente nesta praça foram as bancas de venda de flores, que enriqueciam a praça de vida, cor e cheiro (DJAA, s/d).



Figura 5.1 – Planta Convento de San Francisco.
1738 (Fonte: Ajuntament de València Geoportal).



Figura 5.2 – Planta Plaza del Ayuntamiento.
2022 (Fonte: Ajuntament de València Geoportal)

Atualmente a praça mantém o formato triangular, mas por consequência das vias automóveis foi repartida em 3 fações. Existindo claramente uma zona central que se divide em 2, separadas de uma 3^a - representada pelos passeios que contornam as fachadas. As 2 zonas centrais são características: uma por ter uma enorme fonte; e a outra por ser um enorme espaço vazio rodeado pelas bancas de flores e algumas árvores (Plátanos). As referências foram quase todas omitidas, permanecendo, no entanto, as características bancas de flores, ainda que numa organização e figura totalmente diferentes. As fachadas que envolvem a praça são de diversos estilos e importância, síntese da evolução temporal em torno da mesma, que foi sempre central em relação à cidade. Porém, destacam-se as fachadas de 3 edifícios: em primeiro lugar o edifício do Ayuntamiento de València (Figura 5.3), seguido do Palau de les Comunicacions de

València ou Correos (Figura 5.4) e por último o Ateneu Mercantil de València (Figura 5.5).



Figura 5.3 – Fachada Ayuntamiento de València. 2022 (Fonte: For 91 Days).



Figura 5.4 – Fachada Correos. 2014 (Fonte: Wikipedia).



Figura 5.5 – Fachada Ateneu Mercantil de València. 2011 (Fonte: Wikipedia).

Projeto

Os desafios do projeto passavam por uniformizar e relacionar todos os contrastes envolventes; pela reivindicação do espaço e criação de condições para usufruto enquanto praça; uma exigente reorganização de fluxos pedonais, rodoviários e cicláveis; e a articulação coerente de elementos existentes característicos da praça, como era o caso das floristas. Apesar da mais recente transformação restringir as circulações automóveis na praça, mantém-se visível as marcas deste uso, definidas pelos lancis.

O projeto prevê a criação de um robusto maciço arbóreo que se abre numa grande clareira central, orientada para a fachada do edifício do Ayuntamiento de Valencia. No centro dessa clareira nasce a ideia de uma grande lâmina de água, que juntamente com o

envolvimento arbóreo permite baixar significativamente a temperatura nos meses de calor. Num meio tão urbano e, sendo Valencia uma cidade conhecida pelas altas temperaturas, com considerável efeito de ilha de calor, o conforto térmico é um fator preponderante para o êxito do projeto. Esta lâmina é, no entanto, estacional e controlada, podendo ser totalmente acessível e utilizada quando não tem água.



Figura 5.6 – Plano Geral: Plaza del Ayuntamiento (Fonte: PROAP Servidor).

A proposta (Figura 5.6) cria uma praça totalmente pedonal no lado da fachada do Ayuntamiento, libertando o lado oposto para todo o fluxo viário e ciclopédonal. Deste modo, é possível uma grande extensão da praça, sem interrupções. O uso viário no interior da praça está assim condicionado, para uso exclusivo de comerciantes e residentes, a estrada no lado este, a transportes públicos, disponibilizando o espaço para uso livre das pessoas.

O projeto estrutura-se em 3 momentos diferentes, com 3 escalas diferentes. O primeiro, com uma escala mais generosa, demarca a passagem que, passando na frente do Ayuntamiento, liga os extremos norte e sul da praça. Sendo também o principal fluxo humano. O segundo momento representa um momento transitório, de interstício, a orla, onde as pessoas a circular podem parar ou ser conduzidas para o interior do maciço arbóreo onde ocorre o último momento, mais intimista e reservado, com uma escala mais densa, onde surgem as floristas (Figura 5.7). Uma das intenções do projeto é recuperar a memória do Convento de San Francisco, de forma simbólica. Assim, prevê-se a introdução da sua planta, representada no pavimento, e a peça do pavimento, em forma romboidal, cruza a orientação da fachada do convento com a do ayuntamiento.



Figura 5.7 – 3D das floristas na Plaza del Ayuntamiento (Fonte: PROAP Servidor).

A água assume o papel protagonista na proposta, não apenas como elemento estático de contemplação e multiplicação do espaço, mas como mediador dos diferentes espaços e ambientes, assim como do contexto. A água, apresenta-se sob forma estática e duradoura, enquanto corpo estagnado. Mas, aparece, igualmente dinâmica, potenciadora

das forças externas, em forma de nuvem (Figura 5.8), ao ser pulverizada em determinados momentos do dia. Quando conjugada esta ação com as brisas que sopram, principalmente do sul, a frescura estende-se pela praça. Estes episódios pontuais de veneração da água ao longo do dia marcam momentos de reunião e introduzem ritmo e tempo no espaço. O uso desta, pode ser conjugado com eventos e atividades, como suporte para projeções de luz e imagem, ou contraponto de fumo em festivais, ou ser simplesmente um momento de celebração da água, que, por consequência, ajuda na redução térmica.

A proposta vegetal assenta numa ideia de contraste e equilíbrio. A composição de um espaço aberto e livre que permite a congregação, e em contraste um espaço coberto e fechado. O contraste e equilíbrio onde a multidão reivindica a abertura, e o indivíduo a intimidade no coberto. Explorando a relação de luz e sombra. As árvores surgem de forma aparentemente desorganizada, selvagem, sugerindo o brotar espontâneo ou o reivindicar da sua potência num rasgo do pavimento, na evidente procura do alimento, e necessidades mais primitivas. Luz, água e nutrientes.



Figura 5.8 – BirdView da Plaza del Ayuntamiento (Fonte: PROAP Servidor).

ESQUEMA DE COMPOSICIÓN DE LOS PARTERRES VERDES

OPCIÓN 1



Figura 5.9 – Opção para os parterres arbustivos (Fonte: PROAP Servidor).

A cidade valenciana, transporta um caráter muito grande do confronto histórico de duas culturas, a muçulmana e a cristã, que contribuíram para o seu estabelecimento. Estas características estendem-se ao nível da vegetação que muitas vezes combina o uso de espécies autóctones com espécies exóticas, como é o caso das palmeiras. Símbolo da exuberância do mundo árabe que, em conjunto com as endémicas, tão bem caracterizam o Mediterrâneo, como porta para o universo islâmico e para o mundo. A conjugação de palmeiras disseminadas no maciço arbóreo representa esta característica do Mediterrâneo, no melhor dos dois mundos.

O projeto trabalha substancialmente sobre a relação do utilizador com o espaço, pois, sendo verdade que este é um espaço dotado de significado e história, é igualmente verdade que, fisicamente, não proporciona condições de estadia e fruição do espaço. O grande apego a este Lugar, inerente à sua localização e história, manteve-o “vivo”, mesmo que, as suas propriedades físicas não o promovessem. Este potencial motivou o concurso, no sentido de criar um Lugar que possa ser desejável também pela sua estrutura formal e funcional. Assim, procurou-se, com este projeto, criar condições para o lazer, através de meios naturais, com a introdução de grande coberto arbóreo e da lamina de água que, para além de criarem oportunidades de interação com espaço, potenciam o conforto térmico. Aliando isto, com o enquadramento cultural e histórico da praça, destacando as principais fachadas e a planta do antigo convento, que deu espaço a este Lugar, é possível promover a resiliência da Plaza del Ayuntamiento.

Participação

A participação neste projeto foi continua estando presente em todas as fazes, na frente das transformações, de acordo com as orientações internas recebidas do João e do Iñaki, bem como, das discussões com o atelier do Arquitecto Vasquez Consuegra. Inicialmente foi desenvolvido em colaboração com uma colega, até ao final da primeira fase de concurso. Tivemos oportunidade de incorporar a nível estético e formal a proposta pensada por João Nunes, com estudos de vegetação e pavimento (a nível de estereotomia). Na segunda fase elaborei um estudo que comprovava a eficiência do projeto, em determinados parâmetros, a par das transformações formais repensadas. Com ajuda de um colega elaborámos um calendário fenológico (Figura 5.10), um esquema de vegetação atual vs. proposto, e um esquema com as duas opções para os arbustos (Figura 5.9), na faixa arbustiva, que viriam integrar o painel final de concurso.

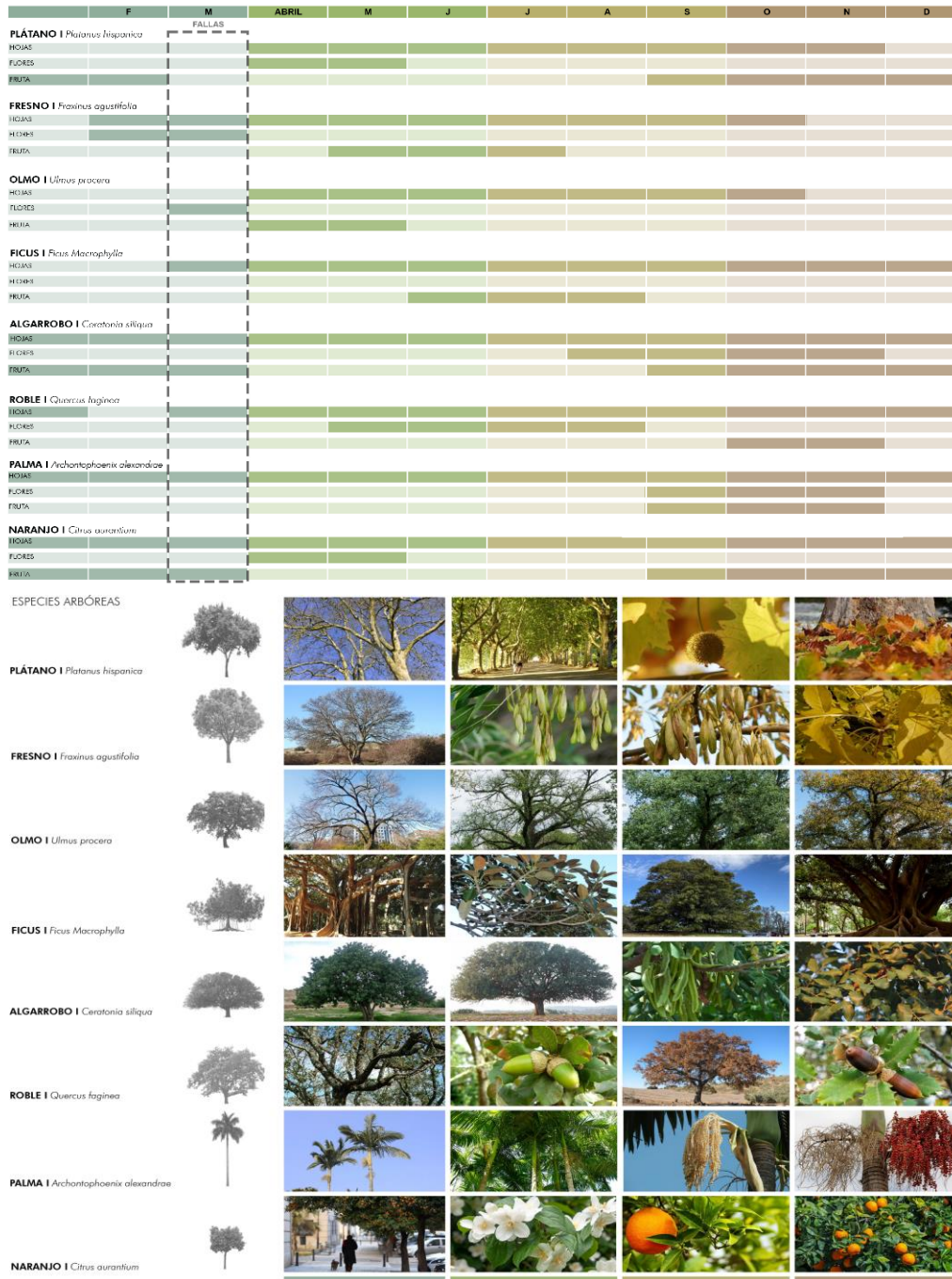


Figura 5.10 – Calendário Fenológico das espécies propostas (Fonte: PROAP Servidor).

Novo Edifício do Paço do Concelho | Concurso

Data de início: 05/2022

Tema: Espaço Público – Jardim

Área: 2 hectares

Cliente: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Localidade: Santa Maria da Feira, Portugal

Autores: Bak Gordon Arquitecto, PROAP/João Nunes

Contextualização

O concurso para o Novo Edifício do Paço do Concelho de Santa Maria da Feira, foi promovido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e assessorado pelo Conselho Diretivo Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos. O concurso pedia o desenho de um edifício que se destacasse, capaz de corresponder ao simbolismo associado e assumir um papel representativo do poder. Na frente deste solicitava-se uma praça igualmente potente, de grandes dimensões, a praça do município. Por sua vez, a praça, vinha dar equilíbrio à escala do edifício e proporcionar um amplo espaço, capaz de receber um grande número de pessoas para a realização de eventos. Em torno destes elementos a criação de um espaço verde de qualidade permitia agregação e enquadramento geral.



Figura 5.11 – Limite de intervenção do concurso Novo Edifício do Paço do Concelho de Santa Maria da Feira (Fonte: Autor + Base Google Earth).

Atualmente caracteriza-se por um espaço expectante, utilizado como parque de estacionamento exterior gratuito, de apoio aos grandes eventos e para a instalação de circos (Figura 5.11). Está integrado numa malha urbana descontínua e irregular em torno de diversos equipamentos públicos, como o Tribunal, a Biblioteca, o Quartel dos Bombeiros e o Hospital. Numa posição estruturante para assegurar a articulação entre esta parte da cidade e o núcleo central.

Projeto

No seio da proposta ergue-se o edifício, com uma escala contextualmente grande, mas que, no entanto, se funde com a topografia nos pisos inferiores. O terreno estabelece o contato entre duas ruas com um talude de 5m de altura, onde se encaixa o edifício que assegura essa relação. A sul do edifício e em relação com o mesmo, implanta-se uma praça de similar amplitude. A praça, de configuração quadrada, numa forma relativamente simples, compreende, na verdade, um complexo e dinâmico sistema quanto à sua funcionalidade. A drenagem e abastecimento de eletricidade dão forma a um sistema de complementaridade suportado por micro-relevo, quase impercetível. A forma quadrada da praça repete-se em quadrados menores que preenchem a praça, configurando-se através dos vértices em subtis pirâmides, onde: os vértices centrais, enquanto pontos mais altos, fornecem a eletricidade, em oposição, nos vértices perimetrais, pontos mais baixos, implantam-se pontos de recolha de água. Esquema que coloca forma e função em perfeito equilíbrio.

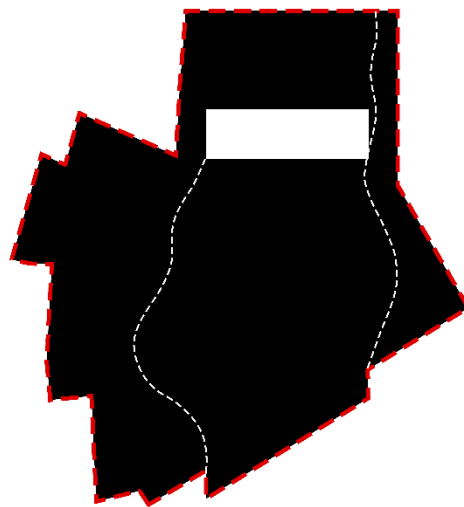


Figura 5.12 – Diagrama conceptual – Linhas de água (Fonte: Autor).

Contrariamente ao sistema construído, que se estrutura em linhas ortogonais, rígidas, que assume a ordem e representatividade infraestrutural, o jardim que o envolve, é desenhado num gesto leve e solto, seguindo linhas orgânicas, que invocam a natureza e o deambular. Constituído por dois percursos principais, que se ramificam em outros secundários, são escavados na topografia, recriando linhas de água (Figura 5.12). Assim, compreendem pontos de acumulação de humidade, onde se instala vegetação típica dos sistemas ripícolas. Em contraste com essas zonas essencialmente cobertas, duas clareiras introduzem a luz no jardim. Uma delas constrói, em conjunto com a modelação do terreno, um pequeno anfiteatro, em formato circular, por onde passam dois percursos, um no topo, e o outro na base.

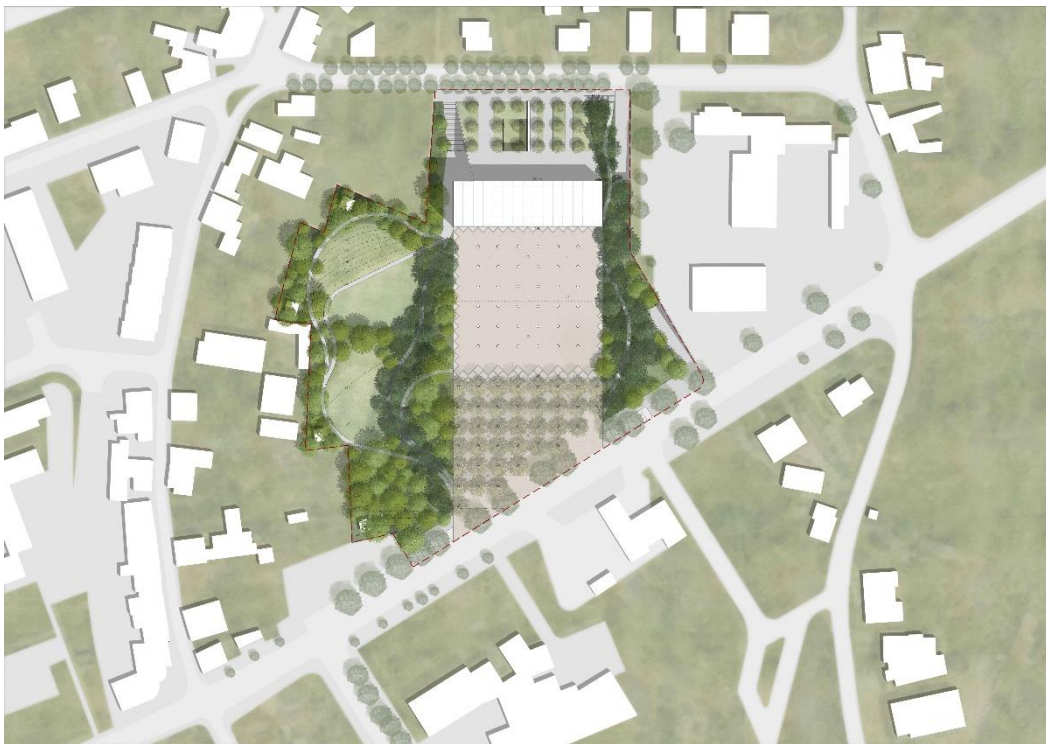


Figura 5.13 - Plano Geral: Novo Edifício do Paço do Concelho de Santa Maria da Feira (Fonte: PROAP Servidor).

Existem ainda dois espaços transitórios entre os diferentes ambientes e que estabelecem o contato direto com a rua. A norte, dada a solução arquitetónica, o edifício serve como elemento de contenção de terras, criando a oportunidade de abertura de um espaço plano, na parte superior do talude que se converte numa pequena praça que dá acesso direto ao edifício. A sul, entre a praça do município e a rua, uma grelha de árvores mantém a relação com a matriz da praça e estabelece o contato indireto com o arruamento. Assim, formalizam-se várias compartimentações do espaço, a norte e sul, partes inferior

e superior divididas pelo edifício (Figura 5.14); e 3 faixas verticalmente orientadas, 2 mais naturalizadas, correspondentes à parte ajardinada, e 1 central mais humanizada (Figura 5.15). A vegetação acompanha este conceito, aparecendo de forma espontânea e desorganizada nas faixas naturais e obedecendo a regras de disposição e forma na zona central.

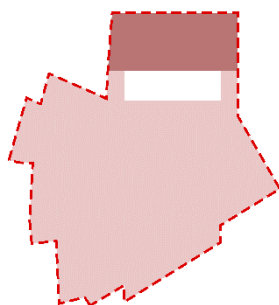


Figura 5.14 - Diagrama conceitual –
Contenção de terra –
Parte Superior vs. Inferior
(Fonte: Autor).

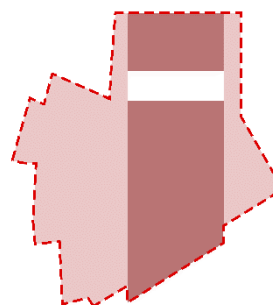


Figura 5.15 - Diagrama conceitual –
Faixas -
Naturalizada vs. Humanizada
(Fonte: Autor).

O projeto (Figura 5.13) vem, deste modo, concretizar um polo de atratividade, que se constitui numa nova célula urbana, com caráter e identidade forte, capaz de reforçar a relação entre os vários equipamentos próximos. Sendo este um espaço descaracterizado, a proposta pretende criar condições para uma nova centralidade, que fomente o interesse através da sua qualificação e estabelecimento enquanto espaço público de referência. À semelhança do exemplo nacional que constitui o complexo jardim-edifício da Fundação Calouste Gulbenkian, pretendeu-se criar um espaço intimista, um Lugar que se relaciona com o contexto, mas que, ao mesmo tempo, se fecha nele próprio. Um edifício e jardim subsidiários um do outro, que se complementam indissociavelmente num sistema alimentado pelos dois, onde o jardim acompanha o edifício nos diferentes níveis.

Procurou-se nas oportunidades proporcionadas pelo terreno, enquadrar referências aos sistemas naturais, diversificadas pela modelação do terreno. Em relacionar o Homem e a Natureza, e criar esse simbolismo ao longo de todo o jardim, quer na relação com o edifício, quer nas condições de espaços proporcionados pelo jardim, como pela imagem criada pelo contraste entre vegetação “espontânea” e “regrada”. O objetivo primário do projeto foi artificializar um Lugar, um Lugar muito recente, que não procura referências

à sua evolução cultural, mas que pretende encontrar na sua forma referências à Natureza e assim atribuir-lhe um significado, um “*genius*”.

Participação

Desempenho do concurso, com orientação do João e do Iñaki, dentro da PROAP, e em parceria com o atelier do arquiteto Ricardo Bak Gordon, com o qual partilhavam-se as ideias. Elaboração do desenho formal, a partir de esquiços, com ajustes topográficos e definição de vegetação. Realização do Plano Geral para painel do concurso.

Ex-miniera di Calabona | Estudo Prévio

Data de início: 10/2022

Tema: Espaço Privado – Jardim – Património Histórico e Arquitetónico

Área: 3 hectares

Cliente: Privado

Localidade: Alghero, Itália

Autores: PROAP/João Nunes

Contextualização

O projeto destina-se a um cliente privado, com o objetivo da reabilitação/requalificação de uma antiga mina num turismo-rural. A Ex-miniera di Calabona, trata-se de uma antiga mina de exploração de calcário, na ilha da Sardenha. Hoje representa uma área de riquíssimo valor em termos de património cultural e natural, enquanto registo histórico da prática de exploração mineira e exemplo da evolução da comunidade vegetal, uma vez que após o seu abandono a vegetação propagou-se e atingiu um estado avançado. Uma das grandes valências deste terreno diz respeito ao alto potencial de vistas, proporcionado pela relação topográfica interna e externa ao sistema.

A área de intervenção situa-se na ilha da Sardenha, mais propriamente no extremo noroeste, nos arredores da cidade de Alghero. A ilha, conhecida pela sua paisagem e valor natural, é quase toda abrangida por regimes de proteção das áreas naturais, é ainda um dos principais pontos turísticos da Itália e do mediterrânico. A antiga mina, agora abandonada, é constituída por um complexo de edifícios que serviam de apoio à prática mineira. Estes erguem-se ao longo de um cume, onde os edifícios vão se dispendo no decorrer da subida, até ao topo, onde está a entrada da mina. Os edifícios são conectados por um percurso que segue a topografia do cume, desde a estrada até ao topo. Aqui as vistas abrem-se e alcançam uma extensa paisagem, é possível avistar a costa, a cidade, passando pelas montanhas e pelos campos agrícolas.

Os edifícios que compõem a estrutura funcional da mina são (seguindo a ordem do percurso, desde a entrada, no ponto inferior, até à entrada da mina, no ponto superior):

1. Casetta del Custode
2. Deposito dei Detonari
3. Case dei Minatori
4. Chiesa di Santa Barbara
5. Casa Del Direttore (Figuras 5.16 e 5.17)
6. Magazzini
7. Fornace (Figuras 5.18 e 5.19)



Figura 5.16 – Imagem drone Casa Del Direttore em planta
(Fonte: PROAP Servidor).



Figura 5.17 - Casa Del Direttore
(Fonte: PROAP Servidor).

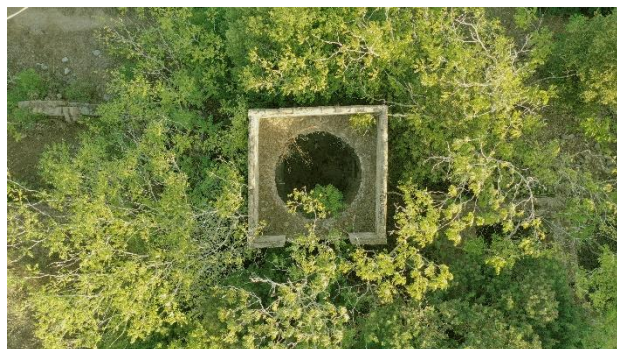


Figura 5.18 - Imagem drone Fornace em planta
(Fonte: PROAP Servidor).



Figura 5.19 – Fornace
(Fonte: PROAP Servidor).

Projeto

O projeto serve principalmente como suporte de clarificação, desenterra a memória deste Lugar e coloca-a à superfície, recupera a leitura da estrutura da mina com a finalidade da fácil compreensão do espaço. Deste modo acaba por ser um processo pouco intrusivo que assenta e se suporta nas marcas do passado, recupera o critério que construiu este espaço numa abordagem profundamente relacionada com a topografia (Figura 5.20).

Considerando isso foi necessária uma análise profunda do espaço para construir uma estratégia de intervenção consciente e própria deste lugar. Assim sendo, a lógica foi assumir o caminho existente que acompanha a topografia, enquanto caminho principal, como a espinha dorsal responsável pela conexão dos diferentes espaços. O caminho segue da cota mais baixa do terreno e conduz pelos diferentes ambientes, zonas, edifícios, etc. Numa experiência de contrastes e nuances: espaço aberto/fechado, luz/sombra, vista panorâmica/específica, superfície plana/inclinada, exterior/interior, etc.

A recuperação dos edifícios está implícita ao projeto, considerando aqueles que estejam em condições de recuperação. Os restantes servem de base onde se pretende criar espaços ajardinados, como áreas de pérgola, hortus ou estufas frias, por exemplo (pelo menos numa fase inicial). No exterior dos edifícios desenham-se espaços com formas semelhantes à das plantas baixas dos edifícios, como se estes fossem também uma divisão da casa, uma divisão exterior, que conserva alguma privacidade. Tratando-se de um turismo rural é agradável corresponder um pequeno pátio exterior a cada um dos pequenos apartamentos.

TOPOGRAFIA



Figura 5.20 – Painel de Análise Topográfica da Ex-miniera di Calabona (Fonte: PROAP Servidor).

Havendo áreas comuns e privadas. Os edifícios e sua envolvente constituíam os principais espaços a recuperar bem como alguns outros que foram identificados como potenciais, por compreenderem características especialmente interessantes. Sítios como a entrada para a mina em que, apesar do difícil acesso, constitui um magnífico espaço, carregado de misticidade, que toca a memória da mina, é também "hotspot" de vida, onde nos sentimos totalmente envolvidos pela vegetação que aqui se desenvolveu.

Foram destacados dois problemas na acessibilidade, um diz respeito ao acesso viário à propriedade (Figura 5.21), uma vez que se quer o caminho exclusivamente pedonal, e as obras pesadas que implicam torná-lo viário arrasariam parte da vegetação; o outro é a acessibilidade à zona da entrada da mina, uma vez que é necessário vencer 10 metros de profundidade, com imenso declive. Propõe-se, no entanto, algumas opções. A leitura da cartografia numa escala mais abrangente permite detetar a possibilidade de acesso quase direto à parte dos edifícios, porém, por um antigo caminho exterior à área de intervenção.

ACCESSIBILITÀ

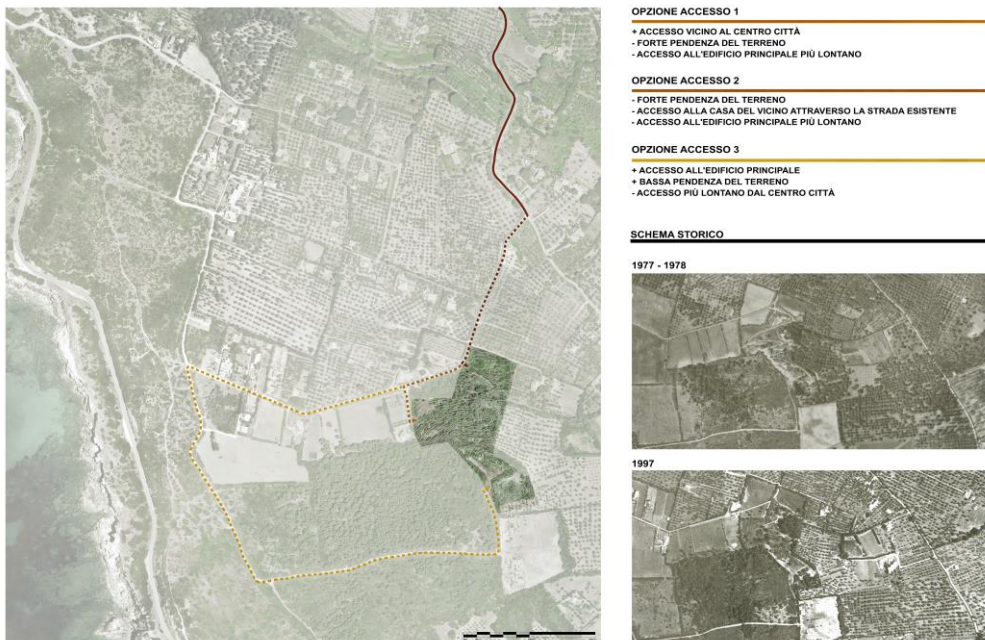


Figura 5.21 - Painel de Análise de Acessibilidade da Ex-miniera di Calabona (Fonte: PROAP Servidor).



Figura 5.22 - Plano Geral: Ex-miniera di Calabona (Fonte: PROAP Servidor).

Quanto ao acesso à entrada da mina são propostas duas soluções (Figura 5.23), a solução mais óbvia e direta, um percurso em passadiços de madeira, que em espiral permite vencer o desnível; a segunda opção, inspirada no acesso às Furnas do Enxofre na Ilha Graciosa (Madeira, Portugal), através de uma torre com dois pontos de acesso, um no topo e outro no fundo, onde a descida é feita dentro da torre. A segunda opção é particularmente interessante por recriar a ideia industrial, e por manter a misticidade do sítio.

O projeto (Figura 5.22) combina linhas de um tempo passado, de um tempo industrial, que se ligou a este Lugar de forma indissociável, que imprimiu na paisagem uma relação topográfica e de ocupação próprias, deste sítio. O desenho surge do combinar dessas marcas com a procura de um novo pretexto, que se fundem numa visão contemporânea do Lugar. Correspondendo pistas para a leitura da mina, que transportam o seu carácter, no desenho de um espaço que pretende acolher turismo e contar a sua história. O sistema resulta da integração da riqueza do património industrial e natural existentes, transformados num complexo de uso turístico, promotor do lazer e conhecimento.

IMMAGINE DI RIFERIMENTO - MINIERA



Figura 5.23 – Pannel de imagens de referencia para a proposta de acesso à entrada da mina
(Fonte: PROAP Servidor).

Participação

Desenvolvimento do estudo prévio e desenho formal em parceria com colega e sobe orientações do João e Iñaki. A análise incluiu visita ao Local para recolha de informação e levantamentos com recurso a Laser Scan, Drones e geolocalização de árvores (recolhendo informação especifica para cada planta).

Lag Salischinas| Concurso

Data de início: 11/2022

Tema: Turismo - Parque de Campismo

Área: 16.5 hectares

Cliente: Gemeindeverwaltung Sumvitg (Administração Municipal de Sumvitg)

Localidade: Sumvitg, Suíça

Autores: Bearth & Deplazes Architekten AG, PROAP/João Nunes

Contextualização

Nas proximidades de Sumvitg, na margem esquerda do rio Vorderrhein, pretende-se construir um parque de campismo/glamping. O concurso foi lançado pela Administração Municipal de Sumvitg e compreendia programa desejado, bem como, algumas considerações quanto à dinâmica das cheias. Atualmente a área é representada por campos agrícolas que são divididos por uma estrada, são de tamanho considerável e pouco compartimentados (Figura 5.24). O rio passa nos extremos sul e sudeste e tem ligação com um lago no interior do terreno que, quando sobe o caudal do rio, alaga os terrenos abrangidos nas zonas inundáveis.



Figura 5.24 - Limite de intervenção do concurso Lag Salichinas (Fonte: Autor + Base Google Earth).

O programa previa zona de glamping (mais restrita), uma área de campismo livre e uma zona de car camping, para autocaravanas e roulotte. Considerando a oferta seria necessário associar alguma infraestruturação de apoio, tanto para os campistas, como para o staff. Assim estariam também associados ao projeto alguns edifícios de rececionamento, restauração e saneamento, para os campistas, e uma zona exclusiva para o quotidiano do staff.

Projeto

O projeto (Figura 5.25) baseia-se em duas ações estruturantes, a nível morfológico e da utilização da via que intercepta o espaço. Quanto à morfologia, são esculpidos três lagos no terreno, independentes entre si, e, dois deles, independentes do lago e rio existentes, de modo a não serem contaminados com água proveniente de cheias. Os lagos são criados com o intuito da contemplação e utilização para recreio e lazer dos campistas, o terceiro é criado para receber as águas provenientes das cheias e afastá-las das zonas de campismo e restantes lagos. Os lagos são divididos por barreiras topográficas, que criam pequenos diques, com percursos no topo dos taludes.



Figura 5.25 - Plano Geral: Lag Salisquinas (Fonte: PROAP Servidor).

Na estrada, por sua vez, quer-se apagar o efeito de divisão e atribuir-lhe um valor de ligação. Para isso, pretende-se limitar a velocidade, associando um corredor verde, que liga os diferentes espaços com necessidade de suporte viário (Figura 5.26). Estabelece-se a comunicação do parque com o exterior e entre a área de car camping, a zona de staff e a área de receção. Esta ação passa pela criação de uma alameda frondosa de árvores, correspondendo a um corredor de mobilidade leve no seguimento da estrada, à qual se fazem associar pontos de paragem, com bancos e áreas de estadia, que nos fazem atravessar diversos momentos e tipologias de espaço.



Figura 5.26 – Cortes Tipo da proposta para a estrada no projeto Lag Salischinas (Fonte: PROAP Servidor).

Os lagos, à exceção do que recebe as águas das cheias, estão destinados ao lazer e recreação. As estruturas de glamping estão, por isso, disseminadas ao longo das margens de ambos, com plataformas individuais que permitem ligação direta com o lago (decks flutuantes). Estas estão sempre orientadas a sul, para maior exposição solar. Um dos lagos, o maior deles, tem uma parte reservada à utilização coletiva, quer por parte dos hóspedes de glamping, como pelos campistas. A chamada “praia” é de livre utilização para quem está instalado no parque, assim como, a estrutura sanitária, próxima desta.

Ao longo da estrada, dispõem-se, como referido, a receção, restauração, infantário, salão de eventos (com vista para o lago), campo de jogos (existente), zona de staff e a área destinada ao car camping (com um lago existente associado). A zona destinada à vivência do staff é equipada com edifícios comuns, estruturas para estadia, e uma área

reservada para produção de próprio alimento. Está ligada ao lago, para que a água seja utilizada na exploração agrícola e para próprio proveito staff.

As restantes áreas são aproveitadas para vegetar, enquanto áreas de enquadramento, proteção das margens do rio, ou para aproveitamento de culturas agrícolas, arbóreas ou semeadas, com aumento da compartimentação.

O Projeto resulta da fusão do Homem com a Natureza, uma paisagem artificializada, onde prevalece a Natureza. É um Lugar de contemplação e de conexão com o meio, com o poder de relembrar a importância dessa relação. O parque transmite esse valor, muitas vezes “esfumado” pelos dias de hoje. Transmite uma forma de viver com maior proximidade com os sistemas naturais, tirando partido disso, como exprime o complexo destinado ao staff. A vegetação sobressai e as pequenas cabanas, destinadas ao glamping, aparecem misteriosamente disseminadas. Os grandes lagos para o uso recreativo servem, também, enquanto grandes espelhos do céu e de toda a paisagem envolvente dos alpes, além da riqueza que promovem para a biodiversidade. O complexo oferece infraestrutura suficiente para provir conforto e acessibilidade, deixando espaço para a propagação da biodiversidade, moldando o Homem à natureza e não o contrário. O objetivo foi criar um sistema natural que funciona autonomamente, autorregulado pelas suas funções e serviços, que servem também os campistas, com potencial, e criando condições, para que a atividade se desenvolva e as ligações se criem, na celebração deste Lugar, na relação com o seu “*genius*”.

Participação

Desenvolvimento do concurso, ajudando na orientação da equipa composta por 3 colegas: sobe orientação do João e Iñaki. Em parceria e desenvolvendo paralelamente com o atelier de arquitetura Bearth & Deplazes Architekten AG, que desenhou todas as estruturas arquitetónicas e exprimiu as suas intenções.

Quinta das Conchinhas| Concurso (1º Lugar)

Data de início: 11/2022

Tema: Espaço Público – Desenho Urbano

Área: 2 hectares

Cliente: Câmara Municipal de Lisboa

Localidade: Lisboa, Portugal

Autores: Bak Gordon Arquitecto, PROAP/João Nunes

Contextualização

Concurso lançado pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), da Câmara Municipal de Lisboa, para um projeto de reabilitação urbana da Quinta das Conchinhas, numa margem do vale de Marvila. Esta é uma área atualmente dominada pela vertente de produção agrícola, por onde se dispõem algumas hortas, pertencentes a moradores (Figura 5.27). Estão dispersas e sem organização ao longo de uma encosta, sendo que, no topo do talude, um muro de contenção separa esta de uma área de construção urbana, numa área escavada em relação às hortas.



Figura 5.27 - Limite de intervenção do concurso Quinta das Conchinhas
(Fonte: Autor + Base Google Earth).

Projeto

O projeto (Figura 5.28) consiste num conjunto habitacional de edifícios que compartilha um espaço exterior. Os pisos inferiores destinam-se ao comércio, e no subsolo, há um parque de estacionamento. Para criar condições de acesso entre os demais edifícios e arruamentos, no topo do talude, grande parte da área superior foi escavada, igualando a cota da plataforma superior. Essa ação abriu espaço para uma área ampla e plana, limitada por uma parede de contenção com 9m de altura. Esse espaço serve como superfície para uso coletivo dos novos residentes deste aglomerado e para os estabelecimentos comerciais, onde algumas árvores e áreas de pavimento inerte, verde e misto (verde e inerte) estão dispostas. Neste grande pátio, encontram-se os acessos aos edifícios, ao parque de estacionamento localizado abaixo da plataforma e aos arruamentos superiores e inferiores (através de escadas).



Figura 5.28 - Plano Geral: Quinta das Conchinhas (Fonte: PROAP Servidor).

Os acessos ao arruamento inferior, na base do talude, são assegurados por escadas em cada uma das extremidades, que terminam em duas praças. No meio da plataforma, partem outros dois lances de escada que cortam a área de hortas. A preservação das hortas era um elemento essencial, pela imagem da Quinta, pela importância dessas áreas em termos de produção para a comunidade e, em termos ecológicos, para o vale e a

continuidade verde da cidade. Assim, uma vez que era necessário vencer os 9m de altura impostos pela plataforma, a proposta previu a recriação das hortas com o uso de socalcos, técnica utilizada nos vales para aproveitamento de terras para cultivo e superação de desníveis. Foram criados talhões de hortas em 3 níveis de altura, deixando um espaço entre o início dos socalcos e a plataforma, que serve como entrada de ar para ventilação do parque subterrâneo.

As praças nas extremidades destinam-se: uma como entrada de uma superfície comercial; e a outra como entrada de uma zona de restauração. As escadas de acesso à zona de restauração foram projetadas com um patamar mais amplo que o habitual, uma vez que, estando alinhadas com o vale, servem como espécie de anfiteatro para contemplação deste.



Figura 5.29 – 3D do edifícios e socalcos na Quinta das Conchinhas (Fonte: PROAP Servidor).

O projeto visa a criação de um pequeno complexo, um pequeno sistema que vive das relações entre vizinhança, a atividade potenciada pelo comércio e a vertente produtiva das hortas. A solução da integração dos socalcos para hortas, enquanto forma de vencer o desnível, assegura a preservação da imagem produtiva desta encosta, que se conecta com a continuidade do vale, também agrícola, e para além da imagem, subsidia a dinâmica de produção, muito importante para quem tira partido destas hortas. A integração destes elementos, num sistema que os une, contribui para a preservação do Carácter do Lugar, concretizando uma infraestruturização que complementa o espaço com melhoria de condições e o complexifica numa visão para um espaço multifuncional,

projetado com finalidade habitacional, mas que, no entanto, estabelece continuidade formal e funcional, no remate da zona residencial com o vale e com a prática aqui associada (Figura 5.29).

Participação

Desenvolvimento do concurso com orientação do João e Iñaki, dentro da PROAP, elaborando desenho formal com base em esquiços e ajustes altimétricos. O projeto foi desenvolvido em parceria com o atelier do arquiteto Ricardo Bak Gordon.

Outros|

A minha colaboração com a PROAP, durante o estágio, passou por muitos outros projetos e tarefas diferentes, com um envolvimento de igual ou menor relevância. No entanto, não são foco desta investigação e relatório, pelo que, passo a enumerá-los de forma mais breve, assim como, as tarefas desempenhadas em cada um.

PROJETO	PARTICIPAÇÃO
Lote 16, Rua Rosa Dos Ventos – Projeto De Licenciamento	Desenvolvimento do desenho formal e técnico, bem como de todos os elementos de projeto de licenciamento (Amarelos e Vermelhos, Plano Geral, Altimetria, Drenagem, Pavimentos e Equipamentos, Vegetação, Plano de Iluminação) com orientações a nível formal e com apoio na elaboração dos elementos técnicos e da folha de orçamento. A análise incluiu visita ao Local para recolha de informação e foi desenvolvido em parceria com o atelier Joana Aranha.
Concurso Vilamoura Antigo Casino – Concurso	Desenvolvimento do concurso com orientação do João e do Iñaki, dentro da PROAP, e em parceria com o atelier de arquitetura ARX. Elaboração do desenho formal, a partir de esquiços, com ajustes topográficos e definição de vegetação.

<p>Fano Masterplan – Projeto de licenciamento e viabilidade</p>	<p>1) Desenvolvimento de Projeto de Licenciamento e todas as cartas associadas, para a zona de Torrete e Via Stelle di Marè, com orientações do João e Iñaki. E com apoio de uma colega na tradução e a nível de folha de orçamento.</p> <p>2) Projeto de viabilidade para Waterfront de 3km à escala 1/3000, e planos gerais aproximados à escala 1/750. Desenvolvimento do projeto a nível formal com orientação do João e Iñaki. A renderização dos Planos Gerais foi desenvolvida com apoio de um colega.</p> <p>Ambos os projetos foram sempre discutidos e desenvolvidos em parceria com o atelier de arquitetos e engenheiros 3TI PROGGETI.</p>
<p>Parco della Giustizia – Concurso</p>	<p>Cooperação com equipa que desenvolvia o concurso, apoiando a nível de desenho.</p>
<p>Lazareto de Lisboa – Estudo Prévio</p>	<p>Desenvolvimento do estudo prévio em parceria com colega, <u>sobe</u> orientações do João e Iñaki. Incluiu visita ao Local para recolha de informação com recurso a Laser Scan. Projeto em parceria com o atelier de arquitetura ARX.</p>
<p>AET Bodio – Concurso</p>	<p>Elaboração de diagramas explicativos do projeto para integrar painel de concurso.</p>
<p>Nuovo Presidio Ospedaliero – Concurso</p>	<p>Cooperação com equipa que desenvolvia o concurso, apoiando a nível de desenho.</p>

Parque Urbano Quinta Marques de Abrantes – Revisão de Projeto	Cooperação com equipa que desenvolvia o projeto, no ajuste de algumas modificações no desenho e altimetria.
Farfetch Fuse Valey – Projeto	Cooperação com equipa que desenvolvia o projeto, no ajuste de algumas modificações no desenho, altimetria e realização de alguns cortes. Em parceria com o atelier Bjarke Ingels Group.
Quartel da Graça – Projeto	Cooperação com equipa que desenvolvia o projeto no levantamento de espécies arbóreas para relatório da DGPC (Direção-Geral do Património Cultural) e Laser Scan.
Vacallo – Projeto	Cooperação com equipa que desenvolvia o concurso, apoiando na elaboração de diagrama explicativo do conceito de drenagem.
Frente Ribeirinha de Alcochete – Proposta de ideias	Apoio no desenvolvimento de base de trabalho.
Edifício Miramar – Revisão de Projeto	Cooperação com equipa na elaboração de plano de vegetação.
Nova Medical School	Revisão de Estimativa Orçamental, por alterações ao projeto.
Palacete Henrique Mendonça	Revisão de Estimativa Orçamental, por alterações ao projeto.
Campo Mártires da Pátria: Palácio Silva Amado	Atualização de plano geral, conforme alterações realizadas.

<p>Av Saboia 1257, Cascais</p>	<p>Cooperação com equipa que desenvolvia o projeto, no ajuste de algumas modificações na vegetação e altimetria.</p>
<p>Bairro da Rainha Dona Leonor, Porto</p>	<p>Revisão de Estimativa Orçamental, por alterações ao projeto.</p>

Em suma, todos os projetos em que participei foram de tremenda relevância para a consolidação de conhecimentos. Tive a oportunidade de enfrentar variadíssimos tipos de problemas para os quais tive de encontrar novas respostas, e essa investigação faz agora parte do meu conhecimento. A diversidade de projetos, de Lugares, de tipologias, ampliou a minha visão e enriqueceu o meu leque de referências, que servirá, consciente ou inconscientemente, para informar futuros projetos. Também o aumento de experiência providenciará maior agilidade para enfrentar situações e adequar respostas mais rápidas e eficientes. O desenvolvimento destas competências deve-se à qualidade e rigor exigidos na PROAP, da coordenação que recebi e das discussões onde estive envolvido, que exigiram, através de trabalho, que me adaptasse e correspondesse com os padrões do atelier, e assim desenvolve-se as minhas capacidades.

Também a nível técnico registei um aumento de competências nomeadamente no que respeita a capacidades desenvolvidas e consolidadas com programas informáticos, equipamentos de levamento e de reprodução de maquetes, na visão e sensibilidade em saídas de campo, na comunicação com outras especialidades de projeto e alguma experiência em produção de estimativas orçamentais.

Reflexão Final

A presente dissertação consiste na construção de uma análise que procura, com base em teoria clássica e contemporânea, aprofundar a relação que associa o conceito de Lugar à ação do arquiteto paisagista, na transformação da paisagem. Para tal, recorreu-se ao termo “*genius loci*”, ou Espírito do Lugar, procurando explicar o que compõe um Lugar e, com base nisso, o que o torna significativo. Com a capacidade de despertar emoções e sensações de bem-estar nos seres humanos e, assim, estabelecer relações de apego e proximidade. Posto isso, procurou-se no papel do arquiteto paisagista, destacar a responsabilidade e o dever de criar e preservar a Identidade do Lugar. Colocando este, primeiramente, como um Intérprete do Lugar, que deve, nessa função, ter a preocupação de conhecer, compreender e sentir o Lugar, antes de qualquer intervenção. Essa procura demonstrou como fatores físicos e sensitivos afetam a qualidade das intervenções na paisagem, nos diferentes contextos, e proporcionou, paralelamente, ferramentas e métodos de análise e intervenção na área.

A base teórica estabelecida, em conjunto com o estágio realizado, permitiu analisar e avaliar projetos desenvolvidos pela PROAP, com o objetivo principal de compreender como o conceito de Lugar é, ou, foi incorporado nesses projetos. A avaliação dos projetos, baseada nos indicadores, que classificam a aptidão de uma construção/transformação transpor, criar ou intensificar o Caráter do Lugar, demonstrou a capacidade da PROAP criar espaços caracterizados pelo seu próprio “*genius loci*”. Os resultados comprovaram que a postura consciente do atelier, baseada no conceito de Lugar, pode justificar a grande aprovação e apropriação dos Lugares criados pela PROAP.

Além disso, a experiência de estagiar na PROAP revelou-se bastante enriquecedora na consolidação de conhecimentos teóricos, técnicos e conceituais. Foi uma tremenda oportunidade de aprender de perto com profissionais experientes e bastante inspiradores. A intensidade de trabalho, exigência de qualidade e rigor, levou a que tivesse de superar desafios e assim desenvolver capacidades. Foi também importante conhecer o mundo profissional da disciplina, enfrentar os contratemplos e problemas do dia-a-dia e aplicar conhecimentos adquiridos ao longo da formação académica. A diversidade de projetos, escalas, culturas, Lugares, especialidades; com que tive o prazer de trabalhar, contribuíram profundamente para o crescimento pessoal e profissional.

A posição defendida na dissertação permite tecer algumas ideias e abordar questões de natureza social e política que frequentemente têm um papel determinante nas mudanças que ocorrem na paisagem. Destaca-se a importância de preservar a Identidade dos Lugares, que vive dos seus valores culturais e naturais autóctones, lembrando as consequências de transformações excessivas e descaracterizadoras. Todos os intervenientes na construção e transformação da paisagem, têm a responsabilidade de promover o equilíbrio social e ecológico, sejam eles arquitetos, políticos ou empresários.

Como visto, a paisagem é dinâmica, um processo em transformação, adapta-se, modifica-se, transforma-se noutra paisagem. E é nas marcas na paisagem que lemos as transformações sucedidas, assim como a brevidade das soluções, que rapidamente se tornaram obsoletas. A leitura dessa evolução e compreendendo que, é com base nas marcas do passado que conseguimos nos contextualizar e perceber a razão das coisas na atualidade, podemos prever que também cedo as nossas soluções se tornarão obsoletas. Talvez mais cedo do que esperado, dada a velocidade dos acontecimentos e a perenidade das coisas na atualidade. Na verdade, dos temas mais trabalhados na arquitetura paisagista, atualmente, é a reconversão de infraestruturas do passado, que se tornaram um problema na geração de hoje. Nada do que se cria será eterno e é sempre consequente de convicções do presente (PROAP, 2010).

Isto torna impossível desassociar tais marcas de fatores políticos, corporativos e sociais, uma vez que gerem os nossos recursos e por consequência a transformação da paisagem. Viver de acordo com as necessidades contribui para o equilíbrio social, isto é claro até na paisagem. Uma paisagem é democrática antes dos contrastes, muitas vezes desnecessários, originados por interesses que criam dissonâncias visuais e sociais. E aqui no fundo está se a contribui para o individualismo em detrimento do senso de comunidade. Isto alastra-se em campos como os da coerência arquitetónica, das transformações na paisagem, das explorações agrícolas, industriais, etc. E para onde se caminha assim? E aqui onde fica o Carácter do Lugar ou até mesmo o nosso? De que nos serve construir por construir, sem haver identidade ou razão de? É apenas um desperdício de recursos e o denegrir da identidade que nos torna humanos.

“Na nossa paisagem pensa-se que as feridas abertas à erosão são sinais de progresso, quando são sintoma de incompetência e de desapego por aquilo que a cultura do povo tem de mais caro: as paisagens tradicionais consolidadas.”³⁰

Gonçalo Ribeiro Telles

As cidades constituem os principais polos de atividade, de concentração de pessoas e investimento, portanto que acolhem tempos mais rápidos, onde tudo acontece com maior rapidez e expressão, onde as transformações ocorrem mais e mais depressas. Porém, uma análise mais detalhada à evolução em contexto urbano e a sinais que permanecem estáveis nesse contexto, revela que, as infraestruturas menos consolidadas são na verdade as mais duradouras, as áreas verdes (PROAP, 2010).

Essa conservação resulta, não da resistência física dos materiais, pois são das marcas mais fáceis de apagar, mais frágeis do que qualquer outra tipologia construída da cidade, mas sim dos laços criados entre as pessoas e os Lugares, relações de afeto, emocionais (PROAP, 2010).

Em conclusão, a dissertação oferece uma análise abrangente do valor do Lugar e da importância do arquiteto paisagista enquanto Intérprete, destacando a influência, responsabilidade e compromisso implícitos enquanto agente de transformação da paisagem, na criação de Lugares significativos que se possam tornar duradouros, atendendo às necessidades da sociedade e contribuindo para a preservação da Identidade dos Lugares.

³⁰ Transcrição de frase por Gonçalo Ribeiro Telles (Cabral, 1993), do livro “*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*”, pp. 20-21.

Bibliografia

- Alarcão, J.de (1973). *Portugal romano. História Mundi*. Editorial Verbo. Lisboa.
- Augé, M. (2005). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Batista, D. (2021). *A Ideia de Lugar no Projeto de Paisagem: Perspectiva Histórica*. In Fidalgo, P. *Dinâmicas da Paisagem: Entre a Realidade e o Desejo*, pp.287-303. Lisboa: HTC - História, Territórios, Comunidades e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Caldeira Cabral, F. (1993). *Fundamentos da Arquitetura Paisagista*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza
- CML - Câmara Municipal de Lisboa. (2008). *Plano Geral de Intervenções da Frente Ribeirinha de Lisboa – Documento de Enquadramento Final*. Divisão de Desenvolvimento Urbano.
https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/urbanismo/planeamento_urbano/e_studos_planos/Frente_Ribeirinha/FR_Enquadramento.pdf
- Conselho da Europa (2000). *Convenção Europeia da Paisagem (CEP)*. Art.º 1º a, pp.2. Estrasburgo. (Convenção ratificada por Portugal em 2005 - Art.º 1º a DL 4/2005, de 14 de fevereiro, pp.1025).
<https://rm.coe.int/16807b6bc7>
(<https://files.diariodarepublica.pt/1s/2005/02/031a00/10171028.pdf>)
- Corajoud, M. (2000). *Les neuf conduites nécessaires d'une propédeutique pour un apprentissage du projet sur le paysage*. In AA. VV. *Jardins Insurgés, architecture du paysage en Europe* (pp. 119-132). Barcelona.
- Deming, M. E., & Swaffield, S. (2011). *Landscape Architecture Research: Inquiry, Strategy, Design*. Hoboken, New Jersey and simultaneously in Canada: Wiley, Ed. John Wiley & Sons, Inc.
- Farshadi, A. (2017). *Exploring the potential of applying genius loci as a concept in landscape architecture*. [Dissertação de mestrado, Institute of Agricultural and Environmental Sciences da Estonian university of life sciences]. EMU DSpace: Digital Archive of Estonian university of life sciences.
<http://hdl.handle.net/10492/3583>
- Freire, M. (2018). *Paisagem e a Arquitetura Paisagista: Conceitos, Valores, Componentes e Competências à Intervenção* [Comunicação por convite]. 5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Fortes, M., Borrvalho, L., Herculano, C. (2019). *Jardins do Romantismo em Lisboa: questões e constatações*, pp. 86.
https://www.researchgate.net/profile/Carolina-Herculano/publication/367541945_Rossio_8_10DEZ19CML-paginas-76-89/links/63d7db50c465a873a26e1ec8/Rossio-8-10DEZ19CML-paginas-76-89.pdf

- Girot, C. (1999). *Four Trace Concepts in Landscape Architecture*. In Corner, J. *Recovering landscape: Essays in Contemporary Landscape*, pp. 59-67. New York: Princeton Architectural Press.
- Kahn, A. & J. Burns, C. (2005). *Site Matters*. New York and London: Routledge.
- Lassus, B. (2007). *Analisis Inventivo*. In Colafranceschi, D. *Landscape + 100 palabras para habitarlo*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Lewicka, M. (2008). *Place attachment, place identity, and place memory: Restoring the forgotten city past*. *Journal of Environmental Psychology*, 28(3), 209–231. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.02.001>.
- Lewis, P. K. (1979). *Axioms of the landscape: Some guides to the American scene*. *Journal of Architectural Education* 30 (1):6–9. <https://doi.org/10.1080/10464883.1976.10758067>
- McHarg, I. (1971). *Design with Nature*. Garden City, New York: Doubleday for American Museum of Natural History.
- Milano, M., & Cremascoli, R. (2016). *Gonçalo Byrne: A Intimidade dos Espaços* (A. Faria, Ed.). Cardume Editores, Lda.
- Motloch, J. L. (2001). *Introduction to Landscape Design* (2^a). New York: John Wiley & Sons.
- Norberg-schulz, C. (1980). *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Rizzoli.
- Pessoa, F. (1994). “*O Guardador de Rebanhos*”, XIVa - *Rimo Quando Calha. Poemas Completos de Alberto Caeiro*. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença.
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (1999a). *Caracterização Fisiográfica. Plano de Pormenor 6 – Parque do Tejo Zona de Intervenção da Expo '98*. Parque das Nações. https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/urbanismo/planos_pormenor/pp_6_parqueTejo/pp6_parque_expo_caracterizacao_fisiografica_paisagistica.pdf
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (1999b). *Memória Descritiva da Proposta do Plano. Plano de Pormenor 6 – Parque do Tejo Zona de Intervenção da Expo '98*. Parque das Nações. https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/urbanismo/planos_pormenor/pp_6_parqueTejo/pp6_parque_expo_memoria_descritiva.pdf
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (2010). *PROAP - Arquitetura Paisagista* (B. Silva, Ed.; NOTE Editora).
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (2011). *Concursos Perdidos*. Lisboa
- Nunes, J. (2015). *Fazer Paisagem: Topografia*, pp. 25-26. *Revista AP*. <https://apap.pt/wp-content/uploads/2017/09/AP-11-Out-2015.pdf>
- Paula Saraiva, A. (2007). *Princípios de Arquitetura Paisagista e de Ordenamento do Território*. João Azevedo Editor.

- Real, M. L. & Tente, C. (2016). *A Cava de Viriato (Viseu) - novos dados e interpretações*, pp. 100-129. In Tente, C. *DO IMPÉRIO AO REINO - Viseu e o território entre os séculos IV a XII*. Câmara Municipal de Viseu.
<https://www.mhcviseu.pt/documentos/CMVDoImperioaoReino.pdf>
- Rivière, C. (2011). *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Rollero, C., & de Piccoli, N. (2010). *Does place attachment affect social well-being?* *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 60(4), 233–238.
<https://doi.org/10.1016/j.erap.2010.05.001>
- S.E.I.P. - Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem. (2015). *Fazer Paisagem: A Paisagem Tem Inscrita as Histórias Dos Homens*, pp. 36-39. Revista AP.
<https://apap.pt/wp-content/uploads/2017/09/AP-11-Out-2015.pdf>
- Schneider, L. C. (2015). *Lugar e não-Lugar: espaços da complexidade*. Universidade de Santa Cruz do Sul.
<https://doi.org/10.17058/agora.v17i1.5311>
- Silva, P. (2019). *Estágio Profissional na Câmara Municipal de Ovar - O percurso como forma de interpretação da paisagem*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade do Algarve]. Sapiientia: Repositório da Univerisdade do Algarve.
<http://hdl.handle.net/10400.1/13657>
- Steinitz, C. (1995). *Design is a verb; design is a noun*. *Landscape Journal*, 14(2), 188–200.
<https://doi.org/10.3368/lj.14.2.188>
- Távora, F. (1999). *Da Organização do Espaço*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto.
- UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. (1972). *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*. Art.º 1º, pp. 2.
<https://whc.unesco.org/archive/convention-en.pdf>
- Vecchi, R. (2019). *Genius Loci e a imprescritibilidade do mito: arquiteturas simbólicas em tramas urbanas pós-coloniais (Luanda e Maputo)*. In Ribeiro, M. & Noa, F. *Memória, Cidade e Literatura: De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo*, pp. 201-211. Porto: Edições Afrontamento.
- Vecco, M. (2020). *Genius loci as a meta-concept*. *Journal of Cultural Heritage*, 41, 225–231.
<https://doi.org/10.1016/j.culher.2019.07.001>
- Wright, F. (1943). *Frank Lloyd Wright: An Autobiography*. London: Faber & Faber Limited.
- Xavier, S. (2007). *Projectos, processos, paisagens: imagens, técnicas e pessoas num atelier de arquitectura paisagista*. [Tese de doutoramento não publicada]. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Webgrafia

- APAP - Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas (2020). *Entrevista a João Nunes* [Registo vídeo]. Lisboa.
https://www.youtube.com/watch?v=PGTPHHR0F6k&t=305s&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oPortuguesadosArquitectosPaisagistas
- APAP - Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas (2021a). Evento: *Webinar Conversas “Projectos” com João Nunes*. Lisboa.
<https://www.facebook.com/events/444785153286244>
- APAP - Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas (2021b). *Conversas “Projectos” com João Nunes* [Registo vídeo]. Lisboa.
<https://www.facebook.com/arq.paisagistas/videos/3901993713203171>
- Boaventura, I. (2009). *Lisboa: arquitectos projectam Ribeira das Naus "contemporânea" mas que revela a história*. Público.
<https://www.publico.pt/2009/08/04/local/noticia/lisboa-arquitectos-projectam-ribeira-das-naus-contemporanea-mas-que-revela-a-historia-1394593>
- CMG - Câmara Municipal de Gavião (2022). *Praia Fluvial do Alamal*.
<https://www.cm-gaviao.pt/locais/praias-fluvial-do-alamal/>
- CML - Câmara Municipal de Lisboa. (2019). *Apresentação do projeto de requalificação do Miradouro de Santa Catarina* [Registo Vídeo].
<https://www.facebook.com/watch/?v=378221646298893>
- CML - Câmara Municipal de Lisboa. (s/d). Adamastor - *Jardim do Alto de Santa Catarina (Jardim do Adamastor)*.
<https://informacoeseservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/adamastor>
- CMS - Câmara Municipal de Silves. (s/d). *Castelo de Silves*.
<https://www.cm-silves.pt/pt/menu/106/castelo-de-silves.aspx#prettyPhoto>
- Coelho, A. P. (2015). *Lisboa já descobriu o Tejo?* Público.
<https://www.publico.pt/2015/07/19/culturaipilon/noticia/lisboa-ja-descobriu-o-tejo-1702279>
- DJAA - djaa - Solo cultura, Valencia, arte e historia (s/d). *Historia de la plaza del Ayuntamiento*.
<http://www.jdiezarnal.com/valenciaentornoayuntamientohistoria.html>
- Frade, R. B. (2016). *Cava do Viriato*. Beira Alta, Fortificações, Lugares, Monumentos, Províncias. Portugal num mapa.
<https://www.portugalnummapa.com/cava-de-viriato/>
- Giro, C. (2013). *Landscape Architecture's Core?: Immanent Landscape*. Harvard Design Magazine.
<https://www.harvarddesignmagazine.org/articles/immanent-landscape/>
- Global – Global Arquitetura Paisagista (s/d). *Rehabilitation Lisbon Waterfront – Ribeira das Naus*.
<https://gap.pt/?project=ribeira-das-naus>

- Grupo Inquérito Portugal (2017). *Paisagem como transformação*. Entrevista com o arquiteto paisagista João Nunes, Entrevista, ano 18, n. 072.02, nov. 2017. São Paulo.
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/18.072/6785>
- Grupo Inquérito Portugal (2017). *João Nunes: Arquitetura e Paisagem* [Registo Vídeo].
<https://youtu.be/HiyU1W1XfWw?si=W7LRCvWlWwk1zEHs>
- Guilherme, T. (2017). *Passear pelas histórias da Cava de Viriato em Viseu*. Evasões - Jornal de Notícias.
<https://www.evasoes.pt/ar-livre/passear-pelas-historias-da-cava-viriato-viseu/178495/>
- Harvard GSD - The Harvard Graduate School of Design (2015). *Daniel Urban Kiley Lecture: João Nunes* [Registo Vídeo].
https://www.youtube.com/watch?v=pMM87UtoIKM&t=324s&ab_channel=HarvardGSD
- Home Hunting (2021). Pod'Entrar. *Requalificação Ribeira Das Naus, Paixão por Lisboa e Arquitetura Paisagista | João Nunes (PROAP) #27* [Registo áudio]. Lisboa.
https://www.youtube.com/watch?v=CYALRHcNUWw&t=557s&ab_channel=HomeHunting
- Knowltonosu - The Knowlton School at The Ohio State University (2016). *Baumer Lecture Series, Atmospheres: "HOW THINGS MERGE" with João Nunes* [Registo Vídeo].
https://www.youtube.com/watch?v=PuUQUETgdEo&ab_channel=knowltonosu
- Landezine – Landscape Architecture Platform. (2021). *LILA 2021: João Nunes of PROAP presents the winning Quays of the River Schelde* [Registo vídeo].
https://www.youtube.com/watch?v=Q-kU1AMaCcc&ab_channel=Landezine
- Marinheiro, C. (2001). «Ficar (ou estar) a ver navios». ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa.
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ficar-a-ver-navios/15080>
- Naves, P. (2018). *Expo 98 faz vinte anos: ainda se lembra de como era aquela zona antes da exposição?* New in Town (NiT)
<https://www.nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/expo-98-faz-vinte-anos-ainda-se-lembra-de-como-era-aquela-zona-antes-da-exposicao>
- TCLF - The Cultural Landscape Foundation (2004). *Richard Haag Projects: Gas Works Park* [Registo vídeo]. Washington.
https://www.youtube.com/watch?v=UWE_JZRqZic&ab_channel=TheCulturalLandscapeFoundation
- Pincha, J. P. (2018). *Projecto para Miradouro de Sta. Catarina prevê vedação com dois metros*. Público.
<https://www.publico.pt/2018/11/29/local/noticia/projecto-miradouro-sta-catarina-preve-vedacao-dois-metros-1852941>
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (s/d a). *Miradouro de Santa Catarina*.
<https://www.proap.pt/pt-pt/projecto/miradouro-de-santa-catarina/>

- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (s/d b).
Requalificação do Espaço Público da Ribeira das Naus.
<https://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/>
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (s/d c). *João Nunes.*
<http://www.proap.pt/pt-pt/proap/equipa-4/joao-nunes/>
- PROAP - Proap, Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda. (s/d d). *Iñaki Zoilo.*
<http://www.proap.pt/pt-pt/proap/equipa-4/inaki-zoilo/>
- RTP (2020). *Espaço Público II*, Ep.22 [Registo Vídeo]. *Atelier d'Arquitetura* - RTP Play.
<https://www.rtp.pt/play/p5644/e449739/atelier-arquitetura>
- VMSA arquitectos (s/d). *INATEL Gavião: Turismo em espaço Rural.*
<https://www.mestrealeixo.pt/alamal>
- Wikimedia Foundation. (s/d). *Barragem de Belver.* Wikipédia.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Barragem_de_Belver#Refer%C3%A2ncias
- Wright, F. L. (s.d.). *Form follows function.*
<https://www.guggenheim.org/teaching-materials/the-architecture-of-the-solomon-r-guggenheim-museum/form-follows-function>